



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



JACIRA GIL BERNARDES

**DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA E À INFORMAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM EQUIPAMENTO CULTURAL**

CANOAS

2013

JACIRA GIL BERNARDES

**DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA E À INFORMAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM EQUIPAMENTO CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Accorssi

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Castilhos Fernandes

CANOAS

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B518d Bernardes, Jacira Gil.

Democratização do acesso à leitura e à informação [manuscrito] : a construção coletiva de um equipamento cultural. / Jacira Gil Bernardes. – 2013.

128 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2013.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Aline Accorssi”.

“Co-orientação: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Castilhos Fernandes.”

1. Leitura. 2. Juventude. 3. Educação popular. 4. Bibliotecas. I. Accorssi, Aline. II. Fernandes, Rosa Maria Castilhos. III. Título.

CDU: 028-053.6

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

JACIRA GIL BERNARDES

**DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA E À INFORMAÇÃO:
A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM EQUIPAMENTO CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovada pela Banca Examinadora em 03 de julho de 2013.

Prof^a. Dr^a. Aline Accorssi – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Castilhos Fernandes – Coorientadora

Prof. Dr. Balduino Andreola – Professor UNILASALLE

Prof^a. Dr^a. Aline Reis Calvo Hernandez – Professora UERGS

Prof^a. Dr^a. Marlene Ribeiro – Professora UFRGS

*Para meus filhos Maurício e Marília, as
juventudes como fonte de inspiração, que
enfrentam desafios de uma forma simples.*

AGRADECIMENTOS

Neste momento de agradecimentos, impossível listar todas as pessoas que foram gentis, carinhosas e generosas nesta minha caminhada e que souberam compreender meus sonhos. Mas não posso deixar de fazer alguns agradecimentos especiais para:

.... meus pais Antonio e Anna (In memoriam), por terem me introduzido no mundo da leitura. Aos meus irmãos pela compreensão neste período.

... meus filhos Marília e Maurício pela atenção, paciência e respeito que me deram e pelo pouco que pude oferecer nestes dois últimos anos.

...colegas do Mestrado, que de alguma forma contribuíram para o meu enriquecimento, que me mostraram caminhos novos, de outras profissões, de outros saberes, que tive muito prazer em compartilhar aulas, cafés, almoços, encontros, em especial Marga Ross, que me acompanhou sempre, nos bons e nos difíceis momentos e Felipe Biasus que com o seu “capaz” foi auxiliando no mundo da fotografia.

... os muitos professores e funcionários do Mestrado que me aguentaram, me escutaram e me prepararam neste percurso tão especial.

... minha querida coorientadora, Rosa, que aguentou minhas dúvidas políticas e sociais, sempre me trazendo para o mundo real, tornando um dia qualquer num dia transformador.

... minha orientadora, Aline Accorssi, que resgatou minha confiança, minha fé, minha autoestima e me ensinou o prazer de pesquisar de uma forma tão, tão, tão....

... Lúcia Coutinho, minha guru, meu porto seguro que me restituiu a dignidade.

... a UFRGS, através da Escola de Enfermagem, por ter permitido uma licença tão necessária.

... todo o grupo da Casa das Juventudes, administradores, coordenadores, educadores sociais, oficinairos, equipe técnica, estagiários e principalmente os jovens que ali buscam um novo viver e acreditam que outro mundo é possível. Pelas lições diárias recebidas e pela excepcional acolhida.

...os jovens Fernanda Verdi e Willian Moraes Roberto, que gentilmente me ajudaram com seus conhecimentos técnicos.

...os amigos que se desapegaram de materiais de suas casas e fizeram uma grande doação de livros, revistas, CDS, DVDs e materiais permanentes.

... os amigos do coração, que me incentivaram, mostrando que sempre é tempo de estudar, que sempre é tempo de sonhar e me apoiaram neste momento de transição. Um especial agradecimento à Cris loira (Maria Cristina Lunardi Kern) e a Martha Agustoni que, além de consolo e afeto, me deram muito apoio.

*“Pero ahí vienen bajando
De la montaña
Con la esperanza
Las madres que ven por sus hijos
Y que sus libros
Para la escuela
Son su soñar”*

♪♪ Minas piedras, Juanes

RESUMO

No presente trabalho buscamos refletir o desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e informação na Casa das Juventudes, integrante do Projeto Territórios de Paz, no Bairro Guajuviras, Canoas/RS, Brasil. A Casa das Juventudes é um centro de formação e espaço de convivência, onde funciona o PROTEJO (Proteção de Jovens em Território Vulnerável), projeto social voltado para jovens em situação de violência e outras formas de vulnerabilidade social. Amparamo-nos na teoria de Paulo Freire para o desenvolvimento do trabalho na área da Educação Popular. A abordagem metodológica está orientada pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, através da Pesquisa-ação. Os resultados indicam que a leitura faz parte da vida cotidiana dos jovens, uma vez que os mesmos expressam interesse e iniciativa em ter contato com livros e informações em geral. O acesso à leitura é dificultado em seus cotidianos, por vários motivos tais como: ausência de bibliotecas públicas; equipamentos e espaços culturais públicos inadequados, ou por demais suntuosos, em relação à realidade social em que estes jovens estão inseridos. O não acesso à informação configura-se mais pela falta de acervo adequado nas bibliotecas, associado ao alto custo para a aquisição de livros e outros documentos, do que a falta de interesse pela prática da leitura. Os jovens demonstram vontade de participar da construção de um equipamento cultural na Casa das Juventudes ou no bairro, desde que contemple seus desejos e motivações implicando em um acervo que contenha diferentes tipos de materiais tais como: histórias em quadrinhos, mangás, CDs, filmes e livros de literatura estrangeira, em especial referente à cultura japonesa, mitologia e literatura juvenil. Tendo em vista que este trabalho está inserido em um mestrado profissional e, portanto, gerou um produto final, instalamos, de modo participativo, um Equipamento cultural que possibilitará o acesso à leitura pelos jovens.

Palavras-chave: Leitura; Juventude; Educação popular; Equipamento cultural; Biblioteca.

ABSTRACT

In this paper we reflect about the development of a participatory and collective process of democratization regarding the access to information and reading in the Casa das Juventudes, part of Peace Territories Project, in the District Guajuviras, Canoas / RS, Brasil. Casa das Juventudes is a formation center as well as a living space, where PROTEJO (Protection of Vulnerable Youth in the Territory) is currently in order, a social project aimed for young people in situations of violence and other forms of social vulnerability. We support ourselves by Paulo Freire's theory for work development in the field of Popular Education. The methodological approach is driven by the assumptions of qualitative research, through the Action-Research. Results indicate that reading is part of young people's everyday life, since they express interest and initiative in having contact with books and information in general. The access to reading is hampered in their daily lives for various reasons such as: the lack of public libraries; inadequate equipment and public cultural spaces, or even too sumptuous ones in relation to the social reality in which these young people are included. The lack of access to information is determined more by the lack of adequate collections in libraries, associated with the high costs of purchasing books and other documents, than the lack of interest in reading practice. Young people show a willingness to participate in the construction of cultural facilities in the Casa das Juventudes or in the neighbourhood whereas their desires are covered, implying in a collection which contains different types of materials such as comics, manga, CDs, foreign literature movies and books, particularly related to Japanese culture, mythology and juvenile literature. Considering that such work is part of a professional master and, therefore, generated a final product, we installed, in a participatory manner, cultural equipment which will allow reading access for the young people.

Keywords: Reading; Youth; Popular education; Cultural equipment; Library.

LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1 – Equipamentos culturais na área da leitura, p. 31
- Fig. 2 – Red Capital de Bibliotecas Públicas, p. 37
- Fig. 3 – Bookcrossing, p. 50
- Fig. 4 – Borrachaloteca, p. 52
- Fig. 5 – Carreta literária, p. 56
- Fig. 6 – Tuboteca, p. 62
- Fig. 7 – Organograma da Casa das Juventudes, p. 76
- Fig. 8 – Pesquisa social convencional X Pesquisa-ação, p. 77
- Fig. 9 – Relação pesquisa-ação, p. 78
- Fig. 10 – Pesquisa ação X Pesquisa participante, p. 80
- Fig. 11 – Etapas da pesquisa, p. 81
- Fig. 12 – Preferência dos jovens, p. 92
- Fig. 13 – Estratégias utilizadas, p. 112

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1 – Biblioteca Comunitária Ilê Ará, p. 34
- Fotografia 2 – Biblioteca de Manguinhos, p. 35
- Fotografia 3 – Biblioteca Parque Tomas Carraquilla, p. 36
- Fotografia 4 – Biblioteca Pública Virgilio Barco, p. 37
- Fotografia 5 – Açougue cultural T-Bone, p. 38
- Fotografia 6 – Açougue Cultural T-Bone, p. 39
- Fotografia 7 – Estação cultural, p. 39
- Fotografia 8 – Arca das Letras, p. 40
- Fotografia 9 – Biblioburro, p. 41
- Fotografia 10 – Bibliomotocarro, p. 42
- Fotografia 11 – Bibliomovil, p. 43
- Fotografia 12 – Dino esperto...lê, p. 43
- Fotografia 13 – Bibliopraça de Canoas, Praça dona mocinha, p. 44
- Fotografia 14 – Bibliopraça de Canoas, Praça da Emancipação, p. 45
- Fotografia 15 – Bibliopraia, p. 46
- Fotografia 16 – Bicicloteca, p. 47
- Fotografia 17 – Bibliocicleta, p. 48
- Fotografia 18 – Bondinho da leitura, p. 49
- Fotografia 19 – Troca 1 livro?, p. 51
- Fotografia 20 – Borrachaloteca de Sabará, 2010, p. 52
- Fotografia 21 – Borrachaloteca de Sabará, 2010, p. 53
- Fotografia 22 – Borrachaloteca, 2012, p. 53
- Fotografia 23 – Cabine telefônica, p. 54
- Fotografia 24 – Camel library Kenya, p. 55

- Fotografia 25 – Carreta literária, p. 56
- Fotografia 26 – Mala de leitura, p. 58
- Fotografia 27 – Little Free Library in Easthampton, Massachusetts, p. 59
- Fotografia 28 – Little Free Library, p. 60
- Fotografia 29 – Peçuelos da leitura, p. 61
- Fotografia 30 – Piquenique da leitura, p. 62
- Fotografia 31 – Tuboteca, p. 63
- Fotografia 32 – Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras, p. 71
- Fotografia 33 – Estante da Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras, p. 99
- Fotografia 34 – Estante da Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras, p. 99
- Fotografia 35 – Ensaio da Unidos do Guajuviras, p. 102
- Fotografia 36 – Desfile da Unidos do Guajuviras, p. 103
- Fotografia 37 – Alegoria da Unidos do Guajuviras, p. 103
- Fotografia 38 – Produto final, p. 111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de atendimentos da Casa das Juventudes 2012, p. 75

Gráfico 2 – Média de atendimentos da Casa das Juventudes 2012, p. 75

Gráfico 3 – Preferência de leitura, p. 108

Gráfico 4 - Assuntos de interesse, p. 109

Gráfico 5 – Acesso aos documentos, p. 109

LISTA DE TABELAS

1 – População residente de Canoas, faixa etária de 0 a 29 anos.....	72
---	----

LISTA DE QUADROS

1 – Etapas da pesquisa.....	82
-----------------------------	----

SUMÁRIO

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	17
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	22
1.2 QUESTÕES NORTEADORAS.....	22
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	24
2.1 DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA E À INFORMAÇÃO.....	24
2.2 EQUIPAMENTOS CULTURAIS: LEITURA E INFORMAÇÃO.....	29
2.3 JUVENTUDE X JUVENTUDES.....	63
2.4 EDUCAÇÃO POPULAR COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	68
3 TESSITURAS METODOLÓGICAS.....	71
3.1 CENÁRIO DA PESQUISA.....	71
3.2 O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO.....	76
3.3 PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	83
4 REFLEXÕES DIALÓGICAS.....	86
4.1 LIBEREM OS MANGÁS: JUVENTUDES FRENTE À LEITURA E À INFORMAÇÃO.....	87
4.2 CONSTRUÇÃO COLETIVA DO EQUIPAMENTO CULTURAL: UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO POPULAR.....	98
5 INDO E VINDO – 24 KM DE IDA E 24 KM DE VOLTA.....	113
6 REFERÊNCIAS.....	118
APÊNDICES.....	128

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

*....para mim, é impossível existir sem sonhos.
Paulo Freire (2001a, p. 35)*

O pressuposto de partida para a presente pesquisa é a nossa observação do mundo, do nosso cotidiano e de nossas experiências e a necessidade de aprofundar a reflexão sobre a prática de leitura e os processos educativos especificamente em comunidades reconhecidas socialmente como “populares” ou de “baixa renda”.

No atual momento em que vivemos, de constantes transformações tecnológicas e informacionais, muito se discute sobre leitura, Internet, novos suportes dos documentos e a constante ameaça do término dos livros impressos. Estar “sempre acessível e conectado”, segundo Dupas (2007), é quase uma obrigação e nos sentimos culpados quando assim não procedemos. Neste sentido, mesmo que a “revolução digital” tenha mudado a forma como nos relacionamos e/ou acessamos a informação, é preciso reconhecer que grande parcela da população brasileira ainda se encontra à margem das novas tecnologias e à margem do acesso à informação. Sem poder adquirir equipamentos eletrônicos, livros, revistas e jornais, os grupos socioeconômicos desfavorecidos terão que recorrer a espaços públicos como bibliotecas, casas de cultura ou outros locais disponíveis para a sua inserção cultural. Mas não é o que acontece. Não é fácil ter acesso à leitura, aos livros e à informação: de um modo geral bibliotecas escolares são deficitárias, acervo escasso, sem estrutura física, quando existem. Bibliotecas públicas se apresentam de forma inacessível, seja pela localização, longe da periferia e/ou suntuosas o que afasta e assusta muitas pessoas ou pela sua inexistência. Quando existe um espaço de leitura, a população não o utiliza, não se apropria daquele local porque possivelmente não é adequado a sua realidade, não é adaptada ao seu dia a dia, não é moderno e “inovado” o suficiente.

Frente às novas necessidades do mundo contemporâneo, como podemos compreender o papel da leitura, das bibliotecas e daqueles que nelas trabalham? A realidade em que estão inseridas envolve não somente novas tecnologias, mas também novas formas de oferecimento do acesso, novos espaços de leitura, a

busca ao usuário ausente, através da promoção da leitura, e uma nova visão social de seus papéis.

A escolha da temática desta dissertação nos remete a experiências e desafios da nossa trajetória pessoal e profissional. Devido a isso, pensamos ser importante relatar, ainda que brevemente, alguns fatos marcantes e de onde parte esta pesquisa.

A partir do meu ingresso como funcionária da UFRGS, bibliotecária, exercendo atividades numa das inúmeras bibliotecas, passei a ter contato com a comunidade universitária, incluindo alunos, professores e funcionários. Nos movimentos de luta por melhorias salariais, em 1984, comecei a dialogar, assim como outros colegas, com as diversas categorias de funcionários técnico-administrativos. Toda aquela movimentação, incluindo reuniões por unidades, assembleias gerais, discussões em grupos, culminou numa greve, de duração longa, aproximadamente três meses. Durante este período, de grande ebulição, com muitas atividades, houve uma descoberta relevante e cruel da realidade: a universidade, uma instituição de ensino superior, contava em seus quadros com um número expressivo de funcionários analfabetos. A partir desta descoberta, que foi impactante, pois não tínhamos conhecimento desse fato, e mesmo se fosse só um funcionário já seria chocante, a Associação de Funcionários passou a desenvolver um projeto de Alfabetização de Adultos. O grupo educador envolvido, do qual fiz parte, buscou auxílio com outras experiências desenvolvidas, o que nos levou às obras de Paulo Freire. Esta ação educativa, voltada para a alfabetização de adultos, representou minha primeira atividade na área de educação popular, uma ação política formal e um novo desafio. Este projeto foi o germe de uma proposta de educação de adultos, depois assumida pela Universidade. Alguns anos depois, em 2005, e ainda com esta vontade de percorrer um outro caminho, de mudar o mundo, passei a desenvolver uma atividade fora da universidade, integrando um grupo, sob a forma de trabalho voluntário. Esta ação tinha como objetivo proporcionar o acesso à leitura através da criação de Bibliotecas Comunitárias nas vilas de Porto Alegre. Este processo, voltado para comunidades populares, tinha o intuito de desmistificar a biblioteca, o ambiente e o espaço da leitura. Apesar da implantação de um equipamento cultural sem consulta à comunidade, pois surgiu a partir da solicitação das lideranças, houve uma grande aceitação por parte dos moradores das vilas. Duas bibliotecas foram implantadas, e em especial na que me dediquei, possuía um

espaço físico pequeno, mas muito desejado para utilização da associação comunitária e o conflito foi deflagrado. Marcante na minha trajetória como bibliotecária, este processo gerou dúvidas, frustrações e também o reconhecimento de pontos positivos na riqueza das reflexões pela vivência prática num projeto de cultura e educação popular. O convívio com grupos de adultos, adolescentes e crianças em comunidades regidas pela violência e pelo tráfico de drogas me proporcionou experiências, oportunizando um olhar diferenciado do papel tradicional do bibliotecário e uma nova forma de encarar o mundo como cidadã. Toda esta minha trajetória trouxe, neste momento, o repensar em trabalhar e pesquisar na área da leitura. A leitura como forma de resgate da cidadania e de inclusão social. Neste retorno à pesquisa com engajamento social, este trabalho se tornou uma oportunidade, pois significou a volta a um tema pendente e incompleto, numa sociedade complexa e excludente com a possibilidade de teorizar uma prática e praticar uma teoria. Desafio este que me trouxe incertezas e reflexões na dificuldade desta tarefa, e ainda conciliar a leitura ao trabalho com jovens.

Para pensar tais aspectos, inicialmente é preciso atualizar dados que tratam sobre a questão da leitura no Brasil. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (2011), sobre os Retratos da Leitura no Brasil, que teve como objetivo “Medir intensidade, forma, motivação e condições de leitura da população brasileira”, verifica-se que o brasileiro leu, em média, 1,85 livro nos últimos três meses. Esta média, ainda que possa parecer alta, significa que os brasileiros não leem um livro por mês. É mais baixa comparando com a pesquisa de 2007, que apontava uma média de 2,4 livros nos últimos três meses. Nessa mesma publicação, é indicado que 67% da população pesquisada sabem da existência de uma biblioteca pública na sua cidade ou no seu bairro e 71% consideram de fácil acesso, mas, ao mesmo tempo, 75% não frequentam a biblioteca, 7% usam frequentemente e 17% usam de vez em quando. Constatamos então, que a população sabe da existência das bibliotecas, mas não as utilizam. Com base nessas informações podemos dizer que a formação de uma nova geração de leitores só será possível com novas intervenções, tanto de educadores quanto dos governos na construção de estratégias que democratizem o acesso à leitura no Brasil.

O Primeiro Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais (2011), realizado no ano de 2009, indica que 79% dos municípios brasileiros possuem ao

menos uma biblioteca aberta, o que corresponde no país a 2,67 bibliotecas por 100 mil habitantes, valor este muito abaixo do necessário. Dessas bibliotecas existentes, somente 27% oferecem acesso à internet, o que consiste um atraso. Com todos os recursos e informações disponíveis, não se pode mais falar hoje em bibliotecas sem acesso à Internet, afastando cada vez mais os usuários de locais de leitura.

De acordo com a UNESCO, o acesso à cultura no Brasil é desigual, pois no que se refere ao acesso aos Livros e Bibliotecas:

[...] o brasileiro praticamente não tem o hábito de leitura. A maioria dos livros estão [sic] concentrados nas mãos de muito poucos. O preço médio do livro de leitura é muito elevado quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E. (UNESCO, 2011, p.1)

O governo federal, por meio de políticas públicas, tenta resolver o problema da falta de leitura. Dentre as políticas públicas do Brasil, foi criado o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que é “um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado [...]” (PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA, 2011a, p.1). Muito embora algumas dessas iniciativas já tenham sido realizadas, pensamos que ainda é pouco, não refletindo, na sua totalidade, no dia a dia do brasileiro.

Além dessas ações, é primordial refletir sobre a transformação de espaços de leitura já existentes em espaços de acesso à leitura e à informação. É necessário um pouco mais do que simplesmente entregar um livro a um usuário de biblioteca ou passar uma informação. É fundamental a tomada de consciência, não só por parte dos usuários, mas de todos os cidadãos, de seus direitos e a inclusão informacional como forma de luta pela igualdade, proporcionando meios que permitam ao ser humano seu pleno desenvolvimento de forma a possibilitar sua intervenção enquanto cidadãos no contexto social em que vivem.

Na concepção de Milanesi (1986), o importante na informação e nas bibliotecas é a transformação das ideias, os conflitos que poderão trazer e a valorização da organização de acervos. Numa biblioteca existirá a organização de acervos para desordenar as ideias. Facilitar o acesso à leitura, portanto, é comprometer-se com a disseminação de novos paradigmas em relação à cultura e à educação e uma visão e compreensão críticas da realidade contribuindo, assim, para o exercício da cidadania.

Sabemos e reconhecemos a situação de diversas comunidades em várias cidades, com problemas de drogas, desigualdade social, exclusão social, violência, falta de acesso à informação e à cultura. Escolher um desses muitos locais com esses problemas, conhecê-los e desenvolver uma pesquisa, não é uma tarefa simples. Isso pressupõe a construção de um conhecimento que terá um significado especial para os atores sociais envolvidos e do qual fazem parte os interesses em jogo, as contradições, as possibilidades de mudança a partir das modificações propostas.

Tendo em vista essas reflexões, optamos por trabalhar na Casa das Juventudes, integrante do Projeto Territórios de Paz, no Bairro Guajuviras, Canoas, Rio Grande do Sul. A Casa das Juventudes é um centro de formação e espaço de convivência, onde funciona o Protejo (Proteção de Jovens em Território Vulnerável). Através do Protejo, os jovens são sensibilizados em direitos humanos e formados para a cidadania. A Casa ainda oferece oficinas e espaços para serem compartilhados com os jovens moradores do Bairro.

A inserção nesta comunidade se justifica por ser na cidade de Canoas, cidade do Mestrado Profissional, visando dar maior visibilidade e fortalecimento da imagem da instituição na cidade como centro de estudos e pesquisa. Também é importante ressaltar a existência de uma articulação entre a Fundação La Salle, a Secretaria de Segurança e a Prefeitura Municipal de Canoas no desenvolvimento da Casa das Juventudes.

Frente a tais considerações, o objetivo geral desta pesquisa foi fomentar o desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à informação na Casa das Juventudes em Canoas, RS.

E como objetivos específicos:

- ✓ Compreender os sentidos atribuídos pelos atores sociais sobre a prática de leitura e a informação.
- ✓ Identificar fatores que podem influenciar o processo de democratização do acesso à leitura e à informação.
- ✓ Desenvolver ações que promovam o acesso à leitura e à informação de modo democrático.

Para tanto, partimos do pressuposto que somente uma construção baseada nos princípios de uma ação educativa e popular atinge seus objetivos se houver a participação ativa dos envolvidos, que podem se fazer ouvir e ter suas reivindicações atendidas e a compreensão do valor da informação para o desenvolvimento local. Foi um exercício de escuta, de sentimentos e de sensibilidade.

Por ser um mestrado profissional, com possibilidades de gerar um produto final, concluímos, junto à comunidade e outros atores sociais, a instalação de um equipamento cultural na área da leitura como um espaço social e participativo que poderá possibilitar o acesso à leitura e à informação de jovens e moradores da região.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Tendo em vista a proposta de construção de um processo de democratização do acesso à leitura e à informação numa comunidade periférica na cidade de Canoas, RS, o problema de pesquisa que nos guiou neste período foi: Como se pode fomentar o desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à informação, privilegiando o respeito, a autonomia e a escuta dos indivíduos em sua comunidade?

1.2 QUESTÕES NORTEADORAS

A partir do nosso problema de pesquisa tivemos as seguintes reflexões e inquietações:

- ✓ Quais são os sentidos atribuídos pelos atores sociais sobre a prática de leitura e a democratização do acesso à leitura e à informação?
- ✓ Quais fatores podem influenciar o processo de democratização do acesso à leitura e à informação?

✓ Que ações podem desenvolver a promoção do acesso à leitura e à informação de modo democrático?

A dissertação está organizada em cinco capítulos: neste primeiro tratamos sobre a atualidade no campo da leitura no Brasil e incluímos nossa experiência, expectativas e indagações com relação a este trabalho. Para aprofundar as reflexões, no segundo capítulo, foi construído o corpo teórico que fundamentou esta pesquisa com enfoque na democratização do acesso à leitura e à informação, equipamentos culturais na área da leitura, o tema juventudes e a educação popular como forma de transformação social.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia usada, o cenário da pesquisa e a pesquisa-ação. No quarto capítulo, com o título “Reflexões dialógicas”, analisamos os dados, narramos os acontecimentos e incluímos os resultados. O último capítulo apresenta as nossas conclusões.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

*Não há mudança sem sonho como
não há sonho sem esperança.
(FREIRE, 1999, p. 91)*

Tendo em vista que o trabalho se dedica ao fomento do desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à informação, numa comunidade reconhecida socialmente como “popular” ou de “baixa renda”, que trabalha com jovens, tornou-se necessário ver e rever alguns conceitos nas áreas de exclusão social, democratização do acesso à leitura e equipamentos culturais, juventudes e educação popular, aproveitando o tema leitura como uma nova experiência de pesquisar a partir de uma reflexão-ação.

2.1 DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA E À INFORMAÇÃO

Ao começar a nossa reflexão sobre democratização do acesso à leitura e à informação, pensamos em trabalhar inicialmente com o conceito de exclusão social uma vez que nossa pesquisa foi num local com problemas sociais e dificuldades relacionadas à violência e pobreza. Jodelet (1999) traduz exclusão social por um processo complexo que engloba diferentes aspectos ligados à segregação, marginalização e discriminação. Destacamos especificamente este último aspecto, que é “através do fechamento do acesso a certos bens ou recursos, certos papéis ou status, ou através de um fechamento diferencial ou negativo” (JODELET, 1999, p. 53).

A exclusão social caracteriza-se por um conjunto de situações que normalmente relaciona-se com a falta de emprego, falta de moradia, falta de terra, falta de acesso à educação, à cidadania, a bens, a serviços básicos como água e luz. Porém, a exclusão social não existe somente pelo poder econômico, pela renda familiar ou individual, mas também por outros fatores, como minorias sexuais,

portadores de deficiência, grupos raciais, questões de gênero e uso de drogas, entre outros.

Contudo, cabe ressaltar que no debate em torno da exclusão social há uma ênfase maior com as áreas da saúde, moradia, educação. Pouco se fala em exclusão cultural¹. Qual seria a melhor forma de estimular o desenvolvimento cultural? Qual seria a melhor forma de estímulo à leitura? Qual seria a maneira de todos serem incluídos culturalmente? A estes questionamentos podemos acrescentar o de Klein (2012, p. 62): “Porém, como propiciar cultura com qualidade para as populações urbanas mais pobres?”. Ele acrescenta o problema do acesso como “sendo fundamental, levando-se em consideração a distância destas populações até os equipamentos culturais e os valores de transporte e propriamente entrada para as atividades”.

Refletir sobre democratização do acesso à cultura nos leva à ideia de democracia. Veremos que existem inúmeros conceitos, mas destacamos o de Chauvi (1995, p. 71), pois refere “[...] que a democracia funda-se na igualdade (contra a hierarquia), no direito à informação (contra o segredo) e na invenção de novos direitos segundo novas circunstâncias (contra a rotina)”.

Revisitaremos alguns conceitos de democratização da cultura iniciando com Canedo (2004), que coloca como objetivo a distribuição e a popularização da arte, devendo o estado oferecer a todos o acesso à produção cultural. Não podemos nos restringir à baixa nos preços de espetáculos teatrais ou gratuidade ou diferenciação nos preços, mas ampliar o acesso a bens culturais. O acesso deverá ser de todos a diferentes formas de cultura, com qualidade, de forma igualitária. A facilidade no preço não eliminará a desigualdade cultural, apenas reforçará o que já é forte. Quem já desfruta de bens culturais continuará utilizando talvez com maior intensidade. E quem não possui recursos mesmo baixando os preços continuará não participando, a dificuldade de acesso será a mesma.

Outro autor que conceitua democratização cultural é Teixeira Coelho (COELHO, 2012, p. 162) que acentua a variedade do seu significado, mas define de uma maneira mais restrita: “[...] em seu sentido mais recorrente democratização da cultura é, na essência, um processo de popularização das chamadas artes eruditas (artes plásticas, ópera, música erudita etc.)”. Este conceito não nos contempla, pois pensamos que a democratização da cultura é mais ampla não ficando restrita a artes

eruditas. Ao encontrarmos o conceito de Turino (apud KLEIN, 2012, p. 67), pensamos estar mais próximos da nossa pesquisa:

¹ Exclusão cultural - Queremos nos referir aqui especificamente a dificuldade de acesso das populações aos produtos e equipamentos culturais.

Democratizar a cultura significa amplificar o acesso aos bens culturais universais, permitindo que as pessoas elevem-se à autoconsciência. Ampliar o raio de ação da produção cultural – e não adaptá-la, moldá-la, enfraquecê-la – permite que o indivíduo se aproprie de instrumentos capazes de romper a falsa consciência, alienada e particularista, que o impede de desenvolver uma postura crítica diante do mundo em que vive.

Pensamos que a democratização da cultura tem ligação também com a produção, a criação e à cidadania, e ressaltamos o que diz Chauí (2006, p. 140) ao introduzir a ideia de cidadania cultural, ou seja, “a cultura política democrática abre-se para uma democracia cultural”. Diz respeito à “cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação” (CHAUI, 2006, p. 67).

A importância da valorização da produção da cultura nas próprias comunidades irá refletir e desenvolver a potencialidade dos locais e resgatar os valores culturais daquele grupo. Ao destacar as políticas de democratização cultural Coelho (2012) enfatiza que elas se baseiam na cultura como interesse coletivo e não deve ficar à mercê do mercado, devendo haver consenso. Acrescenta que um dos seus subtipos é o da *democracia participativa*, que procura “incentivar a participação popular no processo de criação cultural e os modos de autogestão das iniciativas culturais” (COELHO, 2012, p. 320). Ainda sobre a produção local e acesso à cultura podemos acrescentar que o acesso diz respeito a utilização dos equipamentos culturais da própria comunidade, do bairro, da cidade e “[...] refere-se à possibilidade de usufruir de bens culturais produzidos pelas coletividades, o que significa ter capacidade e liberdade para dispor delas no jogo complexo de produção e recepção de informações presentes nos bens culturais.” (IPEA, 2007, p.129)

A democratização do acesso à leitura compreende uma série de ações que podem ir além da ampliação de locais públicos para consulta e leitura. Inclui a criação de novos espaços, ações e equipamentos culturais que disponibilizarão a leitura. Esses espaços terão que ser formados e formatados com a participação da

população como requisito fundamental para o desenvolvimento social e da cidadania e deverão fazer transformações necessárias para um grupo, para uma comunidade.

Reforçando a questão da existência de equipamentos culturais, apresentamos algumas considerações de Melo e Peres (2009, p. 12) que argumenta que “a ausência de equipamentos é um dos principais obstáculos à democratização do acesso a manifestações culturais e, mais especificamente, a vivências diversificadas de lazer.” Ainda sobre o tema, em sua concepção “é inconcebível imaginar que grande parte da produção cultural – em suas diversas linguagens e formas de organização – não chegue à maior parte das pessoas.” (MELO; PERES 2009, p. 12)

Entendemos que só através da democratização da informação e da desconstrução de preconceitos, como: “o povo não lê”, “o povo não gosta de literatura”, “não tem sabedoria”, “não precisa de informação, pois não sabe usá-la”, “os jovens não leem”, é que conseguiremos contribuir de forma eficaz para a importância de se repensar o acesso a equipamentos e produtos culturais e a leitura como direito de todo cidadão.

Nas palavras de Ferreira e Barros (2010, p.7), a leitura é uma das formas de reflexão e construção do saber e cada pessoa constrói o seu conhecimento a partir de suas vivências, do seu cotidiano e pode acabar recriando saberes e conhecimentos através de suas leituras. Quando há a socialização do livro e dos bens culturais, iremos ao encontro da democratização do acesso à informação. Para tanto há também a necessidade de políticas culturais desenvolvidas.

Pensamos que a política cultural refere-se a um conjunto de ações a serem planejadas pelo Estado e desenvolvidas pelo Estado e pela população. Coelho (2012, p. 313) entende a política cultural como

[..] programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.

Enfatizando a questão, o Governo Federal, em uma ação coordenada em conjunto com os Ministérios da Educação e Ministério da Cultura, transformou recentemente em decreto o Plano Nacional do Livro e Leitura (2011b, p.1), tendo

como eixos principais: “Democratização do acesso, Fomento à leitura e à formação de Mediadores, Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico, Desenvolvimento da economia do livro”. Como justificativa para este Plano é ressaltada a realidade brasileira com relação a bibliotecas, independente de seu tipo: escolares ou públicas municipais, estaduais.

O tortuoso acesso a livros em escolas e bibliotecas somado ao baixo poder aquisitivo da absoluta maioria dos leitores propicia efetivamente alternativas escassas para que se concretize a leitura. E é preciso sublinhar que o acesso às bibliotecas é pequeno, não apenas por uma questão cultural que remonta à nossa longa história de iletramento, mas porque a rede de bibliotecas no país é reduzida, seja em termos quantitativos, seja em um plano qualitativo. (PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA, 2011c, p.1)

A cidade de Canoas, em 2010, aprovou o seu Plano Municipal de Livro, Leitura e Literatura, o PMLL, com o objetivo de fazer de Canoas uma “Cidade de Leitores, tanto do ponto de vista cultural como educacional” (CANOAS, 2010).

Outros municípios brasileiros, preocupados com seus baixos índices de leitura, estão se voltando para esta questão. Entretanto, pensar somente em números não trará uma melhoria na qualidade da leitura da população. Projetos serão necessários, principalmente em função do próprio PNLL que espera propostas da sociedade. É necessário valorizar a participação comunitária local na construção de seu espaço, na apropriação de sua história e do seu patrimônio cultural, promover o acesso e o interesse pela leitura e despertar na população em geral, e em especial em jovens, o gosto por esta área.

Mesmo na perspectiva de acesso igual para todos, ainda resta uma pergunta: o que cada comunidade realmente deseja? O contexto social da comunidade terá que ser levado em conta e como tal é necessária a participação da população nas decisões e contribuições para a elaboração e aplicação de políticas culturais no Brasil. A participação vai além da presença, “significa tomar parte no processo, emitir opinião, concordar/discordar, enfim, ser um agente ativo” (CORDIOLI, 2010, p. 23). As ideias e as contribuições devem ser respeitadas e valorizadas. Como a participação é um processo, necessita ser construída.

Conhecer as necessidades de uma comunidade, como vivem e seus interesses, é importante para compartilhar um conhecimento, para que possamos desenvolver um trabalho com o grupo. “A criação de uma instância que conhece as

necessidades das comunidades de uma extensa região permitirá uma cooperação mais frutífera com a sociedade civil". (ORNELAS, 2005, p.144)

Contudo, o despreparo dos profissionais para atender as comunidades pode ocasionar o que o Subcomandante Insurgente Marcos (2003 apud ORNELAS, 2005) chamou de Síndrome da Cinderela: a sociedade ao imaginar que pode doar qualquer coisa a comunidades carentes, muitas vezes doa um só pé de um par de sapatos finíssimo.

Existe uma esmola mais solicitada. É aquela praticada por algumas organizações não-governamentais [sic] (ONG) e organismos internacionais. Consiste, grosso modo, em que eles decidem o que as comunidades necessitam e, sem sequer consultá-las, impõem não só determinados projetos, como também os tempos e formas de sua realização. Imaginem o desespero de uma comunidade que necessita de água potável e à qual impingem uma biblioteca; a que precisa de uma escola para as crianças e lhe dão um curso de ervas medicinais. (MARCOS, 2003 apud ORNELAS, 2005, p. 144)

Para que pudéssemos trabalhar com a comunidade a instalação de um equipamento cultural como um espaço social, participativo, possibilitando o acesso à leitura e à informação, analisamos materiais disponíveis sobre equipamentos culturais na área da leitura que apresentamos a seguir.

2.2 EQUIPAMENTOS CULTURAIS: LEITURA E INFORMAÇÃO

Constatamos a necessidade de realizar um levantamento de informações sobre equipamentos culturais na área da leitura para apoiar a nossa pesquisa. E passamos a observar e pesquisar equipamentos já existentes, como subsídio ao nosso trabalho. Esses projetos já estão sendo usados ou em andamento e apresentam oportunidades simples e outras mais ousadas, permitindo o desenvolvimento da promoção da leitura sob diversos aspectos.

Pensamos que a elaboração deste material poderá servir de apoio a bibliotecários, gestores, produtores culturais e enfim, a todos que se interessam pela melhoria da leitura e esperamos contribuir para a área, de maneira prática facilitando a vida desses profissionais.

A área da leitura no Brasil encontra-se fragmentada e em fase de reestruturação através de políticas públicas. As experiências nesta área devem ser compartilhadas para que possamos, com pequeno esforço promover a leitura, seja de forma governamental, individual ou coletiva.

Os equipamentos culturais na área da leitura podem ser trabalhados com e para diferentes faixas etárias. Os profissionais devem estar capacitados, atualizados e preparados para desenvolver projetos que, conforme seu objetivo, possam contribuir ao estímulo na área.

Iniciamos nosso referencial teórico e imagético de equipamentos culturais com um conceito de Coelho (2012, p. 185):

[...] tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis etc.).

São muitas opções para a escolha de um equipamento cultural na área da leitura. Quanto às características podem ser:

Móvel : Por exemplo: Carro-biblioteca.

Imóvel: Por exemplo, bibliotecas, salas de leitura.

Dividido por faixa etária: Voltadas para o público infantil, juvenil, adultos, idosos.

Público: Bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias.

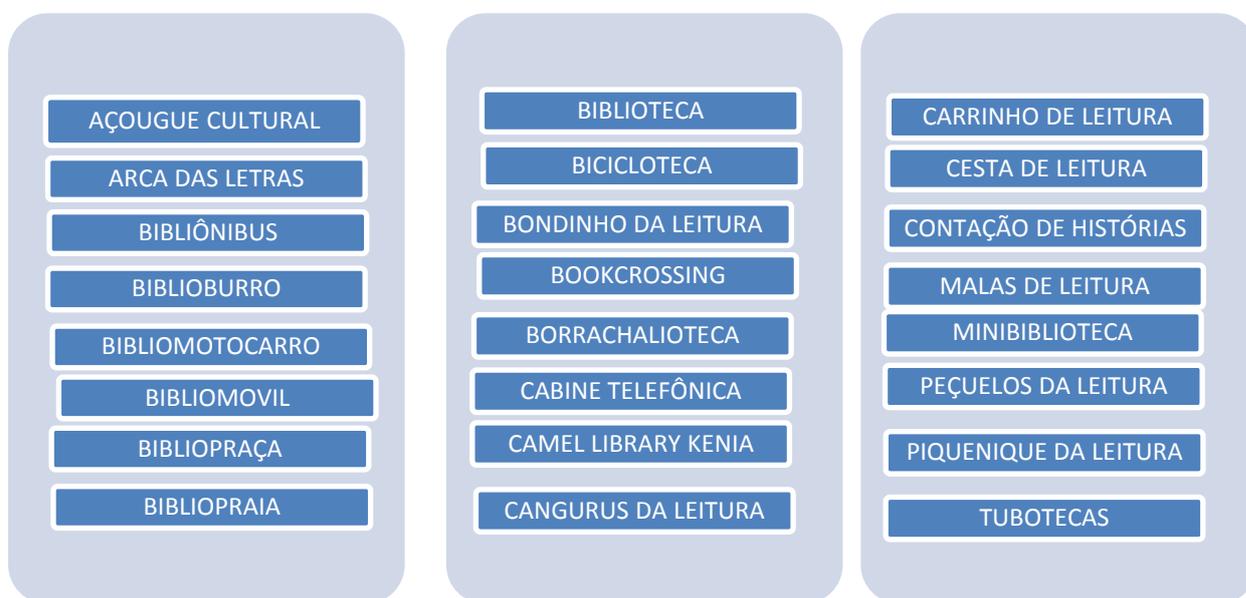
Privado: Contação de histórias numa escola da rede privada.

Interno: Num espaço físico pré-estabelecido, prédios, etc.

Externo: Em parques, ruas, pontos de ônibus.

Na figura 1 mostramos tipos de equipamentos culturais na área de leitura que iremos apresentar a seguir.

Figura 1 - Equipamentos culturais na área da leitura



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013

Mostraremos algumas experiências de democratização da leitura e da informação com alguns percursos sobre biblioteca comunitária, que na verdade é um tipo de biblioteca pública. Machado (2009) define biblioteca comunitária como:

[...] um projeto social que tem por objetivo, estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social. (MACHADO, 2009, p. 91)

A biblioteca comunitária se caracteriza, em sua formação, pela vontade e necessidade de uma comunidade, diferente da biblioteca pública que é formada pelo poder público. Mas a biblioteca comunitária sempre será um tipo de biblioteca pública e, como tal, apresenta características acrescidas de aspectos próprios.

As bibliotecas comunitárias surgem como práticas espontâneas, criadas por grupos, cidadãos comuns, na tentativa de cobrir uma lacuna das políticas públicas, tentando desmistificar a biblioteca, o ambiente e o espaço da leitura. Pelo número insuficiente de bibliotecas escolares ou públicas, a comunidade se organiza e cria uma biblioteca sua, em seu local, dentro de sua comunidade. O Estado não consegue se responsabilizar pela execução de tantas políticas sociais, o que faz com que grupos se organizem e não fiquem esperando a iniciativa pública.

Segundo Gorosito López (2003, p. 40), a biblioteca comunitária se organiza como uma iniciativa solidária e uma experiência com sentido de grupo. A importância e a diferença das bibliotecas comunitárias residem no fato da apropriação do espaço pela comunidade. Muitas bibliotecas lindas, organizadas simplesmente, não possuem usuários e a equipe tem que ir atrás deles. Nestas bibliotecas, o processo é ao contrário: a biblioteca próxima, de fácil acesso aos moradores, em prédio simples, não intimida ninguém, as pessoas não têm receio de entrar nela, não há necessidade de estar “bem arrumado” para retirar livros, todos têm oportunidade de leitura.

Diante da problemática ausência de instituições públicas, as bibliotecas comunitárias, segundo Bastos (2010, p. 54), abrem “[...] espaço para o dizer de sujeitos que estão à margem e que passam a se organizar em prol de si mesmos, de sua comunidade e das demandas não assistidas pelo Estado”. Cada comunidade se voltará para o seu interesse e para as suas necessidades.

Assim como nas bibliotecas públicas, cada cidadão ou cada segmento da sociedade espera diferentes atividades, objetivos e serviços oferecidos. Nas palavras de Suaiden (2000, p.57), cada grupo “[...] têm expectativas diferentes em relação ao papel da biblioteca pública”. Editores acham que o objetivo da biblioteca pública é a formação de leitores e professores querem que a biblioteca pública supra a carência das bibliotecas escolares.

A biblioteca comunitária tem um papel educativo uma vez que

Objetivamente, essas bibliotecas devem criar mecanismos para colaborar no desenvolvimento da sua comunidade, potencializando os próprios talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se como espaços públicos voltados para a emancipação, onde a prática cidadã possa aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva. (MACHADO, 2008, p.51)

Os bibliotecários estão acostumados a trabalhar com novas tecnologias, em ambientes climatizados, com luminosidade adequada e com móveis e equipamentos específicos de uma biblioteca. Trabalhando confortavelmente, convivendo com usuários já educados, que utilizam, em muitos casos, o seu próprio equipamento para consultas e leitura de textos em casa ou na biblioteca. O contraste é gritante entre o dia a dia dos bibliotecários que convivem com as novas tecnologias, bases de dados com múltiplos recursos, ensinando usuários como usar ferramentas poderosas de busca, e a realidade das bibliotecas comunitárias, sem recursos, sem equipamentos e sem pessoal. Mas esta realidade é de muitas comunidades brasileiras. Dentro deste contexto, compreender e interpretar as demandas de uma comunidade não é tarefa fácil, muito menos se o profissional não estiver preparado.

E o que acontece quando se depara com uma realidade diferente, como numa biblioteca comunitária? Uma realidade que lhe é mostrada sem que tenha nenhuma preparação teórica e sem experiência anterior nem com relação aquele tipo de biblioteca nem com relação a um trabalho comunitário, nem com uma realidade sem água, sem luz, sem recursos? A capacidade de ação do profissional bibliotecário é limitada e o conhecimento especializado de nada valerá para atender esse tipo de biblioteca. Como diz Machado (2008), o bibliotecário, com seu “caráter” fortemente técnico, está longe da prática, conservando-se amarrado ao processamento das informações, distanciando-se da realidade e do conhecimento coletivo.

O bibliotecário, numa biblioteca comunitária, deverá exercer sua atividade profissional técnica e ir adiante, exercendo seu papel social. Gorosito Lopez (2009) diz que a biblioteca comunitária é um lugar importante para o desenvolvimento da cultura local e o papel do bibliotecário é de um componente político de transformação social.

Como exemplos de bibliotecas comunitárias apresentamos alguns projetos que estão em desenvolvimento em diversas cidades e países.

Campanha Biblioteca na Vila – Porto Alegre, RS

A Campanha Biblioteca na Vila foi uma experiência que teve como objetivo “Proporcionar o acesso das comunidades carentes à leitura através da criação de Bibliotecas Comunitárias nas vilas de Porto Alegre” (PINHEIRO, 2003). Com este

projeto, coordenado pelo então vereador Juarez Pinheiro, houve a tentativa de mobilizar a comunidade para criação de bibliotecas junto às organizações populares existentes em Porto Alegre. Foram criadas duas bibliotecas comunitárias: Vila Jardim dos Coqueiros e Vila Asa Branca, no ano de 2004.

Com o lema “O livro deve ir aonde o povo está”, o projeto tenta desmistificar a biblioteca. Houve mobilização de muitas pessoas: doadores de livros, os moradores das vilas, a iniciativa privada (com a construção das duas bibliotecas) e voluntários: bibliotecários, estudantes e outros profissionais. Em 2005, as duas bibliotecas passaram a construir e integrar o Projeto “Era uma vez...o Encantamento da Leitura e da Magia da Biblioteca: uma relação com o mundo, transformando a vida e propiciando a cidadania e a inclusão social e digital”, uma parceria entre a UFRGS e a Universidade Solidária (UNISOL). Com esta integração, cada biblioteca passou a contar com bolsistas que passaram a desenvolver atividades para os usuários, pelo período de um ano.

A partir da não reeleição do vereador houve um desaceleramento na implantação das bibliotecas nas vilas, ficando apenas duas em funcionamento.

Biblioteca Comunitária Ilê Ará, no Morro da Cruz – Porto Alegre, RS

A Biblioteca Comunitária Ilê Ará (fotografia 1), está localizada no Morro da Cruz, em Porto Alegre e tem como público-alvo todas as faixas etárias. Este espaço foi criado em 2006.

[...] a partir do projeto Morro da Cruz, com execução do Instituto Leonardo Murialdo, C&A como principal apoiador e a KNH como parceira. O prazer em ler acontece através de mediações de leitura, sarais poéticos, educação de jovens e adultos. (BIBLIOTECA, 2012, p. 1)

Fotografia 1 – Biblioteca comunitária Ilê Ará



Fonte: Biblioteca Ilê Ará, 2012

Biblioteca Parque de Manguinhos – Rio de Janeiro, RJ

A Biblioteca de Manguinhos (fotografia 2) atende a 16 comunidades do Complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, com aproximadamente 100.000 habitantes. “Possui salão principal, salão de leitura, salas para cursos e estudos, espaço multimídia, ludoteca e a sala "Meu Bairro" para reuniões e fóruns comunitários.” Esta biblioteca disponibiliza livros e materiais em outros suportes e realiza atividades culturais. (MAGALHÃES, 2011, p.1)

Fotografia 2 – Biblioteca de Manguinhos



Fonte: Soraia Magalhães, 2011. (MAGALHÃES, 2011).

Bibliotecas Públicas de Medellín – Colômbia

A cidade de Medellín possui um Sistema de Bibliotecas Públicas que surgiu a partir de uma política do governo municipal. Atualmente o Sistema de Bibliotecas Públicas é composto por uma Biblioteca Pública Piloto (que coordena o Sistema), quatro bibliotecas filiais, três de bairros, nove Parques Biblioteca, oito bibliotecas de proximidades e mais a Rede de Bibliotecas Públicas da Área Metropolitana, que contém outras doze unidades de informação.

As bibliotecas possuem diferentes modelos de gestão administrativa e são unificadas pelos serviços apresentados.

Os parques biblioteca (fotografia 3) tem como objetivo dotar a cidade de espaços públicos de qualidade que tenham funções culturais, recreativas, educativas, formação e apoio às comunidades menos favorecidas. (BIBLIOTECA PÚBLICA PILOTO DE MEDELLIN PARA AMÉRICA LATINA, 2013)

Los Parques Biblioteca hacen parte de la gran apuesta cultural que Medellín ha diseñado para convertirse en la ciudad que hoy nos caracteriza. El proyecto ha redefinido las misiones de las bibliotecas públicas, ha mostrado el verdadero rol de las instituciones sociales y privadas, y ha configurado el papel de la comunidad en el desarrollo de nuevos espacios culturales y de conocimiento para su apropiación y beneficio. (BIBLIOTECA PÚBLICA PILOTO DE MEDELLIN PARA AMÉRICA LATINA, 2013)

Fotografia 3 – Biblioteca Parque Tomas Carraquilla



Fonte: Red de bibliotecas Medellín area metropolitana, 2013.

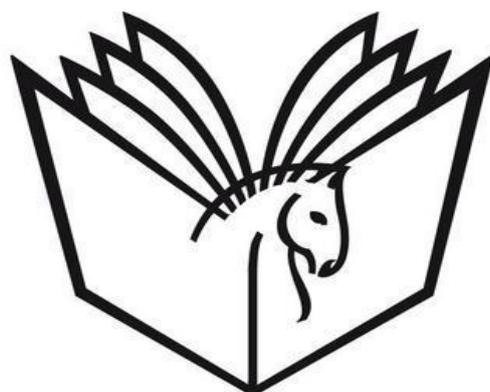
Site: <http://www.reddebibliotecas.org.co/sistemabibliotecas/Paginas/default.aspx>.

Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Sistema-de-Bibliotecas-P%C3%BAblicas-de-Medell%C3%ADn/172378789559141>

Bibliotecas Comunitárias de Bogotá – Colômbia

A BibloRed, (figura 2, fotografia 4) a Rede Capital de Bibliotecas Públicas de Bogotá, é um programa da Prefeitura e da Secretaria de Educação. É formado por quatro bibliotecas maiores, seis locais, dez de bairro e um Bibliônibus. Os serviços oferecidos são na área da promoção da leitura e atividades culturais. A BibloRed atende cerca de 4.600.000 usuários por ano.

FIGURA 2 – Red Capital de Bibliotecas Públicas

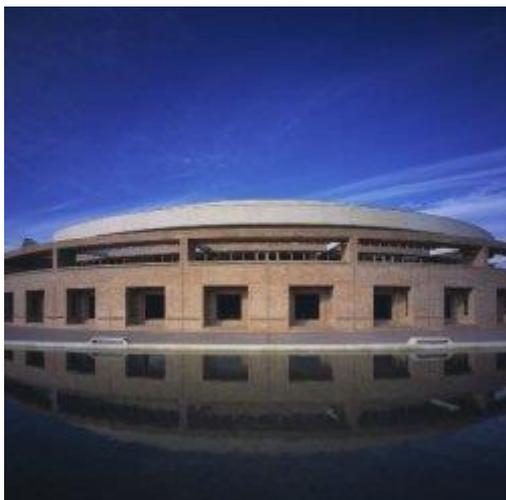


BIBLORED

Red Capital de Bibliotecas Públicas

Fonte: Biblored: Red capital de bibliotecas públicas, 2012.

Fotografia 4 – Biblioteca Pública Virgilio Barco



Fonte: Biblored: Red capital de bibliotecas públicas, 2012.

Site: <http://www.biblored.edu.co/>

Além da biblioteca comunitária outros equipamentos culturais podem promover a leitura. Relatamos a seguir ideias e experiências desenvolvidas para o acesso à leitura tanto no Brasil como em outros países.

Açougue cultural T-Bone – Brasília, DF

Luiz Amorim é o fundador do Açougue Cultural T-Bone (fotografias 5 e 6). Iniciou a trabalhar muito jovem no açougue e conseguiu comprá-lo em 1994. Inicialmente instalou uma estante com 10 livros para emprestar, transformando no primeiro açougue cultural do mundo. Houve uma ampliação, em 2002 foi instalada uma biblioteca comunitária, com 45 mil livros e com inúmeras atividades culturais tais como a Noite cultural. Conforme Amorim (2012, p.1)

A idéia da nossa biblioteca não é resolver a vida literária de ninguém, mas é uma provocação pra tornar os livros mais acessíveis às pessoas, deixar mais à mão. Você vai até a padaria ou a farmácia e tem ali sua mini-biblioteca.

Fotografia 5 – Açougue cultural T-Bone



Fonte: Foto de acervo pessoal de Alexandre Bernardes, 2013.

Fotografia 6 – Açougue cultural T-Bone



Fonte: Foto de acervo pessoal de Alexandre Bernardes, 2013.

O Açougue Cultural desenvolve outros projetos, como a Estação Cultural (fotografia 7) , que coloca à disposição da população livros em paradas de ônibus.

[...] o projeto Estação Cultural que prevê livros disponíveis para empréstimos, organizados em uma estante com iluminação interna; serviço de internet 24 horas com um computador com tela touch screen, desenvolvido com exclusividade para o projeto; e wi-fi com capacidade de 10 megas no raio de um quilômetro. Tudo isso

oferecido gratuitamente para a população em pontos de ônibus de Brasília/DF. (LANÇADO, 2012, p. 1)

Fotografia 7 – Estação cultural



Fonte: Foto de acervo pessoal de Alexandre Bernardes, 2013.

Arca das letras

O Projeto Arca das Letras (fotografia 8) foi criado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário em 2003 e já foram implantadas mais de 8.000 bibliotecas rurais. As bibliotecas são instaladas na casa de algum morador ou em alguma associação rural e a administração das bibliotecas é feito por agentes de leitura.

[...] o programa Arca das Letras promove o acesso à leitura por meio da implantação de bibliotecas nas comunidades rurais brasileiras. Atende famílias de agricultores, assentados da reforma agrária, pescadores, quilombolas, indígenas e populações ribeirinhas. (BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2013, p.1)

Fotografia 8 – Arca das letras



Fonte: FETAG-PB, 2011.

Biblioburro – Colômbia

Projeto desenvolvido pelo professor de ensino fundamental Luis Soriano. Começou o seu trabalho na área de leitura com um homem e dois burros com o objetivo de melhorar a região da Colômbia. Após testemunhar com seus próprios alunos o poder transformador da leitura, Soriano saiu com seus burros levando livros, nos finais de semana (fotografia 9).

Num ritual repetido quase todos os finais de semana da década passada em La Gloria, região da Colômbia fatigada pela guerra, Luis Soriano reuniu seus dois burros, Alfa e Beto, na frente de sua casa numa recente tarde de sábado. Já transpirando sob o implacável sol, ele amarrou nas costas dos animais bolsas com a palavra “Biblioburro” pintada em letras azuis, e as encheu com uma eclética carga de livros destinados aos habitantes das pequenas vilas mais além. (ROMERO, 2008, p.1)

Fotografia 9 – Biblioburro



Fonte: The New York Times. (ROMERO, 2008).

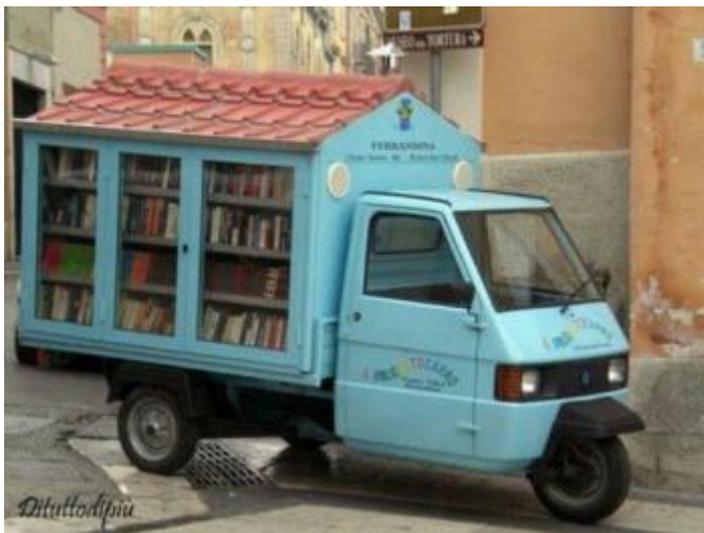
Site: <http://www.fundacionbiblioburro.com/>

Blog: <http://biblioburro.blogspot.com.br/>

Bibliomotocarro – Itália

O bibliomotocarro (fotografia 10) é uma biblioteca itinerante que conta com cerca de 700 livros, que circula no sul da Itália. Criado por Antonio La Cava, de Ferrandina (Matera).

Fotografia 10 - Bibliomotocarro



Fonte: A bell'idea, 2010.

Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Il-Bibliomotocarro/498097456919875?fref=ts>

Bibliomovil – Argentina

Bibliomovil: é uma biblioteca itinerante, construída numa kombi ou num furgão. É um projeto da CONABIP (Comisión Nacional de Bibliotecas Populares, da Argentina) pertencente a Secretaría de Cultura de la Presidencia de la Nación.

Possui estantes com aproximadamente 300 volumes de livros, de vários gêneros e para todas as idades. O Bibliomovil conta também com televisão, aparelho de DVD, computador, para a realização de atividades. (BURATTINI, 2011)

São dez bibliomoveis (fotografia 11) que vão a locais que não tem bibliotecas.

Site: <http://www.bcnbib.gov.ar/bibliomovil.php>

Facebook: <https://www.facebook.com/bibliomovil.conabip.7>

Fotografia 11 - Bibliomovil



Fonte: BURATTINI, 2011.

Bibliônibus – Três Passos, RS

Dino Esperto... Lê! (fotografia 12) é um projeto da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Três Passos. Foi inaugurado em setembro de 2012 e tem como objetivo incentivar a prática da leitura. O acervo possui em torno de 1.800 livros, e o bibliônibus ainda tem TV e sala de leitura. O ônibus vai em escolas, bairros, festas e onde possa oferecer seus serviços. (TRÊS PASSOS. PREFEITURA, 2012)

Fotografia 12 – Dino esperto...lê



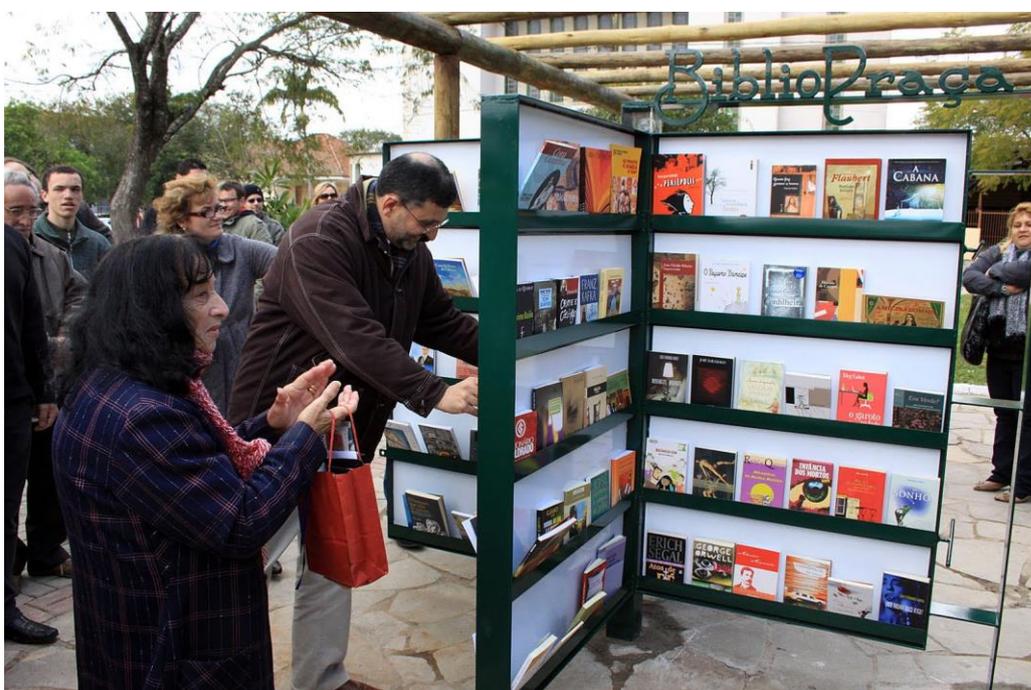
Fonte: Três Passos. Prefeitura, 2012.

Bibliopraça – Canoas, RS

Em agosto de 2010, a Prefeitura Municipal de Canoas inaugurou a primeira Bibliopraça, na Praça Dona Mocinha (fotografia 13), no bairro Niterói. Outras quatro regiões da cidade e o Centro passaram a ser contemplados para a interação das comunidades com os livros. Cada bibliopraça disponibiliza 250 livros, distribuídos na proporção de 30% de obras para o público adulto; 30 % de literatura juvenil; 30% destinado ao público infantil e 10% dos livros de autores canoenses. (CANOAS. PREFEITURA MUNICIPAL, 2010)

A bibliopraça é uma ação que constitui o Programa Municipal de Livro, Leitura e Literatura, focado em quatro eixos: democratização do acesso, fomento à leitura e à formação de mediadores, valorização da leitura e comunicação e desenvolvimento da economia do livro. (CANOAS. PREFEITURA MUNICIPAL, 2010, p.1)

Fotografia 13 – Bibliopraça de Canoas, Praça dona Mocinha



Fonte: Prefeitura Municipal de Canoas (CANOAS. PREFEITURA MUNICIPAL, 2010).

No início de 2013, estava em pleno funcionamento apenas a da Praça da Emancipação, no Centro de Canoas (fotografia 14), as outras quatro estavam aguardando bolsistas para o atendimento.

Fotografia 14 – Bibliopraça de Canoas, Praça da Emancipação



Fonte: Foto do acervo pessoal de Felipe Biasus, 2013.

Bibliopraia – Paraná

O Projeto Bibliopraia (fotografia 15), da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, disponibiliza 1.200 livros em cada unidade, “reunindo verão, sol, praia e livros”. (PARANÁ. SECRETARIA DA CULTURA, 2013) Em cinco pontos do litoral do Paraná, a Bibliopraia permite o empréstimo de livros e revistas. Entre os meses de maio a outubro circulam em outros municípios.

Fotografia 15 - Bibliopraia



Fonte: Secretaria da Cultura do Paraná, 2013. (PARANÁ. SECRETARIA DA CULTURA, 2013).

Bicicloteca – São Paulo, SP

A Bicicloteca (fotografia 16) é um “triciclo com motor elétrico, freios a disco, diferencial traseiro, com um baú acoplado na parte traseira com capacidade para levar 300 livros.”

É uma biblioteca itinerante e funciona atendendo moradores de rua. É desenvolvida pelo Instituto Mobilidade Verde e oferece leitura gratuita através de 10 bicicloteças. Visa “[...] trazer o cidadão novamente para a comunidade e recuperar a auto-estima, hoje estas pessoas fazem parte de uma sociedade invisível e desprezada na cidade.” (BICICLOTECA, 2013, p. 1)



FONTE: Bicicloteca (2013).

Site: <http://biciclotecas.wordpress.com/>

Bibliocicleta – Simões Filho, Ba

De um sonho de instalar uma biblioteca comunitária, um grupo da cidade de Simões Filho, na Bahia, conseguiu um espaço. Através de uma grande campanha conseguiram livros, mas precisaram desocupar o espaço. Com a perspectiva de não terem uma biblioteca fixa, e os livros não poderiam ficar parados, foi criado então uma biblioteca itinerante, a bibliocicleta (fotografia 17). É a união de uma bicicleta com livros. “Desenvolvemos um suporte de carga para livros e materiais didáticos, que funciona também como expositor em locais remotos, onde o acesso ao conhecimento apresenta-se como deficitário.” (BIBLIOCICLETA, 2012, p.1)



FONTE: Bibliocicleta, 2012.

Site: <http://bibliocicleta.com.br/?p=298>

Bondinho da leitura – Curitiba, PR

O Bondinho da leitura (fotografia 18) é um posto fixo de atendimento para empréstimo de livros. Faz parte das ações do programa Curitiba Lê, desenvolvido pela Prefeitura e pela Fundação Cultural de Curitiba.

No acervo, com mais de 2.500 títulos o curitibano pode encontrar clássicos da literatura brasileira e estrangeira. (Fundação Cultural de Curitiba, 2013a)

Site: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/bondinho-da-leitura/>



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2013a.

Bookcrossing

O BookCrossing surgiu nos Estados Unidos com o objetivo de libertar os livros em locais públicos para que um número de pessoas possam lê-los, fazendo circular, democratizando o acesso.

O BookCrossing.com foi criado por Ron Hornbaker em março de 2001, enquanto ele e sua esposa Kaori admiravam o site PhotoTag.org, que rastreia de câmeras descartáveis perdidas no mundo. Ele já sabia da popularidade do WheresGeorge.com (que rastreia dinheiro em circulação nos EUA pelo número serial) e isso o fez pensar: que outro objeto físico as pessoas gostariam de rastrear? Alguns minutos depois, ao olhar para sua própria estante de livros, ocorreu a idéia de rastrear livros. (BOOKCROSSING BRASIL, 2012, f.1)

As regras são: Leia, liberte e siga (figura 3). Cada livro recebe um número de identificação que é colocado na contracapa junto com a explicação. O usuário pode registrá-lo para o seu rastreamento.

Figura 3 – Bookcrossing



Leia

Liberte

Siga

Fonte: Bookcrossing Brasil (2012).

Site: <http://www.bookcrossing.com/>

Site Brasil: <http://www.bookcrossing.com.br/>

Libro al Viento – Bogotá, Colômbia

Com uma estrutura um pouco diferente, mas ainda um tipo de *bookcrossing*, este projeto da cidade de Bogotá, criado pela Secretaria de Cultura, Recreación y Deporte y la Secretaría de Educación, “faz com que milhares de livros circulem de mão em mão, através do sistema de transporte, nos parques, em hospitais, mercados e mais de 100 clubes de leitura.” (BOGOTÁ. SECRETARIA DE CULTURA RECREACIÓN Y DEPORTE, 2012) Através deste programa é publicado um livro por mês para ser distribuído.

Site: <http://www.culturarecreacionydeporte.gov.co/portal/node/79>

Troca 1 livro? – Rio de Janeiro, RJ

O projeto Troca 1 livro? (fotografia 19) já está com dez pontos na cidade do Rio de Janeiro. São caixotes de feiras utilizadas para montar as prateleiras e distribuir as obras nas paradas de ônibus da cidade. “A iniciativa partiu de cinco jovens cariocas, que buscam melhorias e ideias inovadoras para a cidade. Diante desse objetivo, utilizaram caixotes de feiras para montar as prateleiras e distribuir as obras nas paradas de ônibus da cidade.” (PONTOS, 2013)

Fotografia 19 – Troca 1 livro?



FONTE: Pontos de ônibus, 2013.

Borrachaloteca – Sabará, MG

Criado em 2002, o Instituto Cultural Aníbal Machado, mais conhecido como Borrachaloteca (figura 4), está instalado no interior de um borracharia no Bairro Caieira, em Sabará (fotografias 20, 21, 22).

Desde então, a biblioteca tem como principais objetivos fomentar a prática da leitura e a difusão cultural através de textos literários. Com um acervo que possui mais de 10.000 obras literárias, a

Borrachaloteca conta hoje com outras três unidades além da borracharia: a Casa das Artes, a Sala Son Salvador e o Espaço Liberação pela Leitura. (BORRACHALOTECA DE SABARÁ, 2010, p. 1)

Figura 4 – Borrachaloteca



Fonte: Borrachaloteca.blog.spot.com.br. (BORRACHALOTECA, 2013)

Fotografia 20 – Borrachaloteca de Sabará, 2010



Fonte: Borrachaloteca de Sabará, 2010.

Fotografia 21 – Borrachaloteca de Sabará, 2010



Fonte: Borrachaloteca de Sabará, 2010.

Fotografia 22 – Borrachaloteca, 2012



Fonte: Borrachaloteca.blog.spot.com.br. (BORRACHALOTECA, 2013)

Blog: <http://borrachaloteca.blogspot.com.br>

Cabine telefônica – Domerset, Inglaterra

Uma cabine telefônica foi transformada numa minibiblioteca na vila de Somerset Westbury-sub-Mendip, condado de Domerset, na Inglaterra. Os moradores adquiriram por uma libra a cabine telefônica quando foi desativada, levaram livros das próprias casas e colocaram prateleiras. Conta com cerca de 100 livros. Na fotografia 23, vemos a fila de espera para “consultar” a biblioteca. (CABINE, 2011, f.1)

Fotografia 23 – Cabine telefônica



Fonte: Dailymail. (CABINE, 2011).

Camel Library Kenia – Quênia

Camelos (fotografia 24) carregam livros em caixa, numa iniciativa inovadora da Kenya National Library Service em regiões áridas e distantes no norte do Quênia. O uso de camelos para carregar livros iniciou em 1985. (CAMEL, 2012, p.1)

Fotografia 24 – Camel Library Kenia



Fonte: Polis, 2010.

Site: <http://www.knls.ac.ke/index.php/public-library/camel-library>

Cangurus da leitura – Caxias do Sul, RS

O Projeto Cangurus da leitura é desenvolvido pelo *Programa Permanente de Estímulo à Leitura/Livro Meu*, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul, RS. Dispõe de bolsas para transportar livros.

Essas bolsas têm compartimentos internos que lembram a bolsa marsupial do canguru. O nome do projeto tem como referência o canguru - animal conhecido por carregar o filhote em sua bolsa - representando o cuidado e a proximidade afetiva necessária para o desenvolvimento saudável das crianças e suas famílias. São 10 bolsas com 30 livros cada, totalizando 300 livros que circulam entre as famílias da comunidade de Caxias do Sul. (CAXIAS DO SUL. PROGRAMA PERMANENTE DE ESTÍMULO À LEITURA-LIVRO MEU, 2012a, f.1)

Site: <http://ppel.caxias.rs.gov.br/projetos.php?codigo=11>

Carrinho de leitura – Cartagena, Colômbia

Um bom exemplo de carrinho de leitura é La carreta literária, experiência de Cartagena, Colômbia. Criado por Martin Murillo, a carreta (fotografia 25, figura 5) empresta livros na base da confiança. Segundo seu criador:

Mí oficina es la calle, con todo respeto yo soy como las putas. A mí me faltan horas y horas de lectura pero nunca haré lo que hacen

muchos intelectuales, encerrarse con sus conocimientos.
(MURILLO apud LISBOA, 2012, p. 1)

Fotografía 25 – Carreta literária



Fonte: Adriana Lisboa, (LISBOA, 2012).

Figura 5 – Carreta literária



Fonte: La Carreta literaria, 2012.

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/pages/La-Carreta-Literaria-Leamos/65245087175?fref=ts>

Cesta da Leitura – Tramandaí, RS

Muitas experiências nesta área são realizadas, mas podemos mostrar como exemplo a experiência de Tramandaí. A Biblioteca Pública Municipal de Tramandaí, Manoelito de Ornellas, junto com o Departamento Municipal de Cultura, coloca cestas literárias à disposição de pessoas que procuram serviços municipais. A ideia é de que enquanto os usuários enquanto aguardam o atendimento possam ler e até mesmo selecionar material para levar para casa. (TRAMANDAÍ. PREFEITURA MUNICIPAL, 2012, p.1)

Contação de histórias – São Paulo, SP

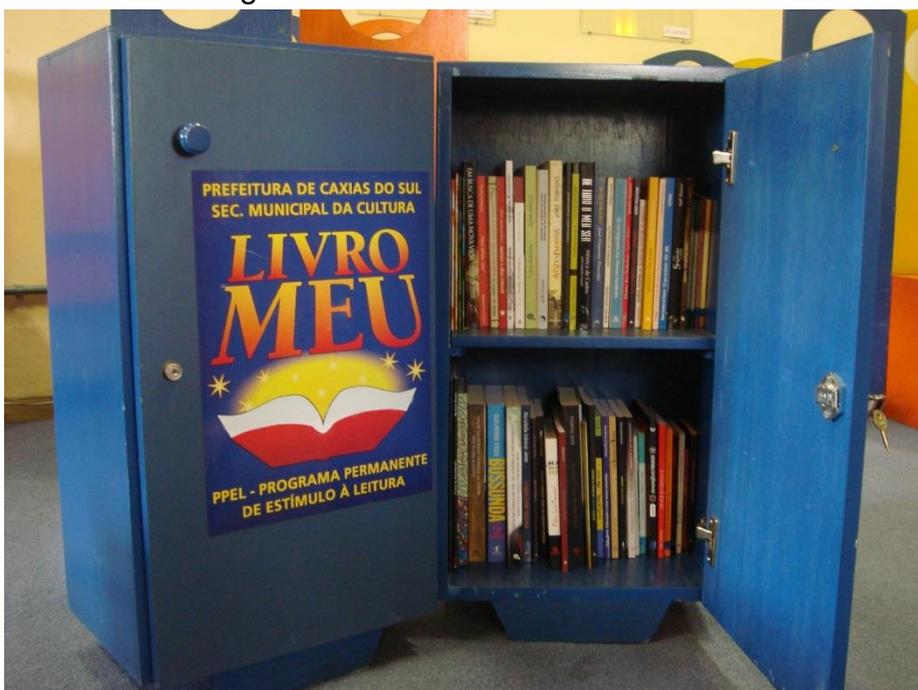
Inúmeros projetos de contação de histórias são desenvolvidos no Brasil em bibliotecas escolares, hospitais, ruas, praças. É um dos principais projetos da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo, assim como a mediação de leitura. “O contar e ouvir histórias remete a essa prática histórica da oralidade, proporcionando aos ouvintes uma oportunidade para desenvolver a imaginação, enriquecer o vocabulário e completar experiências.” (SÃO PAULO. SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS, 2012, p.1)

Malas de leitura – Caxias do Sul, RS

O *Programa Permanente de Estímulo à Leitura-Livro Meu*, de Caxias do Sul, RS propõe o Projeto Malas de Leitura “como uma ação necessária para o contato das pessoas com o livro, entendendo a leitura como direito de todos e também como meio de proporcionar à população um exercício que vem contribuir para a melhoria da saúde pública.” (CAXIAS DO SUL. PROGRAMA PERMANENTE DE ESTÍMULO À LEITURA-LIVRO MEU, 2012b, f.1)

São dez caixas de madeira (fotografia 26) em formato de malas com assuntos bem diversificados. As malas estão disponíveis em Unidades Básicas de Saúde e Centros de Inclusão e Alfabetização Digital para o público que utiliza esses locais.

Fotografia 26 – Mala de leitura



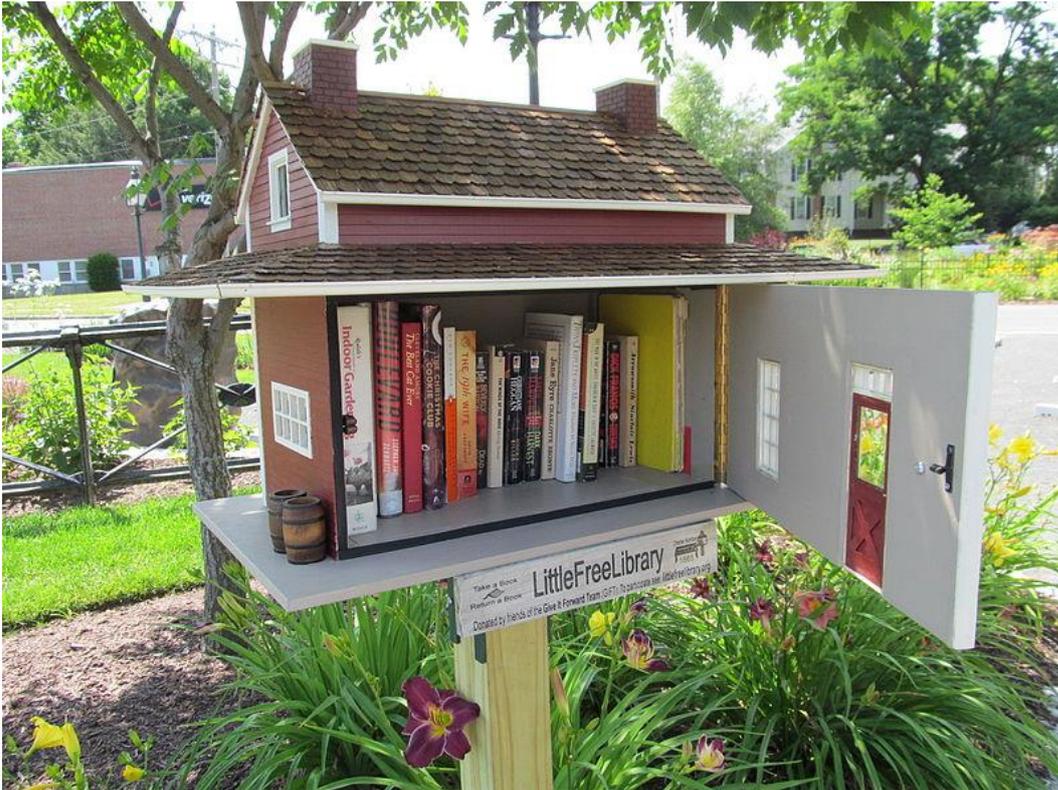
Fonte: Caxias do Sul. Programa Permanente de Estímulo à Leitura/Livro Meu, 2012b.

Minibibliotecas

Algumas bibliotecas se intitulam a “menor biblioteca do mundo”. Já apresentamos a Cabine telefônica transformada em biblioteca. A seguir outros dois modelos que fazem parte do Movimento “Little Free Library” que podem ser chamadas de minibibliotecas.

A “Little Free Library” (pequena biblioteca gratuita, em português) é um movimento de comunidades nos Estados Unidos e no mundo, que oferece livros gratuitos colocados em pequenos suportes para os membros da comunidade local. A ideia foi popularizada em Hudson , Wisconsin. As minibibliotecas (fotografia 27) podem se registrar e é atribuído um número para cada uma. Os usuários são incentivados a levar um livro e deixar outro. Os organizadores recebem uma placa indicativa que diz "Little Free Library". (LITTLE, 2012)

Fotografia 27 – Little Free Library in Easthampton, Massachusetts



Fonte: (LITTLE..., 2012).

Outro modelo é uma pequena biblioteca instalada numa chamativa estrutura amarela, e que está localizada numa rua de Nova York. Só pode entrar um usuário de cada vez para escolher um livro e conta com 40 obras nas estantes. A Little Free Library de Nova York (fotografia 28) está sempre aberta no bairro Nolita, em Manhattan. O projeto foi criado por dois arquitetos venezuelanos, Marcelo Ertorteguy e Sara Valente a partir de um tanque de água feito de plástico, de cabeça para baixo e a armação é de madeira. Os buracos na parte externa permitem ao usuário ver os livros disponíveis antes de entrar na biblioteca. (WORLD'S..., 2013)

Fotografia 28 – Little Free Library



Fonte: John Metcalfe. (WORLD'S..., 2013)

Facebook: <https://www.facebook.com/LittleFreeLibrary?fref=ts>

Peçuelos da leitura – Caxias do Sul, RS

O Projeto Peçuelos da leitura “visa o incentivo à leitura no meio tradicionalista gaúcho e tem por objetivo instrumentar uma leitura prazerosa e fornecer conhecimento sobre a história do Rio Grande do Sul e da Literatura Regionalista.” (CAXIAS DO SUL. PROGRAMA PERMANENTE DE ESTÍMULO À LEITURA-LIVRO MEU, 2012c, f.1)

São cinquenta peçuelos (fotografia 29) que se constituem em “[...] duas sacolas unidas por uma extensão de lona, com livros que o viajante leva na garupa do cavalo, contendo dez títulos cada [...]”. Este Projeto faz parte do *Programa Permanente de Estímulo à Leitura/Livro Meu* vinculado à Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul que está instalado na Antiga Estação Férrea.

Site: <http://ppel.caxias.rs.gov.br/projetos.php?codigo=19>

Fotografia 29 – Peçuelos da leitura



Fonte: Caxias do Sul. Programa Permanente de Estímulo à Leitura/Livro Meu, 2012c.

Piquenique da leitura

Com o slogan “Os livros tem que circular”, a ideia do Piquenique da leitura (fotografia 30) nasceu em Cachoeirinha, no início de 2012, por duas sonhadoras, Rosane Castro e Sônia Zanchetta.

Esta atividade começou a ser feita em outras cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil. Uma ação simples: uma toalha é estendida num parque e são colocados livros à disposição da população. Quem quiser, pode levar para casa. Se tiver interesse, na semana seguinte poderá devolver. (FOTOS...., 2012)

Fotografia 30 – Piquenique da leitura



Fonte: Piqueniquedaleitura.wordpress.com (FOTOS..., 2012).

Blog: <http://piqueniquedaleitura.wordpress.com/>

Tuboteca – Curitiba, PR

Programa desenvolvido pela Fundação Cultural de Curitiba, as tubotecas são pequenas bibliotecas que funcionam dentro das Estações Tubo, do Transporte público de Curitiba. É uma ação em parceria com a Urbanização de Curitiba (Urbs) e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc). Os usuários podem retirar livremente os livros e devolver em qualquer das outras estações, sem necessidade de cadastrar-se. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2013) (Figura 6, fotografia 31)

Figura 6 – Tuboteca



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2013b.

Fotografia 31 – Tuboteca



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2013b.

Site: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/literatura/programas/tuboteca>

Estas são experiências que, entre tantas outras, podem identificar práticas na área da promoção da leitura.

A nossa preocupação na pesquisa foi de que a escolha fosse democrática e participativa, na busca de melhores oportunidades na área cultural e da leitura. A intenção aqui é de refletir acerca do acesso à leitura e à informação como um direito dos cidadãos.

Este nosso desafio de trabalhar com os jovens requer um conhecimento especial, uma vez que vivenciam a realidade de forma diferenciada. Trabalharemos a seguir algumas questões de juventudes.

2.3 JUVENTUDE X JUVENTUDES

Estamos vivenciando um número maior de pesquisas e documentos sobre juventude e encontramos duas formas de caracterizar este termo: no singular e no plural. A discussão sobre juventudes em sua dimensão no plural é apresentada por vários autores, em diversas áreas do conhecimento. Iniciamos nosso texto justificando a utilização do termo no plural através de alguns deles.

Velho e Duarte (2010, p. 7) assinalam que “O plural salienta a complexidade da sociedade moderno-contemporânea, ao mesmo tempo que busca evitar uma simplificação e um empobrecimento das importantes diferenças encontradas e analisadas.” Da mesma maneira, a UNESCO (2004, p. 25), ao falar de políticas para a juventude considera a multiplicidade das culturas juvenis, destacando o plural da palavra juventudes.

Dayrell (2003, p. 42) reafirma o tema, apontando que os jovens

[...] constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes.

Em um sentido semelhante, ao tentar explicar a utilização do termo Juventudes na Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras, Damico (2011, p.139), em sua tese de doutorado diz que:

O uso plural do termo juventude parece indicar que a comunicação, nesse caso, não tem o objetivo de interpelar os/as jovens do Guajuviras, mas demonstrar o quanto os programas do PRONASCI estão conectados e atentos ao universo acadêmico. A intenção parece ser indicar que a noção destacada [...] de que não existe uma única juventude, que ela se desdobra em múltiplos grupos juvenis, que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e que estão imersos em diferentes relações de poder nas sociedades – é incorporada pelo programa.

Desta forma, trataremos e utilizaremos sempre o termo juventudes no plural na tentativa de caracterizar o que representam hoje os jovens.

As juventudes hoje são influenciadas pela rapidez do mundo moderno, a comunicação é *online*, as relações iniciam com o “ficar”, que é passageiro, as interações são todas ao mesmo tempo: pessoais, celular, som, computador, televisão e têm disposição para ficarem conectados 24 horas e estarem em várias redes sociais. Estão disponíveis para, facilmente estabelecerem relacionamentos sociais a distância. Os jovens estão constantemente fazendo escolhas que lhes são próprias e que mudam a cada dia. A linguagem é diferenciada, agrupam-se e se reagrupam constantemente.

Nesta “vida líquida”, conforme Bauman (2007, p. 7), em que tudo é rápido e passageiro com os jovens não poderá ser diferente numa “[...] sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.”

Conforme Galvão (2008, p.1) “As transformações sociais alteraram o modo pelo qual os jovens se colocam diante do mundo.” Ainda ao falar sobre juventudes, referencia a questão da identidade.

[...] Dentro desse quadro, manifesta-se uma nova configuração de identidade que busca referências geograficamente distantes, mas próximas em interesses. Mesmo o hip hop, identidade cultural principalmente de jovens moradores de periferia, foi inserido numa rede de comunicação de massa que atua como uma nova referência para a construção de uma identidade global e inter-territorial. (GALVÃO, 2008, p.1)

Ao ressaltar as mudanças na adolescência, Melucci (1997, p. 8) diz que

[...] a idade na vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. A adolescência, na qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta, inaugura a juventude e constitui sua fase inicial.

Por considerar como uma construção social, Catani e Gilioli (2008) delimitam as juventudes mostrando algumas formas de diferenciação que incluem: “faixa etária”, “maturidade/imaturidade”, “critérios sócioeconômicos”, “estado de espírito, estilo de vida ou setor da cultura”. Dependendo do objetivo da classificação, é necessário que seja respeitado e apresentado esses limites. O “estado de espírito” é explicado por Catani e Gilioli, (2008, p. 14) quando dizem que [...] “mesmo alguém que não esteja na faixa etária qual se costuma delimitar a juventude pode conviver, apresentar-se e expressar-se como jovem.”

Assim, com relação a faixa etária, a Organização das Nações Unidas (2010) define como jovens o grupo de pessoas com idades entre 15 e 24 anos. Os jovens representam 18% da população mundial e 87% vivem em países em desenvolvimento. Da mesma forma, a Política Nacional de Juventude, do Brasil, dispõe que “A juventude é uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária,

que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos.” (CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2006, p. 5)

Independente da faixa etária definida, é fundamental o estudo deste grupo. Dayrell (2003, p. 42) ao falar sobre os jovens ressalta que “A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma.”

“Entender as singularidades e as peculiaridades das juventudes e garantir direitos a esta geração são fatores fundamentais para consolidar a democracia no Brasil, com inclusão social.” (BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2006, p. 5) A partir desta ideia, o Governo Federal iniciou a implantação de políticas públicas de juventude. Foi criado, em 2004, no primeiro mandato do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, um grupo interministerial, coordenado pela Secretaria-Geral da Presidência da República e composto por 19 ministérios, que começou a estudar a situação dos jovens brasileiros. E a partir deste grupo e de seu trabalho foi definida a Política Nacional de Juventude, cuja implementação é coordenada pela Secretaria Nacional de Juventude. Mesmo já sendo estudado desde 2004, o que consideramos recente, as políticas públicas do Brasil para as juventudes, já tem abordado, desenvolvido e apoiado muitos temas e podemos considerar um grande avanço. “Este novo olhar inaugurou uma nova concepção de política pública, que considera a juventude como um segmento social portador de direitos e protagonista do desenvolvimento nacional.” (BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2006, p. 5) Exemplos que podem ser citados é o PROJOVEM², Programa Praças da Juventude³, o PRONASCI⁴ e tantos outros.

Muitos jovens, por sua condição socioeconômica, como outros grupos no Brasil, tem dificuldades de acessar à cultura, o lazer, e outras formas de sociabilidade. Formam novas turmas ou se inserem nos grupos já existentes. Esta formação ou inserção em grupos já formados é uma opção “barata”, acessível,

²PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

³PROGRAMA PRAÇAS DA JUVENTUDE – O programa destina-se a comunidades situadas em espaços urbanos com reduzido ou nenhum acesso a equipamentos públicos de esporte e lazer, aliando saúde, bem-estar e qualidade devida a atividades sócio-educativas. (BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2012)

⁴PRONASCI – Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania realiza diversas ações na área da segurança com cidadania, com atenção à faixa etária entre 15 e 24 anos é priorizada. (BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2012)

trazendo resultados imediatos. Sposito (2006, p. 100) nos diz que “[...] é preciso considerar que o momento da juventude é rico em manifestação da sociabilidade [...]”.

Já Catani e Gilioli (2008) ressaltam a procura das juventudes por espaços públicos de lazer.

Se observarmos que os jovens de condições sociais modestas quase não têm espaços públicos que os acolham ou lhes ofereçam oportunidades, as gangues e as outras “tribos” urbanas podem ser consideradas espaços organizados de socialização que os habilitam para a sobrevivência em um ambiente social hostil e constituem um referencial para lidar com as instituições tradicionais (escola, família, etc.). (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 101)

Em seu tempo livre, “[...] os jovens constroem suas próprias normas, expressões culturais, ritos, simbologia e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto.” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p.176). E muitos jovens utilizam o seu tempo livre dedicando-se a música. A música é um produto cultural consumido pelos jovens.

A música acompanha os jovens em grande parte das situações no decorrer da vida cotidiana: música como fundo, música como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo e artístico; são múltiplas as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior e das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida do que apenas escutada. (DAYRELL, 2001, p.21)

Assim como a música, os jovens demonstram outros interesses como os jogos, a Internet, esportes, e tantas outras atividades que se apresentam no cotidiano. Mas e a leitura, onde entra neste interesse? A leitura é um ponto de atenção para as juventudes?

Motivados pela questão da leitura achamos importante repensar este tema com os jovens. Em seu texto sobre leitura e juventude, Areias (2008) analisa a leitura do dia a dia dos jovens, mais especificamente sobre a leitura na escola. E reflete:

Muito se tem discutido sobre o fato de que os jovens não lêem e não se interessam pela leitura. Contudo, alguns discursos são de gênese duvidosa, pois não levam em consideração quais são as formas alternativas de leitura dos jovens, padronizando, assim, leituras ideais. (AREIAS, 2008, p.1)

Trabalhamos com a leitura e com os jovens e para contemplar tal entendimento, entendemos que os jovens foram sujeitos ativos no processo de construção coletiva e dialogamos com eles em todas as etapas de nossa pesquisa, incluindo sempre os princípios básicos da educação popular.

Ao trabalharmos com os jovens tentamos buscar o seu contexto, procurando não se relacionar de forma tradicional o que caracterizaria uma “educação tradicional”. A maneira como abordamos os jovens, o diálogo e o olhar puderam definir uma educação popular, uma educação mais crítica, mais libertadora.

Neste sentido, encontramos na literatura que trata sobre a educação popular reflexões interessantes.

2.4 EDUCAÇÃO POPULAR COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Não poderíamos iniciar nossa reflexão sobre educação popular, como forma de transformação social, sem citar Paulo Freire, ainda tão atual no século XXI:

Através da *Educação Popular* as pessoas do bairro ou da favela aprendem a transformar suas dificuldades em melhor viver. Essa Educação acontece ao mesmo tempo em que a cidade muda de cara e vira melhor viver. O *Movimento Popular* é a escola viva onde isso ocorre. Mesmo que as pessoas não se dêem [sic] conta, elas estão na escola, elas aprendem que é possível enfrentar dificuldades. (FREIRE; NOGUEIRA, 2007, p. 66)

A educação popular está relacionada diretamente com a educação, com o povo, permitindo a compreensão do mundo no qual estão inseridos, sendo uma educação coletiva. Os processos educativos populares são sempre coletivos, nunca individuais. Em sua obra *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire (2006a) nos diz que a pedagogia tem que ser forjada com o povo e não para o povo.

A educação popular poderá ocorrer com a observação do que podemos chamar de categorias de Paulo Freire, apontadas por Ghiggi (2010, p.114): a libertação, a práxis, esperança, conscientização, cultura e diálogo. Isto significa dizer

que nosso trabalho, dentro dos princípios de educação popular apresentará essas categorias a serem desenvolvidas sob diversos aspectos. O popular da Educação significa o trabalhar com propostas educativas com desfavorecidos, excluídos, oprimidos, propondo intervenção na realidade, na tentativa de colocar em prática a construção de caminhos de transformação e de libertação.

A educação popular que nos propusemos foi aquela que consideramos permanente, é o dia a dia dos jovens em que se mesclam atividades formais e informais. É a prática educativa diária. Como coloca Freire (2001b), não é possível ser gente sem estar envolvido com alguma prática educativa. Acrescentamos que não é possível ser gente sem ter esperança. A esperança baseada na perspectiva de um mundo melhor.

Refletir sobre uma ação cultural para a melhoria da leitura e tratar de compreender esta ação cultural como educação e como prática social conscientizadora é fundamental. Paulo Freire (1980, p. 91) diz que “Enquanto ação cultural para a liberdade se caracteriza pelo diálogo e seu fim principal é conscientizar as massas, a ação cultural para a dominação se opõe ao diálogo e serve para domesticá-las.”

Nesta concepção da busca pela igualdade, o diálogo é um recurso que utilizamos, com todos tendo o direito a escutar e ser escutado. O diálogo, que prevê e se realiza na realidade, propõe reflexões, troca de saberes, decisões sobre procedimentos a partir do grupo. Ao falar sobre as reinvenções de Paulo Freire sobre o diálogo, Andreola (2006, p. 32) reflete:

Freire era a tal ponto apaixonado pelo diálogo que o recriava e reinventava continuamente, elaborando novas formas de praticá-lo e promovê-lo. Quando ele não podia dialogar diretamente com seus interlocutores, supria o diálogo com seus escritos. Vários de seus livros ele os escreveu como se fossem cartas destinadas a seus(suas) leitores(as).

O papel do educador popular é, junto com o educando, compartilhar a realidade, caminhar junto na conscientização, na leitura crítica do mundo e no respeito. Em sua obra *Pedagogia da autonomia*, Freire (1996) coloca novamente a situação do ensinar e do aprender, ressaltando a importância do respeito aos saberes dos educandos. E isso inclui a valorização do saber do outro, reconhecendo o seu conhecimento, diferenciado do nosso.

[...] respeitando os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam - estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade. (FREIRE, 1984, p. 31)

A nossa tentativa de trabalhar “com o povo”, buscando de forma participativa respostas aos seus anseios, leva a uma pedagogia humanizadora. O nosso “povo” em questão são os jovens da Casa das Juventudes. Não utilizamos uma forma de trabalho em que o “educador” implante a sua metodologia, implante as suas ideias e o seu discurso. Não adianta “encher a vasilha”, como diz Paulo Freire (2006a). O discurso “tu tens que ler”, “tu tens que ler o que é indicado” em nada resultará.

Para tal tarefa de educação popular desenvolvemos a metodologia da pesquisa-ação, descrita a seguir.

3. TESSITURAS METODOLÓGICAS

Fala-se muito do desencantamento do mundo e encantá-lo de novo é um projecto imprescindível. Também se fala muito da agressividade e da violência actuais, e convém recordar que a leitura é uma grande pacificadora. (MARINA; VÁLGONA, 2007, p. 17)

Como nosso objetivo foi fomentar o desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à informação na Casa das Juventudes, em Canoas, RS, iniciamos este capítulo com uma pequena apresentação do nosso local de pesquisa, em seguida apresentaremos a metodologia utilizada, a pesquisa-ação, as decisões metodológicas e os procedimentos para produção e análise das informações.

3.1 CENÁRIO DA PESQUISA

Bairro Guajuviras, Casa das Juventudes

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Casa das Juventudes, integrante do Projeto Territórios de Paz, no Bairro Guajuviras, Canoas, RS (fotografia 32).

Fotografia 32 – Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2012.

A cidade de Canoas possui, segundo dados do IBGE (2011, p.1), uma população de 323.827 habitantes e o Bairro Guajuviras é o segundo maior por número de habitantes, com 52.317, representando 16% da população da cidade, que é a maior da Região Metropolitana de Porto Alegre e possui “44% de sua população com menos de 29 anos” (ASSUNÇÃO, 2010, p. 7). A partir dos dados do IBGE (2011) sobre a população de Canoas, construímos a tabela 1.

Tabela 1 – População residente de Canoas, faixa etária de 0 a 29 anos

POPULAÇÃO RESIDENTE	NÚMERO DE PESSOAS	PERCENTUAL
0 A 4 ANOS	21938	6,7
5 A 9 ANOS	23609	7,2
10 A 14 ANOS	27120	8,3
15 A 19 ANOS	26391	8,1
20 A 24 ANOS	27226	8,4
25 A 29 ANOS	28967	8,9
TOTAL	155257	47,6

Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013.

O Bairro Guajuviras iniciou com a ocupação do Conjunto Habitacional Guajuviras, no dia 17 de abril de 1987, uma das mais conhecidas do sul do Brasil. Hoje, com 26 anos de existência, enfrenta problemas relacionados à violência, à pobreza, à falta de infraestrutura em diversas áreas, como saúde, habitação, cultura, saneamento. O Bairro tornou-se um dos Territórios de Paz, projeto do Governo Federal articulado com a Prefeitura Municipal de Canoas, e recebe recursos do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), que é desenvolvido pelo Ministério da Justiça.

O PRONASCI trabalha no enfrentamento à criminalidade, articulando políticas de segurança com ações sociais e prevenção e busca atingir as causas que levam à violência (BRASIL. PRONASCI, 2010, p.1). O Bairro está monitorado com câmeras de vídeo e com o Sistema de Detecção de Disparos de Armas de Fogo, que é inédito no Brasil.

O Bairro Guajuviras possui várias escolas, municipais e estaduais: três escolas de educação infantil, quatro escolas de ensino fundamental, duas das

escolas fundamentais oferecem também educação para jovens e adultos, três escolas estaduais com ensino médio, um centro cultural, duas escolas de samba, um ginásio, várias praças. Com relação à leitura existe a previsão de instalação de uma Bibliopraça no bairro e localizamos uma biblioteca na Sub-Prefeitura.

A Casa das Juventudes, que é um dos projetos sociais do Território de Paz⁵, é um centro de formação e espaço de convivência, onde funciona o Protejo (Proteção de Jovens em Território Vulnerável), integrante do PRONASCI.

O Projeto de Proteção de Jovens em Território Vulnerável (Protejo) atua na formação da cidadania e no resgate dos jovens em situação de vulnerabilidade, por meio de atividades culturais, esportivas, educacionais e profissionalizantes, num Percurso Social Formativo de 800 horas. Cada participante recebe uma bolsa de R\$ 100,00 por mês, durante o período de formação. (BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2006, p. 15)

Inicialmente, tinha como público-alvo, jovens de 15 a 24 anos⁶, preferencialmente em situação de violência e vulnerabilidade social. Já houve uma ampliação para atender jovens de 12 a 29 anos.

A Casa das Juventudes está ligada à Prefeitura Municipal de Canoas, é gerida pela Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania de Canoas e a coordenação técnica dos trabalhos é realizada pela Fundação La Salle.

A inauguração foi em 26 de junho de 2010, numa tarde de sábado, com a presença de autoridades ligadas ao projeto, como Neusa Mueller, do Ministério da Justiça, o prefeito Jairo Jorge e o secretário municipal de Segurança Pública da época, Alberto Koppitke, representantes da Fundação La Salle e o rapper MV Bill, escolhido pela organização do evento pelas letras de suas músicas marcadas pela denúncia social e pelo trabalho comunitário que desenvolve. (CASA, 2010) Iniciou oferecendo atividades em três núcleos: direitos humanos, cultura digital e artístico-cultural (teatro, música, dança, grafite). No ano de 2012, começou a se reestruturar, redesenhando a sua própria organização. Esta reorganização incluiu a

⁵ Outros projetos sociais existentes no Território de Paz do bairro Guajuviras: Mulheres da Paz, Justiça comunitária, Agência da Boa Notícia.

⁶ Com relação a idade, a Casa das Juventudes recebe um público com uma variação mais ampla. O limite de 15 a 24 anos está relacionado diretamente aos jovens que participam das atividades do PROTEJO. A aceitação da faixa etária mais baixa ou alta irá variar conforme a atividade oferecida, mas a idade máxima para a aceitação é de 29 anos.

desativação do Núcleo de Direitos Humanos, passando esta tarefa para todos os outros núcleos, isto é, compartilhando a responsabilidade de discutir o assunto com todos os educadores sociais, e foi formado o Núcleo de Geração de Renda.

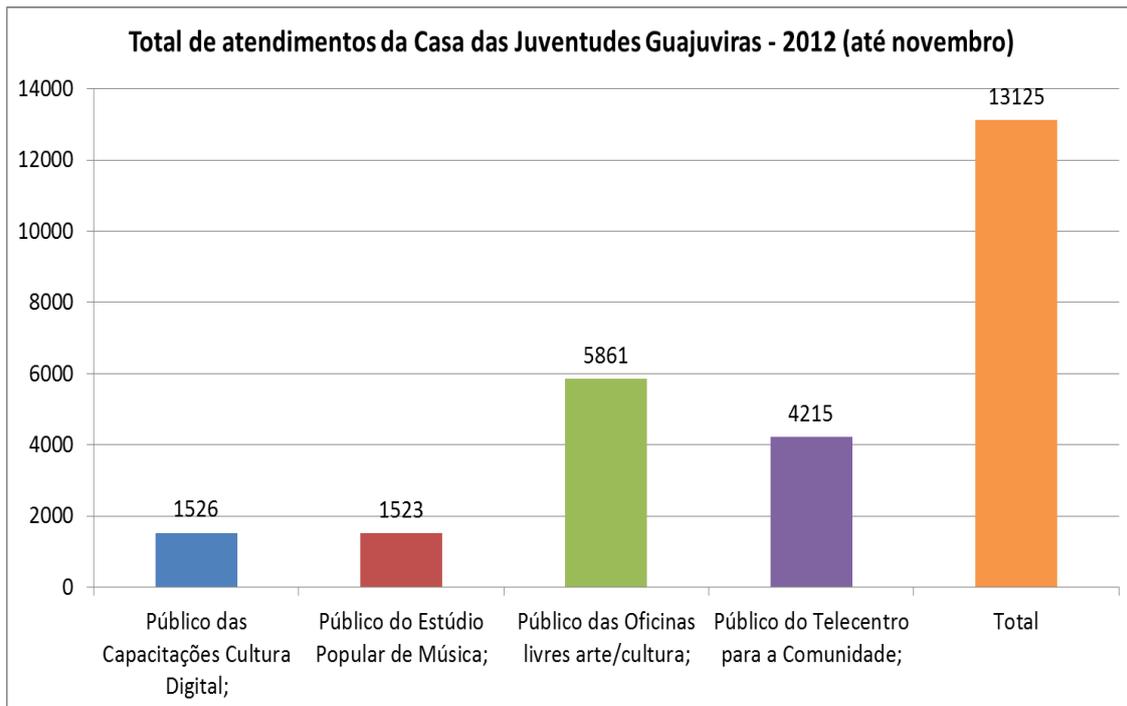
Além do Protejo, a Casa oferece outras atividades e espaços, como dois telecentros, estúdio de música aberto à comunidade e oferece oficinas variadas para os jovens do Bairro Guajuviras, como dança (*hip hop, funk*), teatro, música, grafite, entre outras.

Com relação a estrutura física, a Casa não possui rampas ou elevador, impedindo o acesso em salas do segundo ou do terceiro andar aos jovens portadores de deficiência física. Como os telecentros e o estúdio de música funcionam no andar térreo, algumas atividades têm o acesso facilitado. Conforme Fernandes e Closs (2012, p.196-197), ao falarem sobre acessibilidade: “O direito de participar da vida cultural é um dos direitos mais básicos, trazendo à tona uma relação entre os direitos humanos, a cultura e o desenvolvimento cultural.”

Em 2012, a circulação de jovens na Casa foi grande conforme mostra o gráfico 1. A Casa atendeu: integrantes do PROTEJO, que formou uma turma em junho de 2012; jovens que utilizam os telecentros e estúdio de música, que fazem oficinas e que também vão à Casa para encontrar os amigos.

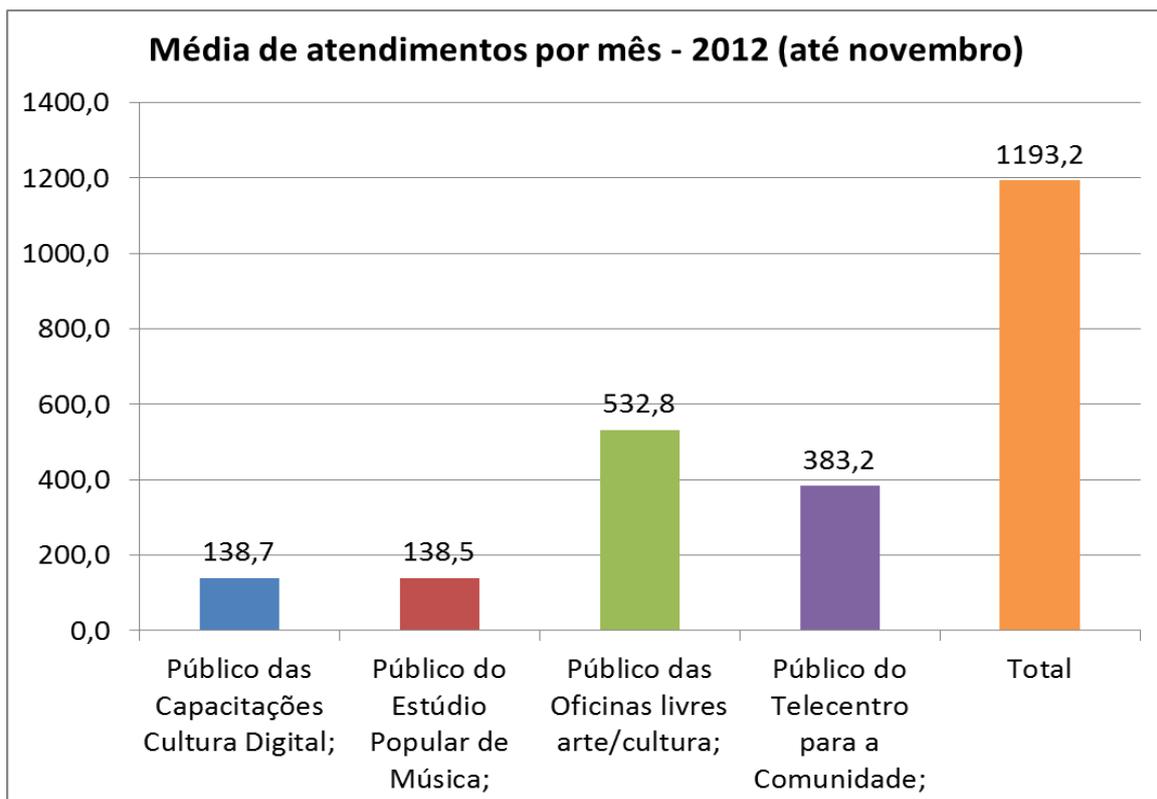
O Observatório de Segurança de Canoas (2012) analisou, a partir de quatro indicadores, a Casa das Juventudes e suas atividades e ficou constatado que, no período de janeiro a novembro de 2012, a Casa realizou 13.125 atendimentos distribuídos de acordo com os gráficos 1 e 2:

Gráfico 1 – Total de atendimentos da Casa das Juventudes, 2012



Fonte: Observatório de Segurança de Canoas, 2012.

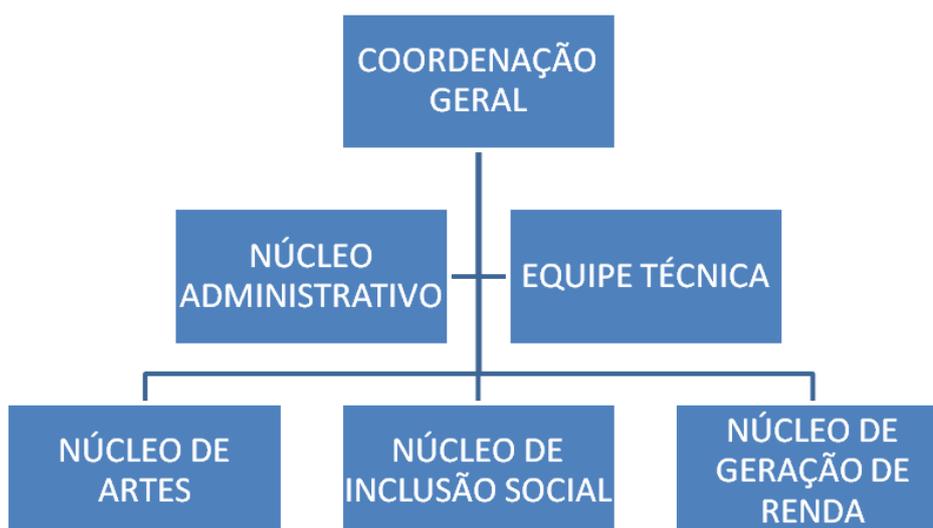
Gráfico 2 – Média de atendimentos da Casa das Juventudes, 2012



Fonte: Observatório de Segurança de Canoas, 2012.

No que diz respeito a recursos humanos, a Casa das Juventudes possuía, em 2012, em torno de 30 pessoas entre equipe técnica (psicólogo, assistente social, educador social), oficineiros, funcionários e estagiários. Em 2012, a Casa estava organizada conforme o organograma apresentado na figura 7. A partir de março de 2013, a Casa começou a se reestruturar, em função de mudanças administrativas na Secretaria Municipal de Segurança e Cidadania de Canoas.

Figura 7 – Organograma da Casa das Juventudes



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2012.

3.2 O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa-ação oferece a oportunidade de irmos ao encontro das necessidades e da solução de problemas, através da imersão na comunidade. Exige, portanto uma relação entre pesquisador e pesquisado que é construída num patamar de igualdade. A pesquisa-ação segundo Thiollent (1986, p. 14)

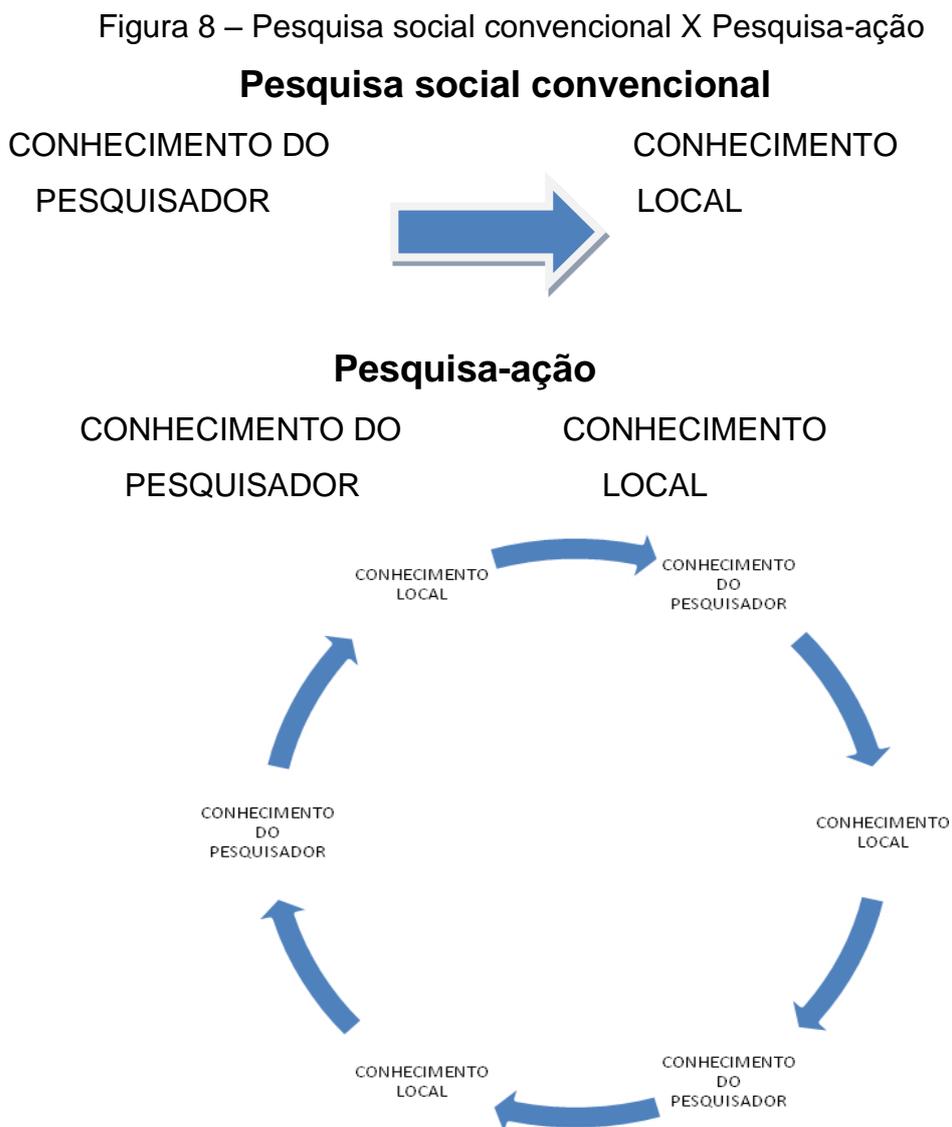
[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Neste sentido, estivemos implicados diretamente na ação, em comunicação direta com os atores, com parceria. Entendemos que a trajetória da metodologia foi se constituindo durante o processo de investigação. As adaptações foram feitas e

aceitas, sem comprometer a pesquisa, o seu andamento e a qualidade do processo como um todo.

Foi por meio do trabalho em conjunto que se criou uma dinâmica de pesquisa e de ação. A comunicação verbal que estabelecemos com os pesquisados foi um elemento importante para perceber situações que aconteçam no contexto diário.

A pesquisa-ação se diferencia de outras metodologias mais convencionais pela mediação entre as reflexões (pesquisador) e as vivências (conhecimento local) (figura 8).

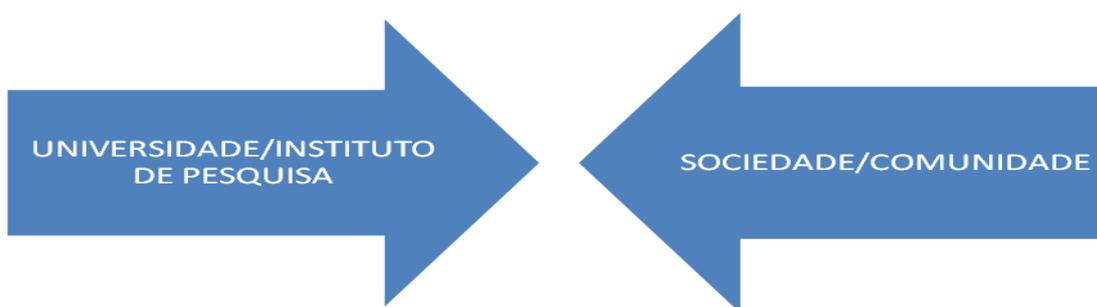


Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2012.

A pesquisa-ação oferece a possibilidade de aproximação entre a universidade e a sociedade (figura 9). Não utiliza os serviços de extensão das universidades, usando a pesquisa como forma de interação com a comunidade, objetivando a ação.

Os interesses sociais são articulados com os interesses científicos dos pesquisadores e a produção do conhecimento científico ocorre assim estreitamente ligada à satisfação de necessidades dos grupos sociais que não têm poder para pôr o conhecimento técnico e especializado ao seu serviço pela via mercantil. (SANTOS, 2004?, p. 55).

Figura 9 – Relação pesquisa-ação



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2012.

A pesquisa-ação gera o conhecimento por meio de uma ação e da pesquisa e utiliza a democracia participativa como método.

É uma pesquisa participante na qual trabalhamos junto com os colaboradores locais na busca de soluções para os seus problemas. Gajardo (1986, p. 44) coloca que “*Pesquisa participante* é o termo usado com mais frequência, na atualidade, para fazer referência às experiências que procuram conhecer, transformando.”

A pesquisa participante, segundo Brandão (2006, p.11) permite que pessoas possam: “Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a História através da *sua* história.” E ainda falando sobre os participantes da pesquisa:

Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *gente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram

sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular. (BRANDÃO, 2006, p.11)

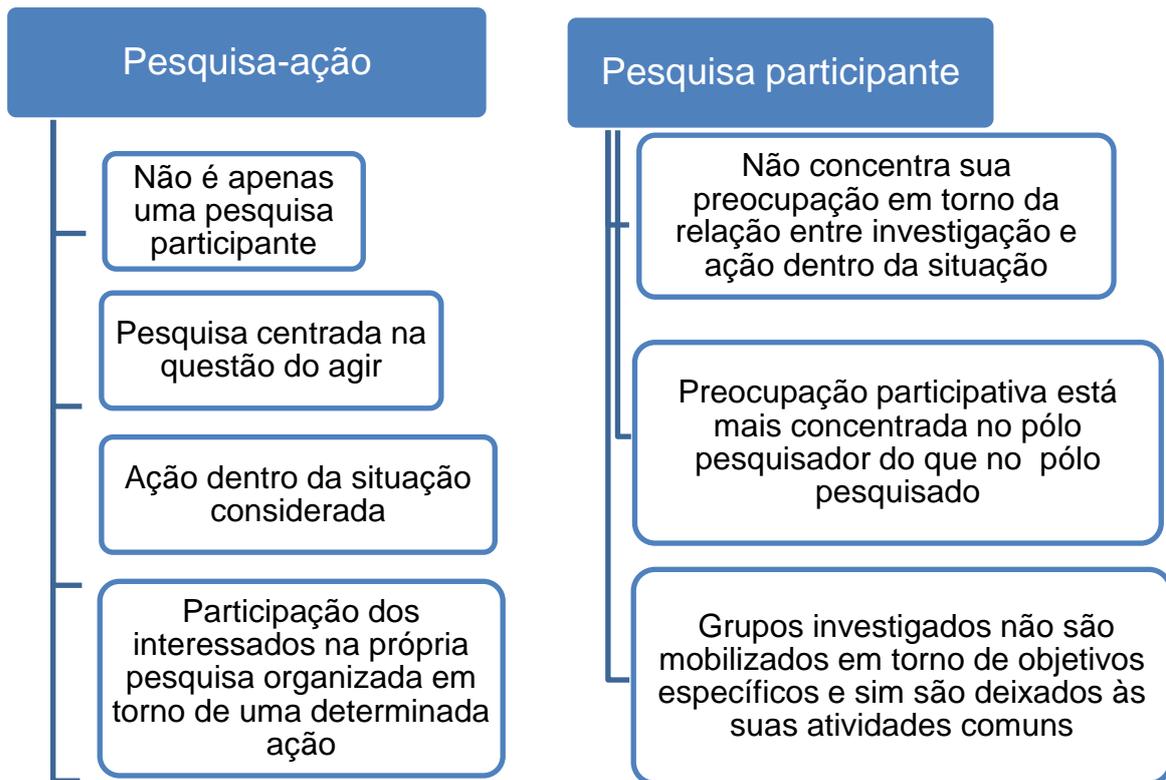
Mas a pesquisa-ação é um pouco mais que pesquisa participante e tem, segundo Baldissera (2001, p. 24), como característica principal “a intervenção”, e “se presta tanto à ação educativa, como conscientizadora com os envolvidos no processo de pesquisa.”

Demo (2008, p. 108) que, sem querer polemizar, opta pela pesquisa participante, coloca que a pesquisa-ação “[...] volta-se para a intervenção. Mas não implica que exista processo participativo propriamente dito, muito menos implica que o pesquisador assuma o destino da comunidade.” E ainda Bastos (1999, p. 10) apresenta alguns aspectos que podem ocasionar divergências como a prática da pesquisa-ação: “[...] investigação-ação tem cada vez mais passado uma imagem de *método de pesquisa* que é favorável às idéias de sofisticação metodológica e refinamento técnico, permanecendo incapaz de passar a *idéia-força de auto-reflexão*, com qualquer expressão genuinamente prática.”

Mesmo que alguns autores apresentem questionamentos, tanto em relação à terminologia quanto à prática, nossa opção pela pesquisa-ação está ligada diretamente aos pressupostos de Thiollent (1984, 1986), baseado numa pesquisa participativa, com uma construção e um planejamento coletivo e que implicou no envolvimento dos próprios pesquisados, do início ao fim da pesquisa, incluindo a programação/ação, diferentemente da pesquisa participante em que a “[...] participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado.” (THIOLLENT, 1986, p. 15)

A partir de Thiollent (1984, p. 83) podemos fazer uma distinção mais clara da pesquisa-ação e da pesquisa participante, conforme a figura 10.

Figura 10 – Pesquisa ação X Pesquisa participante



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013.

A metodologia foi articulada em quatro etapas não lineares:

- ✓ Conhecimento e inserção na comunidade.
- ✓ Planejamento coletivo.
- ✓ Implementação da ação.
- ✓ Sistematização e avaliação.

Todo o processo da pesquisa-ação foi um ciclo com idas e vindas, com sobreposição dos diversos passos das quatro etapas e estruturou-se pela concepção de participação e da ação efetiva dos pesquisados. Foi realizada como espaço de diálogo e esperamos que possa contribuir, de algum modo, para a vida de todos os atores sociais envolvidos.

A inserção na Casa das Juventudes, na periferia urbana de Canoas, teve um significado de aprendizagem: um ator aprendeu com o outro através do diálogo. Os atores, os interesses em disputa, as contradições, o entrelaçamento, as possibilidades de mudanças se constituíram num processo reflexivo.

A credibilidade e a confiabilidade dos jovens com o nosso trabalho se configurou com as dúvidas, se as ideias corresponderam às expectativas, se a mudança social foi efetuada, se o conhecimento adquirido se deu através do contexto. A dificuldade da nossa condição de não pertencimento ao local e ao meio teve que ser superada através da democratização da pesquisa: colaboradores externos se transformam em parte integrante do local pesquisado.

Apresentamos a seguir a figura 11 que sintetiza as etapas desenvolvidas com os instrumentos que foram utilizados.

Figura 11 - Etapas da pesquisa



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2012.

Através do quadro 1, que relaciona as ações, com os instrumentos e os participantes, mostramos de forma mais detalhada as etapas da pesquisa.

QUADRO 1 – ETAPAS DA PESQUISA

Etapas	Ações	Instrumentos	Participantes
Conhecimento e inserção na comunidade	1-Levantamento de informações da comunidade 2-Participação em reuniões, encontros e apresentações da Casa das Juventudes 3-Análise de documentos e produções da Casa das Juventudes e do bairro 4-Levantamento de informações da área cultural da região	- Observação participante -Análise de documentos -Entrevistas individuais -Diário de campo	-Jovens da Casa das Juventudes -Educadores e servidores ligados à gestão da Casa das Juventudes
Planejamento coletivo	1-Participação em reuniões, encontros e apresentações da Casa das Juventudes 2-Realização de oficinas para apresentação dos resultados das entrevistas e de outras experiências 3-Realização de oficinas para formação de pesquisadores e aplicação das entrevistas 4-Realização de oficinas para análise das informações coletadas e resultados	- Diário de campo -Oficinas - Observação participante -Reunião coletiva	-Jovens da Casa das Juventudes -Educadores e servidores ligados à gestão da Casa das Juventudes -Reunião coletiva
Implementação da ação	1-Confecção de materiais e organização voltadas ao acervo, à leitura e à informação 2-Execução da atividade planejada 3-Realização de oficinas de execução	- Diário de campo - Oficinas de trabalho - Observação participante	-Jovens da Casa das Juventudes -Educadores e servidores ligados à gestão da Casa das Juventudes
Sistematização e avaliação	1-Redação do processo geral 2-Realização de encontros coletivos visando à avaliação das atividades 3-Devolução para a comunidade	- Diário de campo - Reunião coletiva - Observação participante	-Jovens da Casa das Juventudes -Educadores e servidores ligados à gestão da Casa das Juventudes

Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2012.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA PRODUÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Visando uma apreensão do processo, optamos pela utilização de diferentes instrumentos de pesquisa, o que para alguns autores configura-se um tipo de triangulação. Esta triangulação se apoiou na observação participante, buscando ouvir, olhar, entremeando o olhar do outro; nas entrevistas com os jovens, com os educadores e com os administradores, com os resultados das oficinas e com o diário de campo.

a) Entrevista

Foi utilizada a entrevista semiestruturada que, conforme Minayo (2007, p. 267), “obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador”. As entrevistas foram individuais, com integrantes da Casa das Juventudes, para conhecimento da realidade a ser trabalhada. As primeiras entrevistas foram com oito jovens da Casa que fazem parte do Protejo, participantes das oficinas oferecidas, estagiários e/ou que circulam pela Casa. Foram realizadas também entrevistas com educadores e administradores do local.

b) Observação participante

Observação das atividades da Casa das Juventudes, individuais ou coletivas, atividades sociais, para ver e ouvir o grupo.

A observação participante complementa os resultados das entrevistas sendo que “o entrevistador não pode compreender a “linguagem local”: a conotação de alguns termos comuns pode ser totalmente diferente.” (GASKELL, 2005, p. 72)

Minayo (2009, p.70) aponta: “Definimos *observação participante* como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica.” Diferentemente da pesquisa participante, a observação participante é um instrumento da pesquisa qualitativa.

É necessário que se façam anotações ao usarmos a observação participante. “A observação participante, em qualquer nível de profundidade em que

for realizada ou em que teoria se baseie, tradicionalmente utiliza um instrumento denominado *diário de campo*.” (MINAYO, 2007, p. 295)

c) Diário de campo

O diário de campo é utilizado para retratar a realidade, anotar as observações, as percepções, as impressões pessoais e as conclusões do dia. Conforme Minayo (2007), ele poderá ser um simples caderninho de notas e deverá ser aproveitado para análise do objeto de investigação.

Muito importante para Paulo Freire, o registro é entendido por ele, segundo Freitas (2008, p. 262) “[...] como instrumento de apoio à reflexão sobre a prática.” Ainda conforme Freitas (2008, p. 363), “O valor do registro como atitude crítica de formação com educadores/as é um desafio à recriação dos princípios freireanos.”

d) Oficinas

As oficinas fizeram parte de duas etapas da pesquisa: do Planejamento Coletivo e da Implementação da ação.

Para a etapa do Planejamento coletivo foi necessário a realização de oficinas com os jovens, explicitada no item 4.2. Para a etapa da Implementação da ação, por ser a etapa da ação propriamente dita, houve a necessidade da participação dos jovens na construção da ação escolhida. E esta segunda oficina foi de trabalho, para a orientação no desenvolvimento da ação, também explicitada no item 4.2.

Com relação às entrevistas e observações realizadas comprometemo-nos em guardar o sigilo e a identidade dos participantes da pesquisa. Todos os dados e informações, imagens e relatos serão usados para fins exclusivos de publicações e divulgação científica. Utilizamos o Termo de Consentimento Informado (Apêndice A e Apêndice B) para as entrevistas e também foi comunicado no primeiro contato com os participantes, que tiveram a liberdade de decidir sobre sua participação ou não no projeto, assim como foi comunicada a liberdade de desistência ao longo do processo.

Uma vez que o projeto se constituiu numa proposta conjunta, a análise de informações foi de forma contínua. Ao levantar informações da comunidade com os

dados provenientes das entrevistas, do diário de campo, das observações e das oficinas construímos uma trama, retomando os dados sempre que necessários. As análises dos dados foram cruzadas com nossos sentimentos, pelos próprios conteúdos e com as perspectivas teóricas que embasaram nosso estudo.

4 REFLEXÕES DIALÓGICAS

Se nós conseguirmos convencer os jovens de que a realidade, por difícil que seja, pode ser transformada, estaremos cumprindo uma das tarefas do momento. (FREIRE, 2008, p. 39)

Neste capítulo, abordaremos os modos de dialogar, a construção da investigação, a montagem, os atores, as vozes, os silêncios, o espaço e o tempo.

Retomamos nosso problema e questões de pesquisa na tentativa de respondê-los: *Como se pode fomentar o desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à informação, privilegiando o respeito, a autonomia e a escuta dos indivíduos em sua comunidade? E as questões norteadoras: Quais são os sentidos atribuídos pelos atores sociais sobre a prática de leitura e a democratização do acesso à leitura e à informação? Quais fatores podem influenciar o processo de democratização do acesso à leitura e à informação? Que ações podem desenvolver a promoção do acesso à leitura e à informação de modo democrático?*

A metodologia da pesquisa-ação que direcionou a caminhada investigativa foi articulada em quatro etapas não sucessivas e não lineares, mas que, enquanto processo estava sempre se entrelaçando. Estas etapas são: Conhecimento e inserção na comunidade, Planejamento coletivo, Implementação da ação, Sistematização e Avaliação. Tal escolha metodológica permitiu a construção coletiva de um equipamento cultural (que é o nosso produto final) e que se constituiu em um processo de educação popular envolvendo diferentes sujeitos que fazem parte do cenário da Casa das Juventudes.

Para discorrer e analisar os resultados desta pesquisa, organizamos este capítulo em duas seções que tratam, respectivamente, sobre as diferentes possibilidades de nossa inserção: a análise dos sentidos e significados da leitura e de informação dos jovens a partir das entrevistas e o processo de criação, desenvolvimento e implementação de um equipamento cultural junto com os atores sociais na Casa das Juventudes.

Também falamos sobre o resultado da pesquisa no que se refere a diversos aspectos. Dar conta de todas as informações recebidas durante o processo de

investigação é uma tarefa complexa, pois a quantidade de material sistematizado em forma de diário e relatório de pesquisa é imensa e de profundidade.

4.1 LIBEREM OS MANGÁS: JUVENTUDES FRENTE À LEITURA E À INFORMAÇÃO

Nosso objetivo neste item é apresentar e discutir os sentidos e significados da leitura e de informação dos jovens. Durante nossa pesquisa, na Etapa de Conhecimento da Comunidade, realizamos oito entrevistas em profundidade com jovens, entre 18 e 24 anos, participantes do projeto social, frequentadores da Casa, seja através de Oficinas, estagiários, usuários do Telecentro, do Estúdio de música ou simplesmente os que utilizam o espaço para encontrar amigos e colegas.

Ao buscar sustentação para analisar as formas como os jovens percebem os sentidos sobre a prática de leitura e a democratização do acesso à leitura e à informação recorremos a Ferreira e Dias (2004) para a conceitualização de sentido e significado.

Sentido e significado têm sido tomados como termos diferenciados, mas relacionados. Sentido tem sido concebido como algo pertencente ao universo pessoal do indivíduo, mas compartilhado dentro do contexto de interação; enquanto significado tem sido compreendido como algo culturalmente compartilhado. (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 440)

Os dados das entrevistas foram divididos em categorias temáticas que emergiram dos seus conteúdos e que tem relação com as questões que orientaram a reflexão dialógica.

Para subsidiar a apresentação e interpretação dos dados foram utilizados alguns trechos das entrevistas, procurando dar conta da totalidade e complexidade das falas. Os sentidos que os jovens atribuem à leitura e que são expressos nos seus discursos e aqueles expressos em seus silêncios produzem significados.

✓ *Compreensão sobre o ato de ler*

As informações contidas nesta categoria ressaltam alguns discursos que apresentam importantes características sobre a forma como os jovens pensam a leitura. Quando expressam a sua compreensão sobre o tema, relatam

especialmente em suas atividades cotidianas, isto é, na escola, em família, e em casa. Em sua grande maioria relacionaram leitura com o livro impresso, com responsabilidade, como compromisso, isto é, em situações voltadas à escola que associa leitura como obrigação. O aluno tem que ler um livro para fazer uma prova, um seminário, um trabalho.

Decorrente disto, dois jovens possivelmente associam ‘preguiça’ quando pensam em leitura, relacionando com “falta de vontade de ler” e novamente o que é obrigatório. Pensamos, neste momento, que a escola está afastando o aluno da leitura, com esta obrigatoriedade de leitura associada ao compromisso e não ao lazer. Cada obra lida terá que resultar num “trabalhinho.” Além deste fator, a lista de obras não é sugerida ao aluno e sim imposta. Está desassociada da realidade das juventudes, de seus interesses, não estimulando a vontade de ler. Areias reflete sobre esta questão:

Além disso, a escola termina por desenvolver desde as séries iniciais a prática da leitura como algo mecânico e exaustivo. Ao desconsiderar que o seu educando traz consigo histórias e experiências de vida, ela não possibilita outras formas de leitura, outros espaços de desenvolvimento literário, criando e legitimando. (AREIAS, 2008, p. 4)

Quando questionados sobre o que lembra a palavra leitura, três jovens em suas respostas incluíram a palavra ‘livro’, reforçando o tema anterior, e outros dois lembram do livro impresso, seja ouvindo histórias ou através de um autor: *‘O que lembro mesmo é meu pai contando histórias bem sinceramente é exatamente isto, lembro do meu pai sentado na cama, né, sempre desde pequeno, contando umas histórias, é isso, leitura, um outro mundo que se abre na mente, acho muito bacana lê. (I., 18 anos); ‘Leitura é mais conhecimento, prá mim leitura é, por exemplo, Castro Alves, descobre várias coisas interessantes, é saber bem mais, ser menos burro, isto é que eu acho interessante na leitura.’ (J., 18 anos)*

Observamos que, alguns dos entrevistados ao falarem sobre a leitura, indicam que não leem, mas na continuidade da sua entrevista percebemos a associação que fazem da leitura com o livro impresso. Chartier (apud CARVALHO, 2012, p. 41) indica que o importante é o texto e não o seu formato ao dizer: “Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados.” Os jovens ao

indicarem que leem na Internet, colocam como exemplos a leitura de jornais, revistas, *blogs*. Desta maneira, não relacionam textos em outros suportes como leitura. Oswald e Rocha (2013, p. 269) falam sobre a invisibilidade das práticas de leitura dos jovens quando dizem que

[...] é o do estreitamento daquilo que se define como leitura, limitada ao livro impresso, valorizando-se apenas a leitura literária. Outros gêneros e suportes de leitura permanecem excluídos. Tais desdobramentos produzem a invisibilidade das práticas de leitura de segmentos juvenis, desconhecendo suas particularidades e retirando-lhes a legitimidade.

Os significados construídos pelos entrevistados sugerem que eles reconhecem e valorizam a leitura não só porque esta melhora o conhecimento, mas também pelo incentivo à aprendizagem que oferece, aparece como algo "positivo", que traz benefícios.

✓ *A experiência da leitura*

Nesta categoria, percebemos claramente nas entrevistas, os sentidos que os jovens dão para a leitura.

Alguns aspectos centrais nas falas dos jovens, indicam a constante busca, através da leitura, de uma espécie de tentativa de esquecer a própria realidade, de um certo modo, uma fuga da realidade, caracterizado pela preferência de leitura por livros de literatura estrangeira, a necessidade da leitura em locais silenciosos, sem interferência externa, com preferência a temáticas como mitologia, cultura de outros países, poesia, com fracos laços a temas da realidade brasileira, evitando contato, através da leitura, com a sua própria realidade. Em relação a este aspecto, podemos nos inspirar nas reflexões de Carvalho (2012, p. 49) que diz que, ao ler um texto com uma "história fantástica, romântica, ficcional," o leitor pode se transportar para a história lida, tornando-se um coautor, podendo interferir nele, dando um significado.

Percebemos ainda, uma presença importante nas falas dos jovens: a leitura significar uma 'terapia', 'um refúgio'. Mesmo não usando o termo terapia um jovem fala neste sentido ao dizer: *'É, desfocar, né, vamos dizer assim, é entrar num mundo onde tu foge da sociedade, entendeu, alguns fazem isto escutando música, outros fazem isto vendo filme, outros fazem isto lendo, fogem da realidade*

entendeu, tu por exemplo, trabalha o dia inteiro, ai tu quer chegar em casa ah não aguento mais isto só televisão, só tragédia, só coisa, tu pega um livro e vai lê, por exemplo, entendeu, tu pega lá, pá olha só, tô num outro mundo, por exemplo, eu tô no espaço, lá histórias de ... biografia.’ (M., 18 anos)

A tentativa de fugir da realidade através da leitura é reforçada por Marina e Válgoma (2007) quando falam no efeito “salvador” do livro. E ainda: “Só quem leu fugindo de qualquer coisa pode entender o livro como um doce refúgio, um lugar onde nunca seremos incomodados. A nossa desejada solidão povoada apenas por vozes e personagens.” (MARINA; VÁLGOMA, 2007, p. 131)

Através da fala deste jovem percebemos a utilização da leitura como ‘terapia’. ‘Prá mim eu sinto assim, eu sinto uma... eu sinto que leitura prá mim é meio uma terapia porque às vezes eu tô nervosa, ah brigou com o namorado, brigou com a mãe, não sei que, eu tô lendo lá um livro e dai eu fico viajando, dai eu esqueço sabe, mas um problema assim, que eu acho que é um baita de um defeito meu é que se eu leio um romance eu fico idealizando se meu namorado vai ser que nem o cara do livro, então é uma coisa assim que eu tenho que mudar porque às vezes eu fico pensando e uma vez até falei prá ele, tá que ele também tinha lido o livro: Tu não viu que ele falou isto prá guria porque tu não pode falar prá mim, sabe, eu fico meio viajando. Não se ela foi eu também posso ser. Basicamente eu penso que é uma terapia prá mim.’ (F., 18 anos)

No mesmo sentido, dois jovens, usaram as palavras ‘viagem e ‘viajar’. ‘Eu gosto de me concentrar porque normalmente eu imagino as vozes das pessoas, é, eu viajo assim completamente, eu imagino o cenário, imagino como a pessoa é, porque este último livro que eu li, ele é muito, muito descritivo, sabe, e ele fala assim todas as características possíveis dos personagens então eu imagino como seja, eu imagino como seja a voz das pessoas e se no livro tem algum nome de uma pessoa que eu conheço eu meio que fico associando a pessoa sabe, eu dô uma viajada dessas, às vezes.’ (F., 18 anos); [...] *mas a leitura é flutuar, é uma história tá lendo aqui e já tá pensando lá, bah, como é que foi, como é que é. A Guerra dos Farrapos já tá pensando pá, muito cavalo, muita espada, muita guerra, fogo, tiro, a imaginação já tá lá, a imaginação já tá lá. Viaja através dos livros, é isto que eu entendo leitura.’ (S., 22 anos)*

Com relação à utilização da leitura como terapia, Caldin (2001, p. 1) aponta que “A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções.” Da mesma forma, um jovem coloca: *‘Ah, eu acho que eu fico assim fora da casinha porque, meu Deus, eu fico, como é que vou te explicar, que nem te falei, eu imagino tudo, eu imagino as vozes, eu imagino as cenas, eu imagino também tinha uma cena que dizia que 2 jovens de uma família brigavam com 2 crianças, no caso, de uma família brigavam com 2 crianças de outra família, por causa de um boné de beisebol, eu imaginava dai dizia “as duas crianças chegaram na cerca da família” tá e eu imaginava a cerca.’* (F., 18 anos)

Ainda com relação a experiência da leitura, podemos refletir sobre o que Goulemot (1996, p. 108) diz sobre o que é ler:

[...] dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu [...] Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido.

✓ Os interesses e gostos

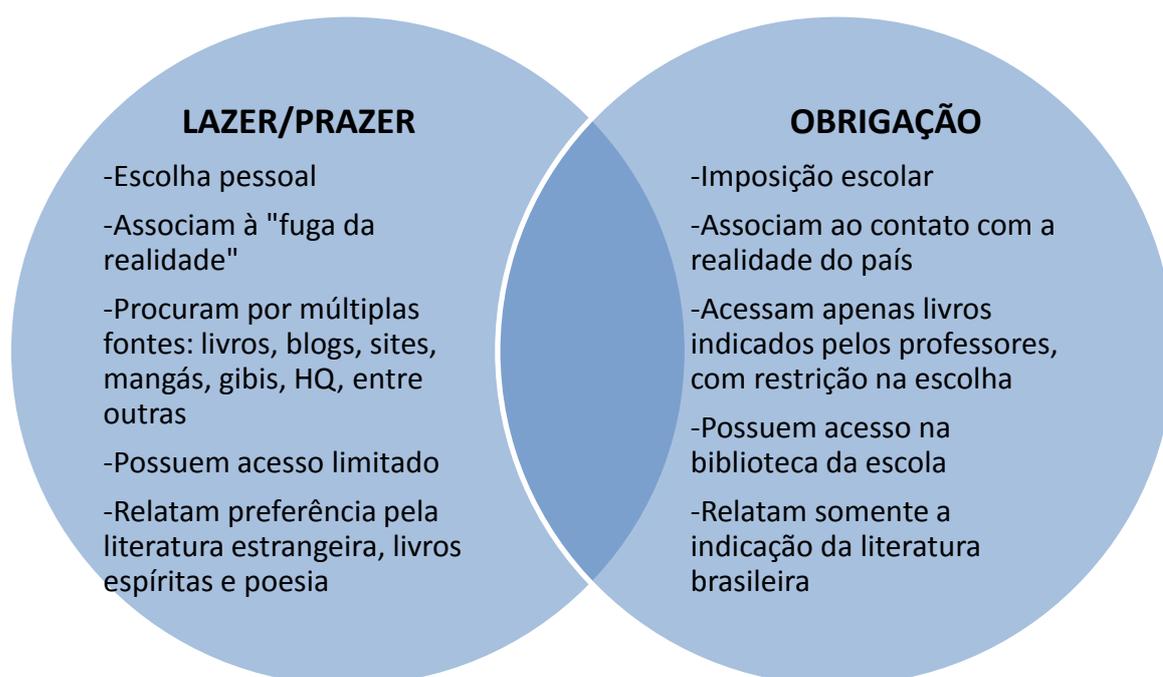
Como já havíamos demonstrado anteriormente, há uma insatisfação, por parte dos jovens, com o que é imposto pelas escolas, que muito difere da escolha pessoal de leitura. “Enquanto não forem aproveitadas as práticas de leituras juvenis presente em seu cotidiano, vai se difundindo a idéia [sic] de que jovem não gosta de livros e não se interessa pela leitura.” (AREIAS, 2008, p. 8)

Ao indicarem não gostar da literatura obrigatória da escola, os jovens explicam: *‘A minha opinião sobre livros obrigatórios é que todos são ruins [...] assim, muito história ruim, do cara que sofria pela mulher, e que fez tudo por ela, e acaba abandonando ele, literatura brasileira, romantismo, barroco, não é o meu forte’* (M., 18 anos); *‘Ah, eu não vou negar porque mesmo eu gostando de ler, tem livros que eles falam eu penso assim ah, não quero, sabe, eu penso principalmente literatura mais puxada assim, não por preconceito mas aquelas literaturas indígenas que falam muito dos índios e do nordeste e do quanto sofreu.’* (F., 18 anos); *‘Ah, eu procuro ler de tudo assim, mas não, ahm, que nem Machado de Assis, essas coisas assim, eu não gosto, sabe, fica mais....acho que não procuro lê isto, procuro, às*

vezes eu nem vejo o escritor, eu só vou lendo assim, o, como é que vou dizer assim, a capa sabe, dai se eu gostar eu vou abrindo, vou abrindo, leio ali, vou lendo até o resumo prá ver o jeito que é, dai eu vou, conforme pego o livro e vou lendo, eu vou lendo, ai gostei vou lá e pego outro e assim vai.’ (L., 18 anos)

Na figura 12 comparamos a preferência dos jovens com relação à leitura por lazer/prazer e a leitura imposta pela escola, por obrigação.

Figura 12 – Preferência dos jovens



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013.

A ideia do que atrai os jovens para a leitura, que vem ao encontro dos resultados da nossa pesquisa, é colocada por Areias (2008).

Dessa forma, não parece razoável dizer que a juventude se encontra indiferente à leitura. Antes de se programar campanhas para aquisição de livros, é preciso refletir a quem se deseja alcançar. De fato, os jovens não lêem ou apenas não lhes atraem as leituras valorizadas pela sociedade / escola? (AREIAS, 2008, p.8)

Com relação à leitura preferida dos jovens percebemos o interesse pela cultura de outros países, através da leitura de livros sobre o Japão, participação nos

eventos de animês⁷ e leitura de mangás⁸ e muitas vezes são identificados como *otakus*⁹. Ao final da entrevista de um jovem, perguntamos se ele gostaria de dizer mais alguma coisa, ao qual respondeu sim, gostaria. Disse apenas uma frase representando sua preocupação quanto ao acesso atualizado de mangás no Brasil: *'Liberem os mangás'* (M., 18 anos). Este acesso atualizado diz respeito ao que o jovem já tinha explicado anteriormente: *'Eu leio mangás na Internet porque o Brasil não produz nenhum tipo de mangá atualizado, por exemplo, Naruto, Naruto tá no mangá volume 42 aqui no Brasil, lançando de dois em dois meses, no Japão a cada 3 meses eles lançam um, tá no volume 87, olha a atualidade disto.'*(M., 18 anos)

Este tema de jovens e a cultura pop nipônica, já foi estudado por alguns autores como Lourenço (2010) que diz que os animês e mangás atraem o interesse de jovens do Brasil. “Se o jovem não está habituado a ler um clássico da Literatura Brasileira, mas sim, mangás, por exemplo, é comum essa prática não ser valorizada socialmente.” (AREIAS, 2008, p. 1)

Os eventos de animês, hoje já ocorrendo em diversas cidades do Brasil, inclusive em Canoas, RS, apresentam uma série de atividades, desde músicas cantadas em japonês, venda de material e concurso de *cosplay*.¹⁰ “Por sua grandiosidade (por vezes, atrai mais de 30 mil frequentadores), funcionam como vitrine desse universo, atraindo novos aficionados, geralmente levados por algum colega *otaku*.” (LOURENÇO, 2010, p. 71). Nesses eventos, ainda segundo o mesmo autor, os jovens encontram-se pessoalmente, para divertir-se e “[...] há a possibilidade de mostrar-se como um indivíduo singular, adepto de um gosto que foge dos padrões tradicionais [...]”

Nas entrevistas os jovens se referiram à música, demonstrando seu interesse em especial por esta área artística. Esta questão já tinha nos chamado a atenção nas atividades da Casa das Juventudes, seja nas oficinas ou nos encontros que observamos. Neste sentido Dayrell (2001, p. 4) diz:

⁷ Animês – Desenhos animados japoneses

⁸ Mangás – Histórias de quadrinhos japoneses

⁹ Otakus – Fã de animê e mangá

¹⁰ Cosplay- Jovens vestidos de personagens de mangás e animês

[...] a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores da música e passam também a ser produtores, formando grupos musicais das mais diversas tendências, compondo músicas e letras, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado.

A presença da música se manifesta de várias maneiras e se relacionando com a leitura: *'Ontem eu tava lendo um, como que é, aquelas aqueles livrinhos de...que ensina a tocar ...tocar violão [...]* No comecinho eu e os guri se criemo fazê um grupo, né, até chegemo a se apresentar só que não deu muito certo, né, eu era baterista, este meu amigo ai que era muita faixa meu era o vocalista, né, nós fizemo um rap, né, que o esquema que te falei que alertava a juventude sobre faz isso falava do bairro né, a música foi...foi o nome dela foi Liberdade no Guaju, só que já desmanchamo, né (S., 22 anos); *'[...] e ponho o celular assim mais ou menos baixinho, baixinho, só prá me concentrar e deixo uma música não agitada, assim, fico bem tranquilo prá lê.'* (J., 18 anos); *'Eu tô mais envolvido com o lado do hip hop. Hip hop que é legal e envolve todos os ritmos. Quando eu vi o hip hop de verdade bah, eu fiquei curioso, assim, bah, será que eu podia? Até sonhei e bah [...]* E hoje tá, pouco a pouco tá se tornando realidade. Já tenho as minhas composições que é totalmente diferente, eu sempre tento fazer um diferencial não vou pelo o que os outros fazem. E eu quero pouco a pouco trabalhar ainda mais agora que eu... que eu conheci outro grupo, na verdade Força Jovem Brasil' (Fa., 19 anos); *'Agora falaram que eu tinha que escrever música eu boto no meu nome, mas às vezes eu não coloco'*. (D., 21 anos)

A música também é reconhecida pelas atividades de dança que são oferecidas pela Casa. O estilo musical preferido vai ao encontro das atividades de dança.

Percebemos um real interesse dos jovens pela música ao indicarem qual motivo os levou à Casa das Juventudes: em busca de oficinas de música, para utilização do Estúdio, para ensaios de bandas, para oficinas de dança.

Os jovens demonstram escrever de diversas maneiras: quando escrevem letras de músicas, pensamentos, histórias. Carvalho (2012) reconhece que os jovens escrevem, mas não nos padrões convencionais.

Escrevendo suas narrativas ficcionais ou apenas postando comentários em blogs acessados e lidos por jovens, identificam-se com a temática ou, ainda, configurando seus perfis nas redes sociais, esses sujeitos expõem-se, mostram-se. Escrevem sobre o que amam, o que odeiam, falam de sonhos, desejos, realizações, buscas pessoais, em um ambiente não legitimado pelas instituições e também por alguns grupos sociais. A partir dessas vivências, podem tornar-se *blogueiros* renomados, escritores conhecidos, *twiteiros* muito seguidos, *ficwriters* com muitos leitores. Exercem um lugar autoral que, hoje, já podemos dizer não se tratar apenas de um passatempo da fase juvenil. (CARVALHO, 2012, p.17)

Em alguns momentos os jovens desvalorizam a sua própria escrita quando indicam descartar o material: *‘De vez em quando sim, quando às vezes quando eu tô sem nada prá fazer assim, escrevo umas coisas, mas tento escrever umas músicas falando algumas coisas [...] É solto, assim, meio idiota, meio idiota as coisas minhas assim. Aham, escrevo num papel, num papel, depois me desfaço.’* (Lu., 18 anos)

✓ Acesso à leitura

Essa categoria evidencia que o acesso à leitura e à informação se configura em um velho e persistente problema. Ao falarem como acessam os livros, os jovens indicaram compra de livros, revistas e outros materiais de interesse. Tais dados mostram a importância que esses jovens dão à leitura e à informação embora tenham o acesso dificultado. Constatamos que existe uma grande carência de informação por parte dos jovens de materiais de seu interesse. A única forma de acesso público à leitura e à informação é a biblioteca da escola, que não apresenta em seu acervo material que os jovens gostariam de ler. A compra de material, livros ou revistas, foi caracterizada por três jovens, demonstrando o grande interesse por informação.

A inviabilidade ou impossibilidade do acesso à informação está relacionada muito mais pela falta de oportunidades concretas do que pelo desinteresse de tais jovens por esta prática cultural. Tais dados se contrapõem, portanto, a antigos estigmas de que as pessoas em situação de pobreza socioeconômica não teriam interesse pela leitura e pela informação ou se tivessem seria com qualidade inferior das demais. Além disso, rompe-se com a ideia de que a juventude em geral não se

interessa por este tema. Da mesma forma coloca Oswald e Rocha (2013, p. 273-274):

Assistimos, assim, a um verdadeiro paradoxo, pois se no ambiente escolar os professores reclamam que os alunos não querem ler e muito menos escrever, fora da escola, o acesso à internet em casa, ou via dispositivos móveis (telefones celulares, redes 3G, wi-fi), estimula crianças e jovens não só a lerem e a escreverem num ritmo intenso e acelerado, como também incentiva a circulação de leituras e escritas por intermédio da conexão em redes abertas, como ocorre nas redes sociais: Facebook, MySpace, Orkut, NING, Twitter.

Ainda com relação ao acesso à leitura, fica-nos evidente que, por inúmeros motivos, é dificultado em seus cotidianos, tais como: ausência de bibliotecas públicas e/ou comunitárias; equipamentos e espaços culturais públicos inadequados, ou por demais suntuosos, em relação à realidade social em que estes jovens estão inseridos ou com acervo desinteressante e desadaptado aos seus interesses, bibliotecas distantes de seu local de moradia, tornando o acesso caro, alto custo para a aquisição de livros, entre outros.

✓ *Um lugar possível*

A indicação pelos jovens, em sua maioria, de ter um equipamento cultural voltado para a leitura chama a atenção para as dificuldades enfrentadas no cotidiano, apresentado no item anterior com relação ao acesso à leitura e à informação.

Dos oito jovens entrevistados, sete lembraram de biblioteca ou um equipamento cultural na área da leitura em seus discursos, como se observa a seguir: *'Bibliotecas mais perto, né, porque, eu pegava na da ULBRA, só na da ULBRA que eu pegava livro emprestado mesmo, tipo, fazia a associação e tudo mais lá, só lá que eu pegava, o resto eu comprava tudo, porque tipo dificilmente tu vai encontrar, é que tipo gibis e mangás tu não, não é muito de tu vê prá pegar assim, raramente na verdade nem tem como, acho, mas livros, por exemplo, o pessoal deixa de, por exemplo, assim, livros populares, vamos dizer assim, por exemplo Harry Potter e Crepúsculo tu não encontra nas bibliotecas, tu só encontra livros de estilos literários, de obras literárias, de autores famosos assim que*

envolvem toda a literatura do Brasil e autores internos, assim, vamos dizer assim.' (M., 18 anos); *'Eu, na minha opinião, não vou citar mas acho que teria que ter um educador de literatura aqui na Casa para trabalhar.'* (S., 22 anos); *'Eu pegaria assim, faria cadastro de professores que tivessem disponível no sábado e pegasse crianças de 5, 6 anos ou até de mais idade que tem dificuldade em ler e faria uma tarde ali, sabe, daria um livrinho para cada um aqueles que tem duas frases em cada página, mas que fossem pelo menos ajudando porque na escola é bem difícil, assim tem gente que tem dificuldade, de verdade, tem pessoas com 12, 13 anos que ainda não conseguem ler.'* (F., 18 anos); *Na verdade o que sempre achei que fez falta, acho que não sei se só no Rio Grande do Sul, no Brasil ahn foi uma biblioteca pública, que faz muita falta, entendeu. Eu sempre pensei bah oh mãe quando eu era pequeno e olhava os filmes americanos, mãe, a gente tem que ir na biblioteca mãe é temo que ir na biblioteca e depois descobri que não tem, entendeu.'* (I., 18 anos); *'Algo diferente relacionado com leitura. Espaço para leitura, muito importante.'* (Fa, 19 anos)

Embora sejam necessários mais estudos sobre o tema juventude e leitura, constatou-se, por meio da análise das entrevistas com os jovens que eles leem e escrevem e a leitura faz parte de seus cotidianos. Conforme Carvalho (2012, p. 189) “[...] a leitura e a escrita é, independente de seus suportes, um dos alicerces da geração de jovens da atualidade.” As novas tecnologias mais aproximaram os jovens da leitura do que afastaram.

Seja nos computadores ou quaisquer outros suportes eletrônicos, as gerações atuais leem, escrevem, criam, socializam, reúnem-se, imaginam, libertam-se, conhecem, estudam e não é possível vermos nessas ações o fim da cultura do mundo letrado, nem o advento de uma era das máquinas. Deparamo-nos com uma revolução das práticas de leitura e escrita, inserida na longa história da cultura escrita ocidental. (CARVALHO, 2012, p.189)

Para continuar refletindo sobre o aspecto da leitura entre jovens, apresentamos, a seguir a análise da construção coletiva da nossa pesquisa, incluindo as entrevistas com os educadores da Casa.

4.2 CONSTRUÇÃO COLETIVA DO EQUIPAMENTO CULTURAL: UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Nosso objetivo neste item é fazer uma reflexão sobre o percurso percorrido junto com os atores sociais, o processo de criação, desenvolvimento e implementação de um equipamento cultural na área da leitura, com os pressupostos da educação popular.

Os dados das entrevistas com os educadores, das observações participantes, do diário de campo, das oficinas foram divididos em categorias temáticas, para uma melhor compreensão do processo.

✓ *Conhecendo o local*

A tentativa de familiaridade com o local se deu através de coleta de informações, reconhecimento do ritmo social da comunidade e as suas atividades diárias e a compreensão das dinâmicas no interior deste espaço social. O nosso envolvimento e a participação nas atividades da Casa ofereceram subsídios para o entendimento da realidade. Foi necessária uma aproximação real da situação, sem preconceitos e sem julgamentos de todas as partes. Conforme Franco (2005, p. 486) a pesquisa-ação

[...] assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua autoconcepção de sujeitos históricos.

Inicialmente, buscamos informações através de documentos, fotos, mapas, observações, visitas e entrevistas que pudessem nos trazer elementos concretos quanto à realidade local. Uma parte destas informações já está incluída no Cenário da Pesquisa apresentado no item 3.1, mas queremos acrescentar aqui outros dados observados no local.

Com relação à leitura, localizamos na Casa um espaço com uma estante, no saguão do segundo andar, com livros. Estes livros estavam à disposição dos jovens e dos educadores. Nesta estante observamos que há somente livros, alguns de literatura brasileira, literatura juvenil e alguns de outras áreas de interesse dos

educadores. Por estar localizada num espaço aberto, a retirada de material é livre, conforme mostram as fotografias 33 e 34.

Fotografia 33 - Estante da Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2012.

Fotografia 34 - Estante da Casa das Juventudes, Bairro Guajuviras



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2012.

Percebemos que este material estava completamente inacessível aos jovens da Casa com dificuldades de locomoção em função de um lance de escadas para chegar ao local.

Entre as atividades cotidianas que observamos, no período de março de 2012 a abril de 2013, destacamos as reuniões, os grupos, as oficinas, a recepção da Casa, o lanche com os educadores, com os jovens, presenciamos ensaios musicais, ensaios de dança, participamos de atividades variadas. Fizemos atravessamentos e realizamos as entrevistas e as observações participantes. Nas observações participantes, que foi realizada em todo o período da pesquisa, fomos questionados pelos jovens e educadores e também questionamos. Ao sentar na recepção da Casa para uma observação da movimentação da circulação de jovens, muitas perguntas tivemos de responder. Motivados por uma presença externa, sempre havia uma informação que os jovens gostariam de saber. Ao perguntar e responder estamos, como diz Paulo Freire (2008, p.33), exercendo a curiosidade, e ainda “Todo tempo educativo é tempo de perguntas e de respostas, tempo de disciplinar, de sistematizar a própria pergunta.” Desta forma, nosso projeto de trabalhar na área da educação popular estava em andamento.

Ainda consultamos documentos e produzimos oficinas. As oficinas foram realizadas visando uma maior participação dos jovens nas decisões a serem tomadas na Casa. Como moradores do bairro, conhecem com profundidade o local e como usuários do local sabem das suas necessidades; assim, suas contribuições e auxílio na pesquisa só trouxeram uma maior qualidade ao nosso trabalho em conjunto.

Freire (2006b, p. 35) salienta a importância da participação direta na pesquisa quando diz que não se pode conhecer a realidade dos pesquisandos “[...] a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento.”

✓ *Inserção no local*

Pela nossa inquietação, pelo sentimento de que realmente estava trabalhando com as “juventudes”, respeitando os processos da comunidade, optamos por participar em várias atividades dos jovens na Casa e fora dela e progressivamente

fomos nos inserindo nos encontros. No início, não havia convites formais. Ao saber das atividades comunitárias, procurávamos participar e sempre fazíamos contato com as pessoas da Casa, mostrando o interesse em conhecer o ambiente e as relações ali estabelecidas. Este processo de inserção e reconhecimento de pertença é fundamental e, conforme Pereira (2002) ilustra o quanto o pesquisador está implicado no processo de transformação.

A inserção e a imersão visam estabelecer um vínculo concreto e prático do agente externo com a população e vice-versa. Nesse sentido, *inserir* quer dizer conhecer a história de lutas da comunidade, no seu cotidiano (modo de saber, de falar, demorar, de comer, de ajeitar a casa, de vestir) e no conhecimento dos aspectos psicossociais, econômico-políticos, religiosos, culturais e artísticos que regem sua vida. (PEREIRA, 2002, p. 159)

Neste sentido participamos do Festival de Bandas, em abril de 2012, na Escola de Samba Unidos do Guajuviras. Este evento foi organizado pelos jovens com a participação de 17 bandas do bairro, incluindo jurados e premiações. A iniciativa em desenvolver um projeto para a realização deste festival demonstra a importância da música, o desejo dos jovens em promover atividades com autonomia, força e o potencial do trabalho das juventudes.

Em um segundo momento, as pessoas envolvidas nos trabalhos da Casa passaram a nos convidar para participar de outras atividades. Fomos na apresentação dos jovens na Aula inaugural da Casa das Juventudes do Bairro Mathias Velho, e comparecemos a atividade Prefeitura no Bairro, com a presença do sr. Prefeito Jairo Jorge, no Bairro Guajuviras, onde o grupo da Escola de Funk fez uma apresentação. Esta participação nos mostrou que o trabalho que a Casa das Juventudes realiza está sendo valorizado por outros jovens, de outro bairro. Além de ser uma fonte de divulgação da Escola de Funk, foi um convite e uma mobilização para que mais jovens dediquem seu tempo a uma atividade de seu interesse na nova Casa.

Assistimos uma parte da atividade Vivências Esportivas RS na paz, no CETE, em Porto Alegre, no mês de fevereiro de 2013, com atividades físicas para os jovens. Durante o dia, as atividades foram organizadas pelos educadores do CETE e incluíram basquete, atletismo, handebol. Esta ação proporcionou um outro tipo de

movimento para os jovens e demonstrou o interesse da maioria em participar de atividades coletivas.

Fomos convidados e participamos de um ensaio preparatório para o desfile, na quadra da Escola de Samba Unidos do Guajuviras (fotografia 35).

Fotografia 35 – Ensaio da Unidos do Guajuviras



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2013.

E desfilamos na Escola de Samba Unidos do Guajuviras - Canoas/RS, no Grupo de Acesso em Porto Alegre, no Complexo Cultural Porto Seco, na noite de domingo de carnaval (fotografia 36). O tema da Escola foi *Mandela nas asas da paz: o guerreiro da liberdade* e uma alegoria homenageou a Casa das Juventudes, com livros representando o valor do ensino e da cultura, conforme mostra a fotografia 37. O interesse dos jovens pela leitura e informação foi devidamente representado nesta alegoria.

Fotografia 36 – Desfile da Unidos do Guajuviras



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2013.

Fotografia 37 – Alegoria da Unidos do Guajuviras



Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2013.

Os integrantes da Unidos do Guajuviras cantaram direitos, igualdade, cultura no desfile que mostrou, por meio da escola, a paz vencendo a violência e a morte.

Na letra do samba enredo, onde referencia “*de mãos dadas caminhar pro*

*amanhã com cultura, ensino e segurança social*¹¹ é outro destaque para a questão cultural e educacional.

✓ *Pensando com e sobre os educadores*

Um outro aspecto relevante de ser destacado se refere a dinâmica da Casa das Juventudes e o papel dos educadores. A partir das entrevistas realizadas com os educadores sociais percebemos um profundo interesse por parte deles pelo contexto do Bairro Guajuviras e pela Casa das Juventudes. Ao entrevistá-los, verificamos que, como educadores sociais, desempenham uma atividade diária de educação popular uma vez que o diálogo permanente caracteriza uma prática voltada aos jovens. Conhecedores da realidade social que trabalham, procuram não ficar ‘engessados’ aos formatos já existentes e sim dialogar com os educandos. Desta forma, o saber especializado do educador é valorizado e ao mesmo tempo está articulando os processos coletivos de intervenção, os conhecimentos adquiridos no seu cotidiano, o que Paulo Freire (2008, p.70) vem afirmar quando fala sobre o educador :

[...] a sua tarefa de ensinar é uma tarefa que, ao mesmo tempo em que ensina, re-corda, re-aprende, re-conhece e possibilita o conhecer dos alunos e alunas. Portanto, enquanto os alunos procuram conhecer, os educadores estão reconhecendo o objeto que ensinam

Nesse sentido, nas entrevistas com os educadores sociais percebemos o papel que realizam todos os dias. Conforme Romans, Petrus e Trilla (2003) o educador social têm várias funções e em várias áreas. Quando falam em “funções relacionadas com a comunidade” explicitam que

Este âmbito de atuação, mais que qualquer outro, precisa do trabalho em equipe, pois as intervenções comunitárias necessitam

¹¹ Parte da letra da música enredo da Escola de samba Unidos do Guajuviras
 Distribuir a riqueza pra que haja beleza
 e se possa escolher
 como batalhar nosso sustento
 do corpo e da alma vem o alimento
 e todos seremos iguais
 de mãos dadas caminhar pro amanhã
 com cultura, ensino e segurança social
 é hoje o dia, da alegria é carnaval

das contribuições de cada um dos profissionais que, desde suas respectivas áreas de trabalho, possam incidir nas vertentes educativas e/ou nas prestações de serviços que em cada caso se requeiram. (ROMANS; PETRUS; TRILLA, 2003, p. 117)

Claramente um educador entrevistado vê a sua função junto à comunidade quando diz: *‘[...] e eu passei a posição de agente cultural que trabalha basicamente como uma questão de mobilização social, fazer link da Casa pra comunidade, criar rede, criar conexões [...]’* (R.)

Nas entrevistas dos educadores sociais, os significados atribuídos à educação popular não são explicitados, mas são demonstrados através do relato das ações cotidianas, dos diálogos estabelecidos e da relação com os jovens. *‘[...] eu parto do princípio enquanto arte-educador social, eu parto do contexto social que está construído, eu não tenho que ficar hipoteticamente ou idealizando a gente enquanto educador não deve estar engessado a formatos e modificar e conhecer as normas e conhecer os formatos e dialogar com aquele público que estava falando.’* (J.)

As trocas de experiências com outros profissionais ou com os educandos são destaques nesta aprendizagem, como a questão dos direitos humanos. Segundo Viola (2008, p.135) “A educação para os direitos humanos e para a participação cidadã é a luta pela democracia e pelo seu constante aperfeiçoamento.”

Apresentaremos, a seguir, o excerto de uma entrevista com um educador social que é muito esclarecedora sobre o tema em questão : *‘[...] mas também enquanto ser humano, porque aqui a gente trabalha muito a questão dos direitos humanos e direitos humanos é o carro chefe do projeto aqui né, então tipo, eu tive que também aprender também algumas questões, direitos, como eu poderia abordar tal tema, pra também não parecer de uma forma pejorativa, ofensiva ou qualquer outra coisa então isto me fez aprender muito com a equipe de referência que tem psicólogo, tem assistente social tem advogado, né, então tinha um monte de gente que podia me dar suporte, foi importante.’* (R.)

Com relação à leitura e os jovens, os educadores avaliam que a motivação para a leitura é fundamental para despertar o desejo dos jovens. Ainda ressaltam que, para instigar na pessoa que vai ler, a leitura tem que ser atrativa. Esta questão de despertar o desejo já é colocada por Paulo Freire (2001a, p. 37) quando diz interessar-se pela “pedagogia do desejo” e que uma das tarefas dos educadores

progressistas é “[...] gerar nas pessoas sonhos políticos, anseios políticos, desejos políticos. A mim, como educador, é impossível construir os anseios do outro ou da outra.”

Ao falar sobre o acesso à leitura, um dos educadores coloca o que já havíamos tratado na introdução do nosso trabalho: sobre os espaços das bibliotecas: localização, inadequação do espaço, acesso difícil e suntuosidade de alguns locais. *‘É um espaço que tá lá com livros, negócio que tá lá, já existe este espaço, para espalhar. Muitas vezes o livro tá em lugares que a pessoa não se sente a vontade de chegar... o poder público tem que se dar conta que a leitura tem que ser convidativa. Porque uma biblioteca, ano passado eu fui em Brasília, o pessoal da Ceilândia não vai na Biblioteca Nacional, não vai na biblioteca nacional, o pessoal da Ceilândia não vai lá, tem que ter na Ceilândia ...’* (R.)

No que diz respeito ao tipo de atividade ou equipamento cultural para a promoção da leitura na Casa, um educador sugere uma biblioteca itinerante: *‘[...] além disto a gente poder fazer uma biblioteca itinerante aqui pelo bairro, uma biblioteca itinerante, através de uma bicicleta, através de um carrinho de pipoca, que a gente possa enfeitar o carrinho de pipoca como uma biblioteca’*. (R.)

✓ *Pensando junto, planejando e agindo*

Na nossa caminhada investigativa, sempre com o olhar sobre os jovens iniciamos um outro processo importante junto a eles e com eles.

Ao encerrarmos as entrevistas com os educadores e já estando com um estudo sobre vários equipamentos culturais na área da leitura, elaboramos oficinas para a construção de uma pesquisa na própria comunidade, visando um maior conhecimento e uma participação efetiva dos jovens. Freire (1984, p. 40) reforça esta questão da pesquisa, ao falar do povo ser sujeito e não “objeto da pesquisa” e “[...] povo como sujeito do conhecimento de si mesmo.”

A interação foi na Oficina de Funk, oferecida pela Casa das Juventudes. Pesquisamos sobre as músicas trabalhadas nas coreografias e a nossa intervenção teve início com o nosso questionamento sobre um texto que lemos, perguntando se os “alunos” da oficina conheciam. Todos, de alguma forma, se manifestaram, mostrando conhecer o texto. Informamos que o conhecimento deles era diferenciado do nosso e que nós não conhecíamos aquela música e eles sim.

O texto escolhido foi uma parte da música *Loquinha*, do McK9.¹² Ao dialogar com os jovens, mostramos que eles conheciam mais o bairro do que outras pessoas. Desta forma precisávamos da ajuda deles na pesquisa. Paulo Freire (1996) ao falar como educador, nos diz das experiências dos grupos populares:

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.(FREIRE, 1996, p. 32)

Conseguimos a participação de nove jovens que compareceram às Oficinas. Foram apresentados alguns resultados das entrevistas já realizadas na Casa com os jovens, relatamos ideias e experiências conhecidas. A partir do estudo já relacionado no item 2.2, mostramos cartazes com fotos de equipamentos culturais na área da leitura. O nosso trabalho foi sempre foi em cima do diálogo, da participação de todos. Com alguns jovens, tivemos maior dificuldade em envolvê-los, pois eram mais calados e com outros, o debate se movimentou.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 33)

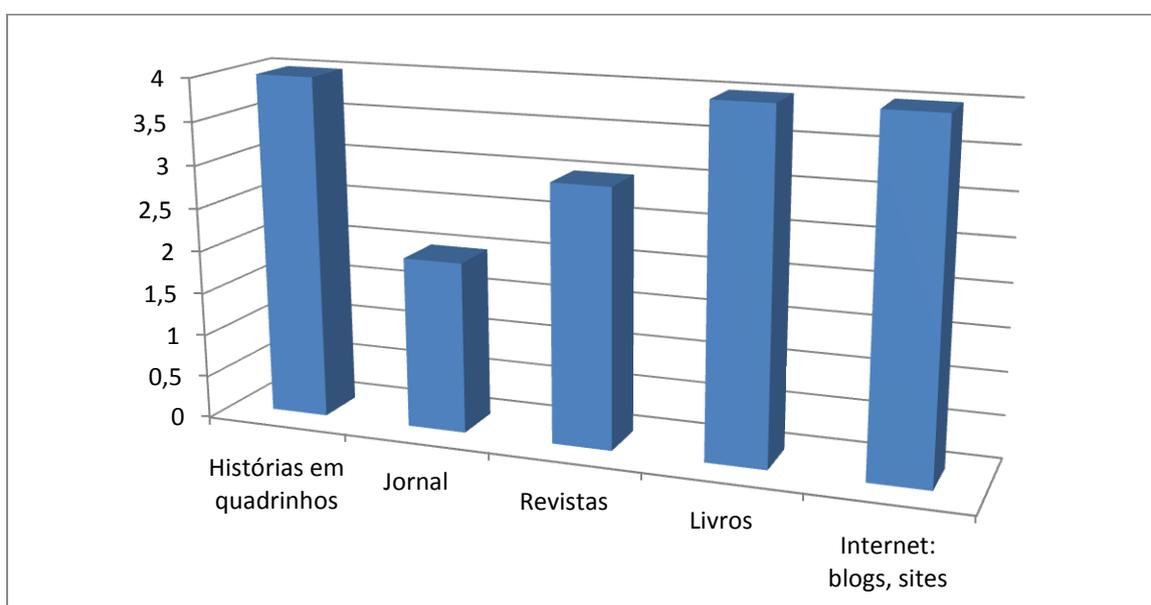
Formulamos, em conjunto, um questionário que os jovens aplicariam na comunidade com o objetivo de conhecer um pouco mais a vontade do bairro com relação a leitura, e iniciamos a preparação dos “pesquisadores” para essa atividade. Percebemos o interesse deles em trabalhar na própria comunidade e a nossa vontade em integrá-los. Esta integração e participação, caracterizam o que

¹²Transcrevemos aqui trecho da música *Loquinha*, do McK9
Louca, Louquinha.
Da uma empinadinha,
Da uma agachadinha,
Você ta soltinha,
Tu ta louca hein.

mostra Pereira (2002, p. 151) quando diz que “A metodologia em trabalho comunitário faz uma ruptura com esse lugar privilegiado de alguém que detém um certo saber, prestígio e poder, e opta por uma ação mais dialógica.” Nesta oficina os jovens simularam um exercício, treinando como fariam a pesquisa. Foram distribuídas pranchetas, crachás, caneta. No último encontro fizemos o levantamento dos resultados da pesquisa dos jovens e a construção final da proposta do grupo. A partir dos questionários aplicados obtivemos resultados significativos:

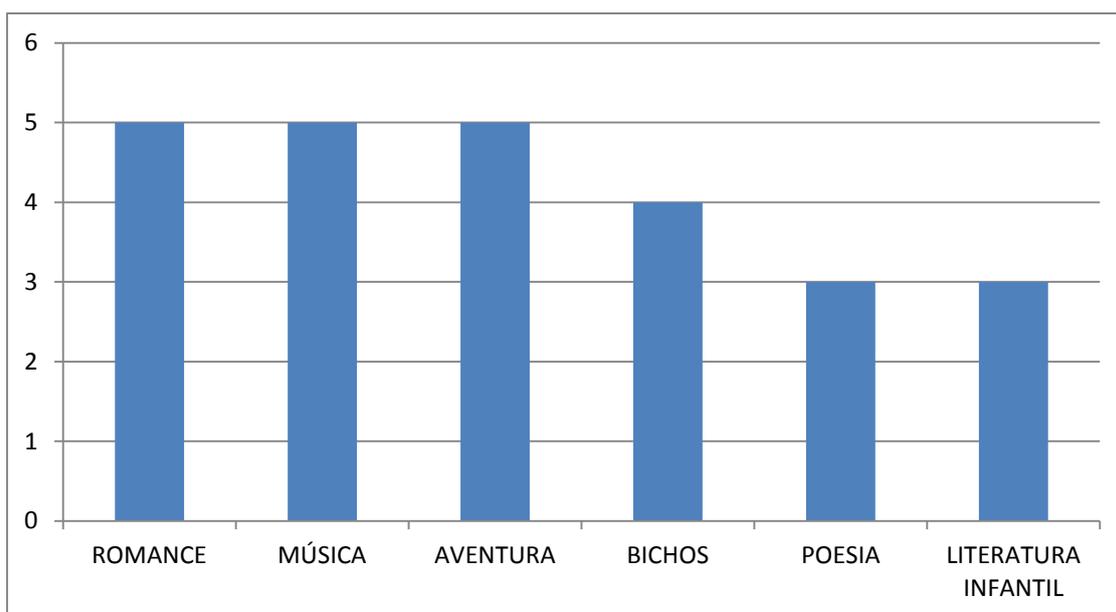
✓ Número de questionários devolvidos: 15, sendo 12 do sexo feminino e 3 do sexo masculino. Das 15 pessoas, 3 trabalham e 12 estudam. As 15 pessoas responderam que gostam de ler. Obtivemos outros resultados conforme os gráficos 3, 4 e 5.

Gráfico 3 – Preferência de leitura



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013.

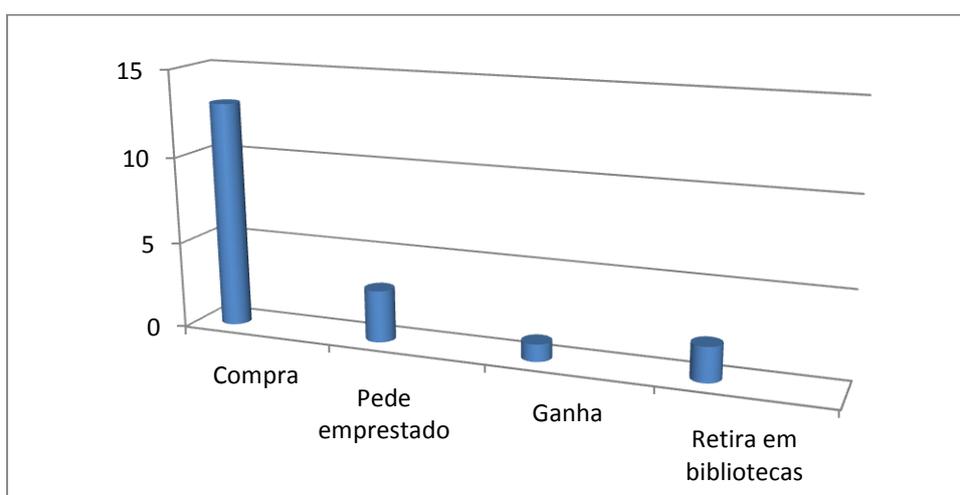
Gráfico 4 – Assuntos de interesse



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013.

Outros assuntos foram informados também de interesse dos entrevistados: livros sobre corpo humano, literatura policial, autoajuda, esportes, revistas sobre bolos, alpinismo.

Gráfico 5 - Acesso aos documentos



Fonte: Jacira Gil Bernardes, 2013.

Com relação às perguntas 'Gostaria que tivesse alguma atividade de leitura ou um espaço de leitura na Casa ou no bairro', todas as respostas foram sim; e com relação a 'que tipo de atividade de leitura', dos 15 respondentes, 10 responderam uma biblioteca e 5 responderam uma biblioteca com material de interesse.

Através dos inúmeros instrumentos utilizados, com a participação dos jovens, com a nossa inserção na Casa chegamos à escolha coletiva de um produto: um Espaço, com o nome a ser definido, que contemple materiais indicados pelos jovens e pela comunidade: literatura estrangeira, poesias, livros de mitologia, livros de autoajuda, literatura juvenil, CDs de música, DVDs de filmes, livros sobre outros países, mangás, histórias em quadrinhos, jogos.

Participamos da atividade Conhecendo o que é feito através de como é feito, realizado na Casa das Juventudes, com apresentação do Observatório de Segurança de Canoas, e apresentamos o nosso Projeto a todo o grupo de educadores da Casa. Após o evento, conversamos com os administradores que nos colocaram à disposição uma sala do andar térreo para a construção do Espaço de Leitura. Visitamos a sala e de forma conjunta, iniciamos a planejar a utilização do espaço.

A partir dos resultados encontrados passamos a trabalhar com a questão da sala disponibilizada para ser utilizado como Espaço de Leitura. Iniciamos com a solicitação para amigos, através de uma Rede social, a doação de materiais compatíveis com o desejado pelos jovens. Conseguimos em torno de 460 volumes de livros, sete mangás, doze DVDs de filmes, quarenta CDs de música, um jogo, além de estantes, expositor de revistas e a doação e colocação de uma persiana.

Com a participação de três jovens começamos a pensar o espaço, arrumando-o no primeiro encontro, tirando materiais que não pertencem a sala e trabalhando com o material recebido: separação por assunto, caracterizando uma oficina de trabalho. E fomos construindo coletivamente até o espaço ficar pronto e adequado (fotografia 38).

Fotografia 38 – Produto final

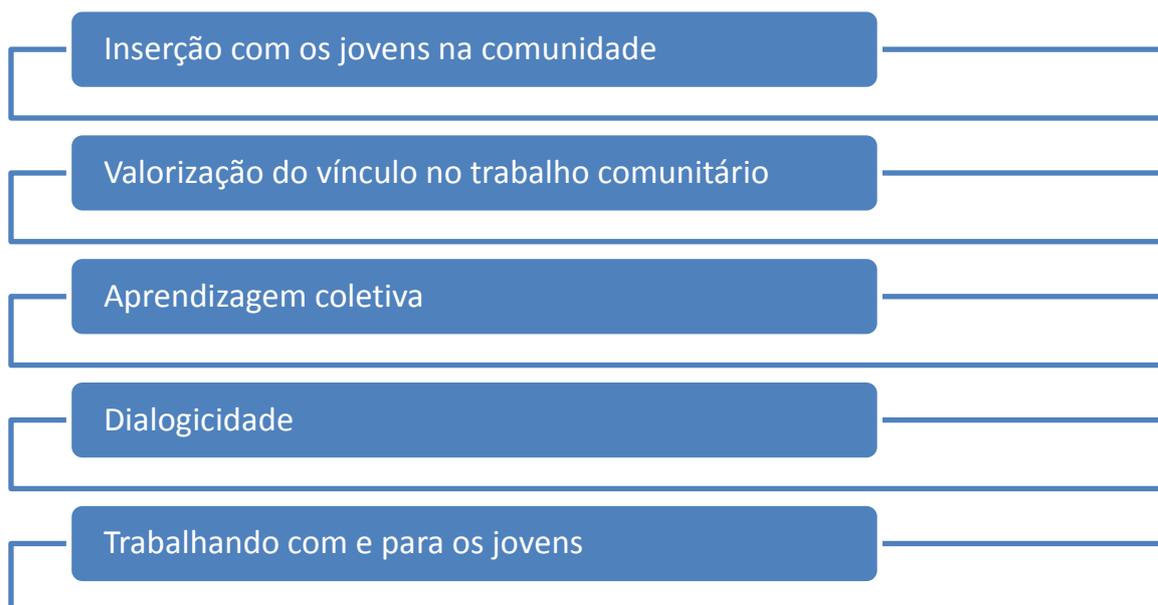


Fonte: Foto do acervo pessoal de Jacira Gil Bernardes, 2013

Para encerrar a nossa análise queremos destacar que o nosso trabalho foi baseado nos princípios do diálogo, da participação, da compreensão e da pedagogia do desejo conforme as teorias de Paulo Freire.

Reverendo a trajetória, podemos dizer que utilizamos como estratégias para alcançar nossos objetivos o que ressaltamos na figura 13.

Figura 13 – Estratégias utilizadas



Fonte: Jacira Gil Bernardes

A inserção com os jovens na comunidade, bem como a caminhada para e junto com eles, permitiu-nos conhecer e reconhecer o local, seus hábitos, seu cotidiano, na tentativa de fortalecimento do vínculo e desenvolvimento de um trabalho participativo e democrático. Avaliamos que a aprendizagem foi coletiva, pois houve uma troca de experiências, uma troca de conhecimentos.

Através do diálogo construímos a nossa investigação. Como coloca Zitkoski (2008, p. 131) sobre o diálogo: “O desafio freireano é construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes, mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso *ser mais*.”

As análises demonstram o quanto caminhamos para chegar ao desenvolvimento de um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à informação na Casa das Juventudes em Canoas, RS.

5 INDO E VINDO – 24 km de ida e 24 km de volta

*Vivir no es sólo existir,
sino existir y crear,
saber gozar, sufrir y no dormir
sin soñar.
Descansar... es empezar a morir.
Gregorio Marañón (2009, p.1))*

*Como encerrar uma dissertação e me despedir deste período de pesquisa?
Sair deste encantamento de um trabalho que iniciei com desconfiança e que passei
a amar, e como sair dele sem percorrer um luto num período tão curto?*

*Retomo o meu objetivo geral da pesquisa: fomentar o desenvolvimento de
um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à
informação na Casa das Juventudes em Canoas, RS.*

*No capítulo quatro já tentei responder se esse objetivo foi alcançado, mas
ainda espero responder nestas últimas palavras mais algumas questões desta
caminhada.*

*Percebi que foi uma trajetória longa, com muita leitura, muitos
atravessamentos e muita retomada ao ponto de partida, ao qual me movimentei.*

*Meu medo de realizar uma pesquisa com a construção de uma ação e não
dar certo foi superado ao longo da investigação. Este medo, fruto de uma
experiência anterior que avalio ter havido problemas, foi desconstruído a partir de
uma nova forma de trabalhar. Construí coletivamente, com uma inserção na
comunidade, com uma base sólida de uma pesquisa efetuada. Outro medo
superado foi com relação ao local escolhido: por ser a Casa das Juventudes um
projeto com ligação direta com a Prefeitura, pensava no início que poderiam
acontecer mudanças. Estas aconteceram, neste período, e foram sendo absorvidas
pelos jovens, pela comunidade e por mim.*

*Ao longo da dissertação apresentei o meu estudo. Não trabalhei com um só
autor, mas com vários. Saí da minha área de conforto e com muita dificuldade
circulei por áreas até então desconhecidas, lendo autores novos, exercendo uma
nova atividade de pesquisadora. Realizando um sonho tão sonhado.*

*A retomada dos escritos de Paulo Freire, com suas teorias e sua imensa
prática que continua atual, me levou a um desconforto, ou melhor, me levou a*

repensar a própria prática, ao meu cotidiano de trabalho. Mas, ao mesmo tempo, reforçou minha convicção neste trabalho participativo e democrático.

No capítulo três, apresentei a metodologia escolhida, a pesquisa-ação, que no meu entendimento foi completamente adequada aos propósitos da pesquisa. Quando optei por esta metodologia, pensei inicialmente que seria muito difícil e que não daria certo, que teria que recuar, que não seria aceita, que não teria a chance e que não haveria integração. Ao falar sobre o diálogo, tão importante na educação popular, não acreditava no que estava escrevendo, não acreditava que poderia dialogar, que seria ouvida e que ouviria. O exercício da escuta foi fundamental. Ao escolher esta metodologia não imaginava o envolvimento que teria, a imersão que faria e as aprendizagens que ganharia.

No capítulo quatro apresentei os resultados da pesquisa, sem que com isto considere o assunto encerrado. A necessidade de outros estudos com relação a jovens e leitura é fundamental em nosso país.

Fui e voltei na pesquisa e no local da pesquisa e apresento aqui o meu Diário de Afetos:

Ao me deslocar uma vez por semana para a construção desta pesquisa, começava a fazer reflexões na ida. Nos 24 km percorridos, já pensava em como seria recebida, se tomaria um cafezinho, se conseguiria fazer a entrevista planejada para o dia, se conseguiria fazer uma observação, se encontraria tudo como antes ou se haveria modificações que pudessem alterar minha investigação.

No percurso de volta, ficava refletindo sobre os significados de cada ação, avaliando as observações realizadas, pensando nas anotações já feitas e nas que teria que fazer, no que percebi nas entrelinhas, nos olhares, nos silêncios e em muitos dias saía de lá carregando mais uma lição de vida. Em cada encontro levava um “soco no estômago”, representado pelas surpresas, pelas novidades que aquele grupo me apresentava e fui me acostumando com a aprendizagem de cada momento vivido na Casa das Juventudes.

Aprendi com os jovens, com os educadores, com os estagiários, com os oficinairos, com os administradores.

Que aprendizagens foram essas?

Aprendi a escutar, aprendi a perguntar, aprendi a responder e principalmente aprendi a dialogar. Quem pergunta também tem que responder.

Muitas e muitas vezes fui questionada: Tu moras em Canoas? O que tu gostas de ouvir? Que música tu gostas? O que fazes aqui? Hoje tu vais me entrevistar? Queres entrevistar o meu irmão? Tu trabalhas aqui? Tu trabalhas na UFRGS? Quem tu vais entrevistar hoje? Tu és professora? Tu vais dar uma Oficina? Tu vais dançar conosco? Tu vais assistir a nossa atividade? Tu vais comer cachorrinho? Tu gostas de funk? Tu és assistente social? O que fazes aqui? E as perguntas não paravam, o questionamento vinha pela boca e pelos olhos. Muitos jovens somente me olhavam, questionando, com olhar inquiridor. E umas das perguntas que me fez sair em lágrimas: tu vais nos abandonar? (Pergunta feita na época das eleições municipais, em que muitas das pessoas da Casa das Juventudes estavam angustiadas com relação à reeleição ou não do prefeito e se o Secretário de Segurança se manteria no cargo ou não).

As minhas aprendizagens foram muitas e através dos instrumentos utilizados e da minha memória, dos resultados da pesquisa posso dizer:

Que é possível construir e continuar sonhando.

Que não é fácil trabalhar apostando na participação.

Que o preconceito existe. Inúmeras vezes me perguntaram, quando informava que ia no Guajuviras: tu não tens medo? Tu sabes que é um bairro violento?

Que os jovens leem, mas leem o que os interessa.

Que a Casa das Juventudes, em muitos momentos, é vista por quem não a conhece como um local de encontro de “marginais”.

Que os jovens gostam de escrever, de criar textos, criar músicas e muitos produzem textos e descartam por não se valorizarem.

Que a amizade, a alegria, a solidariedade do grupo está presente na vida e no coração daqueles jovens.

Que às vezes um simples lanche pode levar um jovem para dentro da Casa.

Que os jovens da Casa das Juventudes não são diferentes de outros jovens e ao mesmo tempo não são iguais. Convivem com uma realidade de violência e possuem sua cultura juvenil, aprendi enfim, na prática o significado de “juventudes”.

Que a música tem muita importância em suas vidas através da alta utilização do Estúdio de Música da Casa, para ensaio, Festival de Bandas promovido pela Casa das Juventudes, pelo número de jovens integrantes de bandas, de vários ritmos.

Que o funk é amado e valorizado por muitos jovens (participação na Oficina de funk da Casa – em torno de 50 inscritos, com lista de espera).

Que o trabalho/renda é um item fundamental – A participação no PROTEJO lhes assegurava 100,00 por mês. A necessidade dos jovens em ter algum tipo de renda e a importância que dão à escola para alcançar este objetivo.

Que os jovens tem uma clareza sobre as escolas que frequentam e/ou frequentaram: falta de professores, falta de conectividade do currículo com a realidade, falta de preparo para o vestibular da UFRGS.

Que a afetividade esteve presente em toda a minha caminhada, me motivou e deu forças para concluir este trabalho.

A minha preocupação, nessa trajetória investigativa, foi sempre a participação para que todo o processo fosse democrático. As experiências vivenciadas tiveram muitos significados e me marcaram. As descobertas, ao longo deste caminho, foram oportunidades de vida e que somente neste momento consigo avaliar.

Posso concluir que houve um processo democrático de escolha do equipamento cultural. O trabalho gerou, além da prática desenvolvida e do produto final, a possibilidade de conhecer os equipamentos culturais de acesso à leitura e à informação espalhados pelo mundo. Essas informações me provocam no sentido de socializar estas experiências. Penso que esta parte da dissertação, que apresenta uma espécie de Catálogo de Equipamentos Culturais na área da leitura, poderá ser disponibilizado no próprio site do UNILASALLE, através do Observatório da Cultura e em outros bancos de dados. A partir desta divulgação, pode-se disseminar o conhecimento de tecnologias sociais na área da leitura desenvolvidas em outros locais.

Ao encerrar esta dissertação gostaria de deixar uma mensagem que recebi de uma jovem da Casa das Juventudes, jovem que escreve seus pensamentos, suas ideias e muitas vezes, divulga numa rede social. Deixei no original sem nenhum [sic] para manter o texto todo sem alterações, sem correções.

“ Tem certas coisas da vida que nada é para sempre simplesmente temos momentos especiais, momentos tristes e de alegrias e muita luta. Então vamos prestar mais atenção na vida viver com intensidade e prestigiar a Felicidade, o amor e a nossa paz que temos dentro de nós. E agradecer a todos os dias a Deus pela vida que temos porque as vezes queremos muito e temos tudo e não sabemos valorizar. Então Lute para ser alguém nessa vida e agradeça a cada passo conquistado !”

Daiana Guedes

6 REFERÊNCIAS

AMORIM, Luiz. Açougueiro; entrevista concedida a Francisca Azevedo. In: T-BONE AÇOUGUE CULTURAL. [Site] Brasília, 2012. Disponível em: http://www.t-bone.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=71. Acesso em: 20 jan 2013.

ANDREOLA, Balduino. Educação e diálogo na perspectiva de Freire. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 13, n. 1, p. 19-34, jan./jun. 2006.

AREIAS, Déborah de P. Leitura e juventude: o que temos diante dos olhos? In: SEMANA DE EDUCAÇÃO (13. : 2008) **Educação, formação e sociedade**: desafios contemporâneos; comunicações e Pôsteres. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Disponível em: <http://www.educacao.uerj.br/SemanaEducacao2008/Trabalhos/arq078.pdf>. Acesso em: 03 jan 2013.

ASSUNÇÃO, Jéferson. Por uma cidade de leitores. In: CANOAS. **Plano Municipal de Livro, Leitura e Literatura**. Canoas : Prefeitura de Canoas, 2010. p. 7-9.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2001.

BASTOS, Fábio da Purificação de. Investigação-ação e profissionalização de professores. **Cadernos Pedagógicos**, Lajeado, n. 2, p. 7-12, jun. 1999.

BASTOS, Gustavo Grandini. **Bibliotecas comunitárias em discurso**. Ribeirão Preto: 2010. 157 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

A BELL'IDEA : il bibliomotocarro. **Scomunicando**: Giornalle online, 26 mar 2010. Disponível em: www.scomunicando.it/cronaca-regionale/la-bellidea-il-bibliomotocarro. Acesso em: 20 nov 2012.

BIBLIOCICLETA. Espalhando a alegria dos livros; [site]. Simões Filho: 2012. Disponível em: <http://bibliocicleta.com.br/>. Acesso 19 jan 2013.

BIBLIOTECA PÚBLICA PILOTO DE MEDELLIN PARA AMÉRICA LATINA. [Site] Medellin: 2013. Disponível em: http://www.bibliotecapiloto.gov.co/index.php?option=com_content&view=article&id=772&Itemid=438. Acesso em 23 jan 2013.

BIBLIOTECA Ilê Ará. In: REDE SOCIAL MURIALDO. [Site] Porto Alegre: 2012. Disponível em: <http://www.murialdopoasocial.org.br/categoria/projetos-e-programas/biblioteca-ile-ara/>. Acesso em 27 jan 2013.

BIBLORED: RED CAPITAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. [Site] Bogotá: 2012. Disponível em: <http://www.biblored.edu.co/Acerca-de-BibloRed>. Acesso em: 23 jan 2013.

BICICLOTECA. **Um livro pode mudar a sua vida**; [site] São Paulo: 2013. Disponível em: <http://biciclotecas.wordpress.com/>. Acesso em: 28 jan 2013.

BOGOTÁ. SECRETARIA DE CULTURA RECREACIÓN Y DEPORTE. Libro al viento. In: _____. [Site] Bogotá, 2012. Disponível em: <http://www.culturarecreacionydeporte.gov.co/portal/node/79>. Acesso em 20 dez 2012.

BOOKCROSSING Brasil; bem-vindo à biblioteca mundial. 2012. Disponível em: <http://www.bookcrossing.com>. Acesso em: 24 fev 2013.

BORRACHALIOTECA. [Site] Sabará: 2013. Disponível em: <http://borrachalioteca.blogspot.com.br/>. Acesso em 10 jan 2013

BORRACHALIOTECA de Sabará - bibliotecas no Brasil. In: CAÇADORES de bibliotecas; blogspot 2010. Disponível em: <http://cazadoresdebiblioteca.blogspot.com.br/2010/11/borrachalioteca-biblioteca-em-sabara.html>. Acesso em: 11 jan 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar – participar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 9-16.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Comunidades**: Arca das Letras. Brasília; MDA, 2013. Disponível em: http://www.mda.gov.br/dotlrn/clubs/arcadasletras/one-community?page_num=0. Acesso em 23 jan 2013.

BRASIL. PRONASCI. **O que é o PRONASCI**. Brasília: Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJE24D0EE7ITEMIDAF1131EAD238415B96108A0B8A0E7398PTBRNN.htm>. Acesso em 18 fev. 2012.

BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Guia de políticas públicas de juventude**. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/guia-de-politicas-publicas-de-juventude>. Acesso em 01 fev 2013.

_____. **Principais Programas de Juventude**; Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). Brasília: 2012. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/guia/principais-programas-de-juventude/programa-nacional-de-seguranca-publica-com-cidadania-pronasci>. Acesso em: 18 fev 2012.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

BURATTINI, Eduardo Raúl. Promoción de la lectura con el uso del Bibliomóvil. **Boletín electrónico ABGRA**, Buenos Aires, v. 3, n. 4, dic. 2011. Disponível em: <http://www.abgra.org.ar/newsletter/Bibliomovil.pdf>. Acesso em 23 abr 2013.

CABINE telefônica vira pequena biblioteca na Grã-Bretanha. In: BD: Bibliodados. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://bibliodados.blogspot.com.br/2011/04/cabine-telefonica-vira-pequena.html>. Acesso em: 24 fev 2013.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica. **Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n.12, dez. 2001.

CAMEL library. In: KENYA NATIONAL LIBRARY SERVICE . [Site] 2012. Disponível em: <http://www.knls.ac.ke/index.php/public-library/camel-library>. Acesso em: 30 abr 2013.

CANEDO, Daniele. **Democratização da cultura**: mais definições em trânsito. Salvador: UFBA, [2004] 5 f. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/mais_definicoes/DEMOCRATIZACAODACULTURA.pdf. Acesso em: 12 nov. 2011.

CANOAS. **Plano Municipal de Livro, Leitura e Literatura**. Canoas : Prefeitura de Canoas, 2010.

CANOAS. PREFEITURA MUNICIPAL. Bibliopraças: Livros invadem as praças de Canoas. In:_____. [Site]. Canoas: PMC, 2010b. Disponível em: <http://pref-canoas.jusbrasil.com.br/politica/6737132/bibliopracas-livros-invadem-as-pracas-de-canoas>. Acesso em: 20 jan 2013.

LA CARRETA literaria leamos; [página no facebook]. Cartagena, 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/La-Carretera-Literaria-Leamos/65245087175?fref=ts>. Acesso em: 27 dez 2012.

CARVALHO, Larissa Camacho. **Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade**: jovens & fanfictions. Porto Alegre: 2012. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Educação.

CASA das Juventudes em clima de festa. In : GUAJUVIRAS, Territórios de Paz; Blog dos Projetos Pronasci no Território de Paz de Canoas, RS. Canoas, 2010. Disponível em: http://guajuvirasterritoriodepaz.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html. Acesso em 23 mar 2012.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. Diversidade de interpretações das culturas juvenis. In: _____. **Culturas juvenis** : múltiplos olhares. São Paulo : UNESP, 2008. p. 89-103.

CAXIAS DO SUL. PROGRAMA PERMANENTE DE ESTÍMULO À LEITURA - LIVRO MEU. **Cangurus da leitura**. Caxias do Sul: 2012a. Disponível em: <http://ppel.caxias.rs.gov.br/projetos.php?codigo=11>. Acesso em 05 fev 2013.

_____. **Malas de leitura.** Caxias do Sul: 2012b. Disponível em: <http://ppel.caxias.rs.gov.br/projetos.php?codigo=2>. Acesso em 05 fev 2013.

_____. **Peçuelos de leitura.** Caxias do Sul: 2012c. Disponível em: <http://ppel.caxias.rs.gov.br/projetos.php?codigo=19>. Acesso em 05 fev 2013.

CHAUI, Marilena. **Cidadania cultural** : o direito à cultura. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. Cultura política e política cultural. **Estudos avançados**, v. 9, n. 23, p. 71-84, 1995.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural** : cultura e imaginário. 2.ed. São Paulo : Iluminuras, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Política Nacional de Juventude**; diretrizes e perspectivas. Brasília, CNJ, 2006. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05611.pdf>. Acesso em: 23 maio 2012.

CORDIOLI, Sergio. Enfoque participativo no trabalho com grupos. In: BROSE, Markus. **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. 2.ed. Porto Alegre : Tomo Ed., 2010.

DAMICO, José Geraldo Soares. **Juventudes governadas**; dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França). Porto Alegre : UFRGS, 2011. Tese de doutorado.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set./dez. 2003.

_____. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo : USP, 2001. Tese (doutorado) Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, 2001.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro, 2008.

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 77, p. 73-89, mar. 2007.

FERNANDES, Rosa Maria Castilhos; CLOSS, Anajara Carbonell. O direito à cultura: uma questão de acessibilidade. In: SANTOS, Nádia Maria Weber; BERND, Zilá. **Patrimônio artístico**: caminhos, memórias e preservação. Canoas: UNILASALLE, 2012. p.193-202.

FERREIRA, Maria Mary; BARROS, Dirlene Santos. Informação, leitura e cidadania : a extensão como prática de construção de leitores. In: ENCUESTRO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECARIOS, ARCHIVISTAS Y MUSEÓLOGOS (2. : 2010 : Lima) [Anais.] Lima : 2010. Disponível em: <http://ebam.gesbi.com.ar/reservorio10/ponencias2EBAM/2EBAM-E7-p5a.pdf>. Acesso em 28 nov. 2011.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

FETAG-PB. **Arca das Letras**: Paraíba receberá mais 31 bibliotecas rurais. João Pessoa: FETAG-PB, 2011. Disponível em: <http://www.fetagpb.org.br/Noticias/?arca-das-letras-paraiba-recebera-mais-31-bibliotecas-rurais-10.02.2011>. Acesso em 20 dez 2012.

FOTOS do dia. In: PIQUENIQUE da leitura; blog. 2012. Disponível em: <http://piqueniquedaleitura.wordpress.com/about/fotos-do-dia/>. Acesso em: 31 maio 2013.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo : Moraes, 1980.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. 8.ed. São Paulo : Brasiliense, 2006b. p. 34-41.

_____. Educação permanente e as cidades educativas. In: _____. **Política e educação**. 5.ed. São Paulo : Cortez, 2001b.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 7 ed. São Paulo : Cortez, 1984.

_____. **Pedagogia da autonomia** : saberes necessários à prática educativa 2. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6.ed. São Paulo : Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Indaiatuba: Villa das letras, 2008.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 43.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2006a.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo UNESP, 2001a.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. 9.ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Registro. In: STRECK, Danilo et al. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. p. 362-363.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Bondinho da leitura. In: _____. [Site] Curitiba, 2013a. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/bondinho-da-leitura/>. Acesso em 20 fev 2013

_____. Tuboteca. In: _____. [Site] Curitiba, 2013b. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/literatura/programas/tuboteca>. Acesso em 20 fev 2013.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GALVÃO, Tatiana Verônica Bezerra O papel das transformações sociais e da identidade juvenil na construção de comunidades de sentido. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (4. : Salvador: 2008) **Anais**. Salvador : UFBa, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14338.pdf>. Acesso em: 21abr 2013.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George, eds. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som; um manual prático**. 4.ed. Petrópolis : Vozes, 2005. p. 64-89.

GHIGGI, Gomercindo. Paulo Freire e a revivificação da Educação Popular. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 111-118, maio/ago. 2010.

GOROSITO LÓPEZ, Antonio. La biblioteca centro del que-hacercomunitario. **Serie Bibliotecología y Gestión de Información**, La Rioja, n. 49, p. 1-33, oct. 2009. Disponível em: http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/13533/1/Serie_N%C2%BA_49-_Octubre_N%C2%B02009_-_Gorosito.pdf. Acesso em: 08 fev. 2011.

_____. La biblioteca comunitária : uma experiência de organización social, educativa y cultural. **Biblios Revista Electrónica de Bibliotecología, Archivología y Museología**, v. 4, n. 15, p.36-40, abr./jun. 2003. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3048927>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo : Estação Liberdade, 1996. p. 107-116.

IBGE. Canoas-RS. In: _____ **Cidades@**. Brasília: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 08 fev 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro : IPL, 2011. 129 f. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=352> . Acesso em: 05 abr. 2012.

IPEA. Cultura. **Políticas sociais – acompanhamento e análise**, Brasília, v. 14, p. 120-136, fev. 2007. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_14/cultura.pdf. Acesso em 31 out 2011.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.) **As artimanhas da exclusão** : análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis : Vozes, 1999. p. 53-66.

KLEIN, Tiago Pavinato. **O Programa Mais Educação como articulador de políticas educacionais e culturais** : a experiência de uma escola de Esteio, RS. Canoas : UNILASALLE, 2012. Dissertação de mestrado.

LANÇADO Projeto estações culturais. In: T-BONE AÇOUGUE CULTURAL. [Site] Brasília, 2012. Disponível em: http://www.t-bone.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=71. Acesso em: 20 jan 2013.

LISBOA, Adriana. A carreta literária. **Rascunho; O jornal de literatura do Brasil**, 2012. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-carreta-literaria/>. Acesso em 23 set 2012.

LITTLE free library. In: WIKIPÉDIA: The free encyclopedia. 2012. http://en.wikipedia.org/wiki/Little_Free_Library. Acesso em 30 maio 2013.

LOURENÇO, André Luiz Correia. *Otakus*: jovens brasileiros e cultura pop nipônica. In: _____. **Juventude contemporânea**: culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro : 7 Letras, 2010. p. 61-74.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. São Paulo : USP, 2008. f. Tese (doutorado)-Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, BR-SP, 2008.

_____. Uma discussão acerca do conceito de Biblioteca Comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 80-4, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/420/283. Acesso em: 31 out 2011.

MAGALHÃES, Soraia. Biblioteca Parque de Manguinhos; Rio de Janeiro. In: CAÇADORES de bibliotecas; blog. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <http://cazadoresdebiblioteca.blogspot.com.br/search/label/Bibliotecas%20Parque>. Acesso em: 23 jan 2013.

MARAÑÓN, Gregorio. Frases de Gregorio Marañón. In: PROVERBIA. 2009. <http://www.proverbia.net/citasautor.asp?autor=628>. Acesso em 18 maio 2013.

MARINA, José Antonio; VÁLGOMA, María de la. **A magia de ler**. Lisboa, Ambar, 2007.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio Farias (coord.). **Equipamentos culturais na América do Sul**: desigualdades. Rio de Janeiro, Apicuri, 2009.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 5-14, 1997.

MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo : Brasiliense, 1986. 261 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo : Hucitec, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.) **Pesquisa social** : teoria, método e criatividade. 28.ed. Petrópolis : Vozes, 2009.

OBSERVATÓRIO DE SEGURANÇA DE CANOAS. **Atendimentos do Projeto Casa das Juventudes Guajuviras**: Janeiro a novembro de 2012. Canoas : 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Ano Internacional da Juventude**; compreensão mútua e diálogo; 12 de agosto 2010 - 11 de agosto 2011. Rio de Janeiro, UNIC Rio, 2010. Disponível em: http://www.unicrio.org.br/docs/iyyp_portugues.pdf. Acesso em: 15 jun 2012.

ORNELAS, Raúl. A autonomia como eixo da resistência zapatista ; do levante armado ao nascimento dos Caracoles. In: CECEÑA, Ana Esther (org.) **Hegemonias e emancipações no século XXI**. Buenos Aires : CLACSO, 2005. p. 129-167.

OSWALD, Maria Luiza; ROCHA, Sergio Luiz Alves da. Sobre juventude e leitura na "idade média": implicações para políticas e práticas curriculares. **Educar em revista**, Curitiba, n. 47, p. 267-283, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 maio 2013.

PARANÁ. SECRETARIA DA CULTURA. Veranistas contam com bibliotecas móveis em cinco praias do Paraná. In:_____. [Site] Curitiba, 2013. Disponível em: <http://www.cultura.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1277>. Acesso em: 15 jan 2013.

PEREIRA, William César Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social**: teoria, método e prática. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PINHEIRO, Juarez. **Campanha Biblioteca na Vila**. Porto Alegre : Gabinete vereador Juarez Pinheiro, 2003. 6 f.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA. Introdução. In: _____. [Site oficial]; Plano Nacional do Livro e Leitura. Brasília: PNLL, 2011b. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br/>. Acesso em 12 nov 2011.

_____. Justificativa. In: _____. [Site oficial]; Plano Nacional do Livro e Leitura. Brasília: PNLL, 2011c. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br/>. Acesso em 12 nov 2011.

_____.O que é o PNLL? In: _____. [Site oficial]; Plano Nacional do Livro e Leitura. Brasília: PNLL, 2011a. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br/>. Acesso em 12 nov2011.

POLIS: a collaborative blog about cities across the globe. 2010. Disponível em: <http://www.thepolisblog.org/2010/01/el-biblioburro-donkey-library.html>. Acesso em 20 dez 2012.

PONTOS de ônibus no Rio viram locais de troca de livros. In: Brasil exclusivo; blog. 2013. Disponível em: <http://www.brasilexclusivo.com.br/blog/pontos-de-onibus-rio-viram-locais-de-troca-de-livros/>. Acesso em 20 abr 2013.

PRIMEIRO Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. [Site oficial]. Brasília : MinC, 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2010/04/30/primeiro-censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais>. Acesso em: 12 nov. 2011.

RED DE BIBLIOTECAS MEDELLIN AREA METROPOLITANA. [Site] Medellín: 2013. Disponível em: <http://www.reddebibliotecas.org.co/sistemabibliotecas/Paginas/default.aspx>. Acesso em 24 jan 2013.

ROMANS, Mercè; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. Funções e competências do educador social. In: _____. **Profissão**: educador social. Porto Alegre: ARTMED, 2003. p. 115-137.

ROMERO, Simon. Biblioburro – uma biblioteca montada em dez pernas e com 4800 livros. In: CASA do poeta; Onde a Literatura visita a Poesia. 2008. Disponível em: <http://thelmomattos.wordpress.com/2008/11/14/biblioburro-uma-biblioteca-montada-em-dez-pernas-e-com-4800-livros/>. Acesso em: 14 br 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI** : para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. [2004?] Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>. Acesso em: 14 abr 2012.

SÃO PAULO. SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS. Contação de histórias. In: _____. [Site]. São Paulo: 2012. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/programas_projetos/contar_historias/. Acesso em 18 dez 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez, org. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 96-104.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n.2, p. 52-60, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 3. ed. São Paulo : Cortez, 1986.

_____. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 82-103.

TRAMANDAI. PREFEITURA MUNICIPAL. Biblioteca Municipal distribui Cesta Literária. In: _____. [Site]. Tramandai, 2012. Disponível em: http://www.tramandai.rs.gov.br/index.php?acao=noticias¬icias_id=7102. Acesso em: 20 dez 2012.

TRÊS PASSOS. PREFEITURA. [Site] Três Passos: 2012. Disponível em: http://bibliocicleta.com.br/?page_id=2. Acesso em: 18 jan 2013.

UNESCO. **Acesso à Cultura no Brasil**. Brasília : 2011. Disponível em:<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/access-to-culture/>. Acesso em 31 out 2011.

_____. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004. 304 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>. Acesso em 14 abr 2012.

VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (orgs.). Apresentação. In: _____. **Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras**. Rio de Janeiro : 7 Letras, 2010. p. 7-8.

VIOLA, Solon Eduardo Annes. Direitos humanos. In: STRECK, Danilo et al. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. p. 134-136.

WORLD'S Tiniest Library Pops Up In New York City. **The Atlantic Cities**. Disponível em: <http://www.theatlanticcities.com/design/2013/05/worlds-tiniest-library-pops-new-york-city/5742/>

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade. In: STRECK, Danilo et al. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. p. 130-131.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezado(a) participante:

Sou bibliotecária e estudante do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle. Estou realizando uma pesquisa intitulada *Democratização do acesso à leitura e à informação: a construção coletiva de um equipamento cultural*, cujo objetivo é debater o significado da leitura, bem como outras questões ligadas às implicações da democratização do acesso à informação na cidade de Canoas/RS.

Sua participação envolve a presença em uma entrevista e/ou grupo de discussão sobre esse assunto, que será gravada, se assim você permitir, com duração aproximada de trinta minutos.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar, ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade para isso. Na divulgação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado, para a produção de conhecimento científico e para a construção de um projeto de biblioteca comunitária.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas com a pesquisadora através do número de telefone 51 9146-4074 ou com a professora orientadora, no telefone 51 9418 7876.

Jacira Gil Bernardes

Aline Accorssi
Profa. Orientadora

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Canoas, 14 de maio de 2012.

Nome e assinatura do(a) participante

.....

Assinatura do(a) participante

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO (MENOR)

Eu,, permito que meu filho(a)
.....participe do Projeto de Pesquisa desenvolvido por Jacira Gil
Bernardes do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais,
UNILASALLE.

Fui informado(a) que esse projeto tem como objetivo desenvolver e analisar
um processo coletivo e participativo de democratização do acesso à leitura e à
informação em uma comunidade de Canoas, RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa se utilizará de gravações de vídeo, bem
como entrevistas, observações do cotidiano da comunidade com imagens que serão
geradas com o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto
ao uso e sigilo, quanto à identificação nominal, bem como a identificação de outros
participantes.

A participação do meu filho(a) é voluntária e se eu decidir sobre a sua não
participação ou desistência de continuar a qualquer momento tenho absoluta
liberdade para isso.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de
resultados com fotos e/ou vídeos por isso, autorizo a divulgação de imagens e dos
relatos para fins exclusivos de publicação e divulgação científica.

Canoas,de.....de 2012.

.....
Nome e assinatura do(a) participante